

MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA

Padre Joaquim José da Rocha Espanca



Cadernos Culturais
da
Câmara Municipal
de
VILA VIÇOSA

Procurando recuperar aspectos da cultura tradicional alentejana e promovendo obras actuais, os cadernos culturais fornecirão aos leitores em geral e aos Calipolenses em particular um melhor conhecimento do contexto histórico e social da actual geração.

NA CAPA:

Azulejos dos Reis de Portugal - Jardim das Damas - Palácio Ducal
de Vila Viçosa

NA CONTRACAPA:

Igreja do Forte do Ferragudo

MEMÓRIAS
DE
VILA VIÇOSA

NOTA IMPORTANTE

A presente publicação é cópia in-
tegral do texto do manuscrito de
AS MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA, ten-
do-se unicamente procedido às ac-
tualizações ortográficas que as
circunstâncias justificavam.

MEMÓRIAS

DE

VILA VIÇOSA

D. FRANCISCO DA CUNHA

Vivia na freguesia de S. Bartolomeu em 1619, sendo casado com D. Maria de Betancor e teve descendência.

Era filho do segundo matrimónio de João de Tovar Caminha. Veja-se este porque ali se encontram mais notícias do sobredito.

Em 1616 estava emancipado com alvará de El-Rei apesar de só ter 20 anos. Achava-se então em Madrid fazendo requerimentos para se embarcar para a Índia e por isso mandou procuração ao seu irmão mais velho Afonso de Tovar Caminha para lhe vender cá os bens da sua legítima. Essa procuração foi passada a 29 de Junho do sobredito ano (Notas).

O Dom é de Castela.

FRANCISCO DURÃO MEXIA

Licenciado em Direito, Corregedor da comarca de Evora em 1709.

Era filho do médico Manuel Durão Mexia (veja-se).

D. FRANCISCO DE EÇA

Veja-se D. João de Eça e Fernando Rodrigues Pereira, onde estão notícias suas.

FRANCISCO FERNANDES BICHOVERDE

Era Moço das chaves da Capela Real e foi Procurador do Concelho em 1672. Casou em S. Bartolomeu no ano de 1660 com Margarida de Torres.

Creio que era o mesmo que Francisco Fernandes Botelho Bichoverde, pai de António de Torres da Silveira, de quem procedeu João de Torres da Silveira Bichoverde.

FRANCISCO FERNANDES BICHOVERDE

Cadornega diz que no seu tempo era Intendente das estribarias do Duque D. João II e chama-lhe "homem honrado e abastado de bens". Por isso a nossa Câmara em 20 de Julho de 1644 recenseou-o para servir, montado à sua custa, na Companhia de Ordenanças criada por ordem de Sua Majestade no mesmo ano.

FRANCISCO FERREIRA DE CAMPOS

Nascido na Matriz em 1677 e filho de João Ferreira de Campos e de sua mulher D. Helena de Matos.

Já casado em 1708 com D. Inácia Maria de Magalhães, filha de António Francisco de Araújo.

Foi Cavaleiro da Ordem de Cristo e Vereador em 1703, 1726, 1737 e 1740. Depois disso teve o cargo de Escrivão da Câmara até 1769, ano do seu falecimento. Mas não fez ali bom serviço porque escrevia mal e até pessimamente.

Casou em primeiras núpcias com D. Inácia Maria de Magalhães, falecida em 1720 e em segundas núpcias com D. Josefa Vicência de Torres Penalvo. Casou também com Inês Micaela Murteira, da qual já era viúvo em 1758, ano em que se compôs sobre os bens dela com António Navalhadas Galveias, sobrinho dela. Esta D. Inês doou-lhe os bens em 1722.

Como não deixasse filhos, a sua viúva e sobrinha D. Josefa requereu a El-Rei a propriedade do officio de seu marido, alegando que não tinha meios de subsistência e serem os seus ascendentes criados da Casa de Bragança. Foi atendida e serviu em seu lugar Martinho José Leal. Não creio, porém, que ela fosse pobre (veja-se Inácio de Sousa Barbosa).

Morava nas casas do arco da rua de Santa Luzia, que ele vendeu em 1758 ao Padre Fernando José de Figueiredo, Capelão da Casa Real, com 84\$000 réis à Capela do Padre Paulo Correia Velho, por 400\$000 réis.

A família dos Campos era antiga na nossa vila.

No princípio do século XVII viviam, sendo casados, Frutuoso de Campos e Gaspar de Campos, este na Matriz e aquele em S. Bartolomeu, etc.

Era filho de Manuel António de Magalhães e de Andreza Ferreira de Campos. Foi baptizado em S. Bartolomeu a 14 de Novembro de 1707 sendo seu padrinho o avô materno João Ferreira de Campos.

DR. FRANCISCO FRANCO

Aprendeu Medicina na Universidade de Alcalá na Andaluzia e tão eminente safu nesta faculdade que, passando a Portugal, o fez Médico da sua Câmara El-Rei D. João III. Deixou porém depois este honroso lugar para exercer outro bem mais nobilitante e proveitoso à humanidade, qual o de reger uma cadeira na Universidade de Sevilha.

Assim o diz a Biblioteca Lusitana do Abade Barbosa.

FRANCISCO FREIRE

Pai de Bernardino Freire Pereira (veja-se).

Serviu a Casa de Bragança.

Faleceu em 1583 e jaz na Igreja das Chagas em sepultura própria.

FRANCISCO GALVÃO

*... fugindo ao pecado
Deixa a vida descansado
Sem um pesar nem temor!*

(Rossa - A Dama e o Esqueleto)

Já falámos do filho e agora cabe lugar ao pai, de quem ele aprendeu as lições de inimitável cavaleiro.

Francisco Galvão, pai de António Galvão de Andrade, era filho de João Miguens Galvão, Estribeiro-menor do Duque D. João I, e de D. Antónia da Guerra, natural de Estremoz.

Seu avô paterno, do mesmo nome, foi o primeiro que serviu a Casa de Bragança nos empregos de guarda-roupa e camareiro-menor de D. Jaime; e isto por efeito de uma recomendação feita ao mesmo Duque pelo Cronista-mor do Reino Duarte Galvão, que era tio daquele. Depois seu filho, João Miguens Galvão, passou a Estribeiro do Duque D. João I e assim foram os seus descendentes sucedendo neste lugar, de sorte que Lourenço Anastácio Mexia Galvão, 4º neto daquele, cuja biografia escrevemos aqui, era ainda Estribeiro da Rainha D. Maria I.

Estas notícias e as mais que darei adiante são extraídas de um folheto de 29 páginas intitulado "Vida de Francisco Galvão" e escrito pelo mencionado Lourenço Anastácio. Diz ele:

"A antecipada penetração e génio dócil (de Francisco Galvão) foram desde os primeiros anos sinais evidentes do que depois veio a ser e estas boas qualidades, com uma austera educação e bons exemplos, estabeleceram nele o virtuoso procedimento em que persistiu sempre.

Aplicou-se aos Estudos e Artes que frequentavam naquela Corte (Vila Viçosa) os outros da sua qualidade, distinguindo-se muito na de Cavalaria, em que foi dextro e desembaraçado, merecendo pelos primores com que a exercitava ser geralmente reputado por um dos melhores cavaleiros que no seu tempo se conheciam.

De florente idade passou a servir nas nossas fronteiras de África e ainda que não há notícia certa das praças em que militou, consta pelo que escreveu em vários lugares no seu "Tratado da Ginetá" que esteve nas de Mazagão e Ceuta, fazendo a maior residência na de Tangere. Nesta se achou em algumas ocasiões de guerra, sendo Capitão daquele presidio D. Francisco de Almeida, o qual por vezes desbaratou com grande crédito do nome português aos Almocadens Xidede, Ali Azeitão, Bujumar e outros entre os Mouros singularmente respeitados. (1)

No ano de 1587 (quando contava os seus 24 anos) achava-se já em Vila Viçosa e o Senhor Duque D. Teodósio II, por carta de 26 de Setembro do mesmo ano, lhe fez mercê do officio de Estribeiro, de que seu pai fora proprietário.

Serviu este emprego com muita satisfação do Duque e por sua ordem passou a Madrid no ano de 1603, encarregado de comunicar alguns particulares a D. Juan Hernandez de Velasco... pai da Senhora D. Ana de Velasco, que então se tratava de casar com o mesmo Duque.

Efectuado o consórcio, foi um dos officiais da sua casa que levou consigo quando partiu para a ponte do Caia... onde havia de esposar a Duquesa; e entregue dela em 17 de Junho do ano referido, voltou a Vila Viçosa com luzido e magnífico aparato, precedendo ele immediato ao coche em que os Duques se transportavam, montado num bom e bem ajaezado cavallo, vestido de veludo de roxo variado, com mangas de cetim da mesma cor e ferragoulo de chamelotte irmão, com chapéu de tafetá guarnecido de jóias e plumas, e espada dourada.

Seguiram-se muitas festas com que se aplaudiu aquele Real matrimónio; e entre elas houve dois dias de touros: um a 18 de Junho, que era o seguinte da entrada, e outro no 1º de Julho, sendo Francisco Galvão um dos cavalleiros que safu a eles e que melhor obrou sortes e destrezas de muito primor e ciência.

Três anos depois, no de 1606, casou recebendo-se na freguesia de Nossa Senhora da Conceição... (2) com D. Brites Mouro de Andrade, filha de André

(1) O autor do Parnaso de Vila Viçosa menciona Francisco Galvão como um dos que assistiram à batalha de Alcácer-Quibir em 1578 (L.2, cap.33) e, não obstante contar ele então apenas 15 anos, isso não obsta a que fosse acompanhando o Duque de Barcelos que só tinha 10, e decerto lá ficou prisioneiro até ser resgatado.

(2) Verifiquei: foi a 8 de Janeiro. O assento diz simplesmente que a noiva era Brites Mouro.

Alvares Mouro, Fidalgo da Casa de Bragança, aio que fôra da Senhora D. Joana, irmã do Senhor Duque D. Teodósio I.

Com sua mulher viveu sempre na maior harmonia, não alterando a mudança de estado o regular procedimento que praticava e pelo qual lhe assinalavam uma virtude maciça.

Era temente a Deus, inimigo dos vícios, resignado nos prósperos e adversos acontecimentos, frequente nos actos de caridade; e assim continuou. Mortificava-se ainda em coisas indiferentes e prosseguiu neste exercício com a mesma constância, ornando-se por esta forma de uma vida reformada e escrupulosa.

Devendo distintas estimações aos Príncipes da Real Casa de Bragança, como contemplava o incerto e caduco da vida e o pouco fixo e variável das coisas humanas, nunca o desvaneceram estes favores, nem se aproveitou deles para medrar em interesses - prática trivialmente seguida entre aqueles a quem a fortuna lisonjeia e vêm ao mundo com menos conhecimento.

Além destas virtudes, tinha entranhável devoção a Nossa Senhora e ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia, que recebia com reverência e humildade, procurando, quanto cabia nas suas forças, preparar-lhe na sua alma digna hospedagem.

O tempo que lhe sobejava das suas políticas obrigações e dos seus devotos exercícios empregava-o em honestos entretenimentos e nestas horas solitárias escreveu, por persuasão de Frei Pedro Galego, seu grande amigo com quem havia militado em Africa, um Tratado de Gineta em que respondia a vinte e quatro perguntas que o mesmo lhe fizera a respeito daquela arte que insigneiramente praticara em tempo de secular. Por esta razão o supõe autor de toda a obra o da Biblioteca Lusitana no tomo III, fl. 583; porém, memórias certas e seguras certificam que um e outro o compuseram.

Deste livro se serviu seu filho António Galvão de Andrade para a Arte de Cavalaria que compôs e deu à luz no ano de 1678, na qual se vê, combinando alguns lugares com o dito Tratado, que muitas das extraordinárias cavalaria que obrou no casamento do Senhor Rei D. João IV foram consequências das lições de seu pai, de quem diz haver sido discípulo no prólogo do mesmo livro... *aproveitando-me sempre das lições de meu pai...*

Este tratado se imprimiu em Lisboa no ano de 1629 sem o seu nome porque tratavam sempre com desprezo quanto desafiasse vaidade.

... ..

Contando mais de setenta anos sem que sentisse os efeitos da velhice, encaminhou-se um dia de manhã à Igreja de S. João Evangelista... da extinta Companhia Jesuítica. E ali, depois de se confessar e comungar, posto de joelhos com as mãos levantadas ao céu, principiou a render graças ao seu Criador pelos benefícios recebidos da sua Providência. E nesta devota postura exalou o espírito, ficando da mesma sorte em que se achava.

Chegaram as horas de se fecharem as portas; e, vindo o porteiro a esta diligência, como visse Francisco Galvão daquela forma julgou que orava devotamente e, sem lhe falar, voltou com as chaves a recolher-se. Porém, tornando de tarde para as abrir, admirado de conservar-se ainda na postura em que o havia deixado, se chegou a ele e reconheceu conservar a imobilidade sem que o animasse o espírito que piedosamente se pode crer que passou ao eterno descanso.

Divulgado o successo, acudiu à Igreja numeroso concurso e, estando três dias por enterrar, foi sangrado no fim deles e manifestou a cissura sangue fluído sem mudança de côr.

Foi sepultado na Igreja das Religiosas da Santa Cruz e tem uma grande campa de mármore com o seguinte epitáfio: *Sepultura de Francisco Galvão, Estribeiro do Duque D. Teodósio II, e de sua mulher D. Brites Mouro e de seus herdeiros.*

O dia em que faleceu, não consta, e só o ano que foi o de 1636."⁽¹⁾

... ..

O dito livrinho, de onde extractei o que precede, tem na frente o retrato deste piedoso varão.

Além de António Galvão, teve ele uma filha de que se fala nos apensos do testamento do Duque D. Teodósio II e que se procurava então meter Freira (1630). Este Duque remeteu ao seu sucessor a doação do dote, que alguém pediu, o que prova não ser rico seu pai.

No cartório da Misericórdia e título das Enterrações no livro da escritação de 1600 a 1601 achei memória de ter enviuvado em 25 de Abril do último destes dois anos. Chamava-se a sua primeira mulher Basília Romana, e não admite isto dúvida porque se diz lá ser "mulher de Francisco Galvão, es

(1) No registo da Matriz não tem assento de óbito e, se lho lavraram em S. Bartolomeu, em cujo distrito veio a falecer, é impossível encontrá-lo porque não existe já.

tribeiro pequeno".

O dote da sua segunda mulher foi de 400\$000 réis em fazenda, móveis e dinheiro, conforme a escritura lavrada em 7 de Janeiro de 1606 pelo tabelião André Luís de Cerveira.

Em 1615 arrendou a herdade das Ferrarias no termo do Alandroal, a qual era sua, por 9\$000 réis anuais.

Em 1637 casou-se sua filha D. Leonor de Andrade com António Mendes Gasção. Tinha esta a propriedade de um officio do tabelião de notas e do judicial em Borba, que no dito ano arrendou por 50\$000 réis pagos aos quartéis.

Francisco Galvão foi também poeta, amigo e imitado de Luís de Camões. Dele fala T. Braga, com elogio, no seu Manual de Literatura, pág. 302, mencionando quatro sonetos que se encontram nas obras do referido Camões.

FRANCISCO DA GAMA LOBO COELHO

Nascido em Elvas a 2 de Maio de 1829 e filho de Nuno da Gama Lobo, Major reformado, e de D. Maria José da Silva Lobo, irmã de D. Francisco Xavier da Silva Lobo, veio pouco depois de 1834 para a Quinta do Panasco, de Pardais, para viver em companhia de D. Genebra Lobo Infante de Lacerda, sua madrinha, casada com José de Assa Castelo Branco. E depois da morte deste último fez a compra da referida quinta por lhe ter muito amor e desejar passar ali toda a sua vida.

Casou primeiramente com Maria da Lapa, moça rica da mesma freguesia de Pardais, da qual teve a D. Joana Isabel da Gama Lobo, que casou em 1878 com o Alferes de Cavalaria Joaquim Augusto Ripado; e por morte daquela passou a segundas núpcias com Violante de Jesus, viúva de João António Pereira, da qual não há descendência sobreviviva.

No biénio de 1876-77 foi Vereador da Comissão Administrativa do Município, nomeada pelo Governo Civil de Evora, visto não se ter efectuado a eleição popular.

Faleceu na Quinta do Panasco a 8 de Fevereiro de 1886 e foi sepultado no cemitério público de Pardais.

FRANCISCO GARCIA

Assentista em 1708 e já casado com Maria da Conceição.

Foi Vereador em 1723, 1726, 1729, 1732 e 1737.

Era Capitão de Auxiliares e natural desta vila.

Casou e teve uma filha que se chamou D. Isabel Vicência Garcia, que casou com o Dr. Luís Antunes Moreira.

Em 1723 possuía a herdade da Fonte da Pedra no termo de Borba.

Em 1727 comprou à Misericórdia por 12\$000 réis uma das sepulturas de fora da porta para si e seus herdeiros.

Era falecido em 1734.

Deixou cinco filhas: Francisca Rita do Sacramento, Antónia Josefa e Rita Vicência - todas três Freiras na Esperança; Maria Rita, casada com André de Matos em Portalegre e D. Isabel Vicência Garcia casada nesta vila com o Dr. Luís Antunes Moreira.

FRANCISCO GIL BARREGÃO

Nascido nesta vila e filho de Manuel Gil Barregão e de Isabel Mendes.

Entrou para o Colégio dos Reis em 4 de Maio de 1708 e, como saísse hábil organista, passou a ter este emprego na Real Capela da sua pátria.

Ordenou-se em 1721 dotado por Manuel Soares Freire e seu irmão Filipe Freire.

Teve além disso a cadeira de Cónego-capelão, lugar que exercia efectivamente quando faleceu em 1784.

FRANCISCO GODINHO DA GUERRA

Licenciado em Leis, filho do Dr. Manuel da Guerra.

Tinha 35 anos em 1615 (Notas).

FRANCISCO GOMES

Licenciado em medicina e cirurgião da Misericórdia em 1659 com 8\$000 réis e 30 alqueires de cevada (Cartório da Misericórdia) para cuidar os doentes de fora do hospital.

FRANCISCO GOMES CARDONA

Teve o posto de Alferes da 4ª Companhia de Ordenanças por patente de 11 de Janeiro de 1830 e foi Vereador no biénio de 1842-43.

Tinha sido sapateiro e era agora proprietário e fabricante de vinhos.

Faleceu em 21 de Fevereiro de 1848 sendo viúvo de Luísa Joaquina e sem descendência.

Anselmo José Cardona, também Alferes de Ordenanças, era seu irmão. Um outro, chamado Francisco, mudou para Évora o seu domicílio e, como só este houvesse filhos, não temos já Cardonas em Vila Viçosa.

FRANCISCO GOMES MOSTARDA

Natural da nossa vila e filho de Simão Fernandes Leal.

Sendo já Padre e estudante do 4º ano do Curso de Artes na Universidade de Évora, frequentou Teologia por algum tempo no ano lectivo de 1637-38, o que eu mesmo verifiquei na Biblioteca da dita cidade à vista do competente Livro das Provas do Curso Teológico.

Teve o grau de Licenciado e foi Pároco de Pardais 21 anos ou desde 1639 a 1660.

Em 1648 doou umas casas defronte da "porta grande" da Igreja de S. Sebastião à sua sobrinha Maria Dias, casada com Simão Fernandes Cavaleiro - casas que partiam da banda do Rossio com as de Jorge Cordeiro, o espingardeiro.

FRANCISCO GOMES PEREIRA

Professor do ensino primário em Bencatel (1860-67).

DR. FRANCISCO GOMES DA SILVEIRA

Filho de Paulo Gomes da Silveira.

Advogado, vivia em Lisboa no ano de 1726.

FRANCISCO GONÇALVES DURÃES

Tabelião que começou em 1651 e em 1656 servia também interinamente de Escrivão da Câmara.

Vivia ainda em 1668.

FRANCISCO GRALHO

Foi Vereador em 1592 (Livro 1 dos Registos da Câmara, fl. 65) e em 1589 (Notas).

Era pai do Licenciado Diogo Martins de Carvalho, já graduado em 1590.

Na Matriz, a 30 de Novembro de 1623, casou um do mesmo nome com Beatriz Nunes, filha de Francisco Nunes e de Margarida Rosa.

Faleceu este em 1650.

FRANCISCO INACIO DE MIRA VIDIGAL

Eborense e hábil cirurgião.

Começou a servir o partido da nossa Câmara em 1804. Depois passou a Cirurgião-mor do Regimento de Infantaria nº 15 e exercitou-se mais do que nunca em amputações durante a Guerra Peninsular, por cuja razão veio a ser um dos melhores operadores da província e com tal fama que ainda não está olvidado o seu nome.

Finda a dita guerra, voltou a encarregar-se novamente do partido da nossa Câmara, sendo já casado com a nossa patrcia D. Leonor Gertrudes da Costa Feio, de quem houve dois filhos e duas filhas. Enviuvando desta em 1825, passou a segundas núpcias com D. Maria Vicência de Valadares, da qual não teve tempo de ter filhos porque, nascendo-lhe um antraz, morreu dele a 12 de Janeiro de 1826 sendo ainda muito vigoroso.

Fez sarjar por outrém o antraz prognosticando logo a sua morte ao cabo de três dias e por isso mesmo foi pessoalmente despedir-se de sua filha, a Madre Henriqueta, Freira e Organista do Convento da Santa Cruz, e de outras pessoas da sua mais íntima amizade. Preparou-se no outro dia com os sacramentos dos moribundos e ao terceiro, contando já a vida por poucas horas com o relógio ao pé, fumava um cigarro quando o seu Pároco Frei Antó-

nio Pedro da Rocha (nomeado já aqui) tomou ocasião de lhe dizer: - Pois se Vossa Senhoria conhece que a sua vida está a findar, levante o pensamento a Deus. Procure converter-se para ele para que lhe perdoe as ofensas da vida passada e tenha só em vista a salvação da sua alma preparando-se cristãmente para morrer já que Deus lhe dá tempo para isso... - Tem razão, tornou-lhe o Mira e, arremessando ao chão o cigarro que tinha na boca, ouviu atentamente as práticas do seu pastor espiritual e recitou com ele o officio dos agonizantes enquanto pôde e os circunstantes continuaram com fervorosas preces até que ele expirou.

Francisco Inácio estudava muito e como possuía grande talento compôs um compêndio de "Princípios de Fisiologia" que lhe servia de texto para dar lições a um Amarel de Terenã e outros que então nas nossas terras de província obtinham aprovação para exercerem a clínica médica e cirúrgica nas aldeias. Foi publicado este compêndio no ano de 1821.

Ao avesso dos médicos do nosso tempo, era o Mira espiritualista e bom cristão e foi muitos anos Escrivão da Irmandade do Santíssimo da Matriz, em cujos livros há muita escrituração sua.

FRANCISCO INACIO DE OLIVEIRA

Este homem comprou em 1747 a Lopo Vaz de Almeida (3º) por 30\$000 réis umas casas térreas e um casarão na rua de Santa Luzia à esquina da rua das Cortes e formou aí uma boa casa nobre de lindas vistas: casas que ainda pertencem à Senhora das Dores da Santa Cruz, ainda que no presente se achem na posse da Fazenda Nacional.

Era casado com Paula Gomes Catela, de que houve a Vicente José Catela de Oliveira, ao qual dotaram em 1759 para se ordenar.

Vivia em 1782 sendo Ajudante dos Auxiliares e nesse ano doou as suas casas nobres (obra sua) da rua de Santa Luzia ao sobrinho José Vicente de Oliveira. Eram à esquina da rua das Cortes da parte de baixo.

Era dono da quinta de S. Vicente que ele arrendou em 1793 por 110\$000 réis.

A sua filha Gertrudes Felícia casou com Luís A. Canivete e a ela pertenceu a quinta de S. Vicente.

I de FRANCISCO JOSE DA COSTA

Era Calipolense. Filho de João da Costa da Fonseca, Escrivão do Judicial, por cujo óbito houve em 1738 a propriedade do mesmo officio e conser - vou-o largos anos (Livro 4 dos Registos da Câmara, fl. 24 v.).

Em 1743 era também Recebedor do almoxarifado da Casa de Bragança.

Tomou posse do posto de Capitão de Ordenanças em 24 de Julho de 1744.

Foi Vereador em 1746, 1747, 1757, 1758, 1759, 1760 e parte de 1761.

Em 1773 ausentou-se para Castela (qualquer que fosse o motivo) segundo consta da patente do Capitão António Joaquim da Rosa, nomeado em seu lugar (4 de Novembro de 1773).

Casou em 1744 com D. Ana Xavier da Silveira Girão, filha de António de Torres da Silveira, que veio a falecer em 1795 sendo ele ainda vivo. Foi dotada por seus pais numa capela no termo do Alandroal instituída por Júlio Mendes Frade, em que entrava a herdade da Chorreira e era de livre nomeação, mas com reserva do usufruto para os dotadores.

Teve uma filha de nome D. Maria da Piedade Girão da Costa Fradessa que em 1768 era casada com João José da Costa e Avelar.

Em 1770 renuncia em seu filho João da Costa Frade da Silveira ao officio de Escrivão do Judicial. Em 1782 reassumiu a serventia do officio de Escrivão do Judicial, de que era proprietário.

FRANCISCO JOSE DA FONSECA PREZADO

Tabelião de Notas e Escrivão do Juízo Ordinário (1850).

FRANCISCO JOSE MARTINS

Era Padre e foi o companheiro e incansável cooperador do missionário Padre Angelo de Sequeira na fundação da Igreja de Nossa Senhora da Lapa.

Constituída a nova irmandade da mesma Senhora no ano de 1756, foi seu Te soureiro até falecer.

Floresceu, pois, no meio do século XVIII.

Acólito em 1751.

Dotou-se em 1752 com bens no valor de 320 réis para tomar ordens sacras, sendo já falecidos os seus pais que não nomeia.

Era falecido em 1781, ficando herdeiros suas duas irmãs: Vicência Francisca e Feliciano Inácia.

Veja-se o capítulo 28 da Segunda Parte.

FRANCISCO JOSE DE MELO LOBO

Foi Vereador em 1751.

Era filho de António Luís de Melo, da casa vincular do Pego da Moura.

Casado em 1754 com D. Joaquina Josefa de Magalhães e Matos.

FRANCISCO JOSE VIDIGAL DA FONSECA

Conhecido vulgarmente por Francisco Valério por ser filho do célebre Procurador do Povo ou dos Misteres Valério da Fonseca.

Seu pai o mandou estudar cirurgia e, voltando aprovado, começou a exercer a clinica na sua pátria no ano de 1778.

Era bom facultativo e bem estimado pelos seus patrícios.

Casou em 1780 com Felícia Teresa de S. Francisco e teve um filho chamado Bento Porfirio que em 1830 era Cirurgião-mor do exército, e uma filha cujos descendentes vivem na miséria.

Faleceu em 19 de Novembro de 1825.

FRANCISCO LOBO INFANTE DE LACERDA

Baptizado em S. Bartolomeu no ano de 1708.

Em 1730 era casado com D. Caetana Lobo de Melo, natural de Faro, e teve na freguesia de S. Bartolomeu um filho do mesmo nome.

Em 1744 era casado com D. Micaela Teresa.

Tenente de infantaria, morador em Olivença, sucede nesse ano na capela de Pardais de seu tio Manuel Infante.

Capitão em 1756.

Morava cá em 1757.

Em 1748 assinou o filho, Francisco Lobo, uma escritura de divida em que hipotecaram a herdade da Capelinha na Terrugem e a quinta de Pardais. Moram ambos em Olivença.

Em 1755 era capitão do Regimento de Cavalaria de Moura e Cavaleiro da Ordem de Cristo, mas não sei se era o pai ou o filho.

Em 1770 já António Lobo, filho ou neto de um destes, estava de posse da quinta da azenha de Pardais.

FRANCISCO LOBO PINHEIRO

Serviu o cargo de Vereador em 1660 e 1664.

Mesário da Misericórdia em 1662-63.

No 1º de Abril de 1663 foi eleito como procurador da Câmara e Povo para ir a Lisboa representar a El-Rei sobre as quebras dos rendimentos desta vila com as devastações de D. João de Austria durante as companhias de 1662 e 1663 e alcançou que se pagassem Sisas singelas e não dobradas como o Governo exigia. Foi-lhe pago o custeio da jornada por uma subscrição particular.

Tinha a propriedade da vara de meirinho da correição de Coimbra e sua comarca, segundo uma escritura de 1689.

Casou com D. Catarina de Sande Corte Real.

Em 1686 vivia na freguesia de S. Bartolomeu, sendo casado com D. Maria Borralha de Reboredo e com descendência e outro (seria o mesmo?) casado com Catarina Rodrigues em 1695.

FRANCISCO LOBO DA PONTE

Assistente do Correio.

Arrenda este officio em 1738 a Manuel Soeiro de Carvalho por 100\$000 réis e 18 paos.

FRANCISCO LOPES SOARES

Foi Procurador do Concelho em 1689, 1697, 1698, 1699 e 1703.

Era casado com Maria da Veiga, de quem houve uma filha por nome Antónia da Veiga, a qual casou na Matriz em 1716 com seu primo-irmão Domingos Rodrigues de Távora, já viúvo de Maria Freire.

Em 1721 dotaram o seu filho Paulo Lopes Soares para ser clérigo.

Era falecido em 1726, deixando umas filhas de que foi tutor o filho padre.

FRANCISCO LOPES DE TORRES

Em 18 de Setembro de 1737 tomou posse do posto de Capitão de Ordenanças da Companhia de S. Romão. Era porém morador na vila e pai do Dr. e Padre João de Torres. Teve mais a Frei Francisco de S. José, Paulista, a Frei Luís de Torres, Paulista, e a Francisco Angeleto Machado Vieira Primoroso, Advogado.

Foi casado com Maria Madalena Vieira e vivia na paróquia de S. Bartolo - meu.

Exercitou o cargo de Vereador em 1747 e 1754. Faleceu três anos depois.

Vivia em 1679 um outro do mesmo nome, casado com Maria Ramos.

Entrou no ano de 1723 a servir o cargo de cirurgião do Hospital outro, talvez assim chamado igualmente. Este cirurgião, que já o era em 1716, era filho de Manuel Francisco Chorão, já falecido, e de Catarina Lopes, ainda viva.

FRANCISCO DE LUCENA

*Quem de nós, no balanço dos sucessos
Deste mar empolado e naufragoso,
Pode dizer seguro: - Pus um cravo
Na roda da fortuna?*

(Filinto Elísio - Obras Completas, Tomo IV)

Não me envergonho de incluir nesta secção o nome do infeliz secretário de Estado de El-Rei D. João IV, apesar do trágico fim que teve e do negro crime que parece afeiar a sua memória.

Filho de Afonso de Lucena, Secretário da Duquesa D. Catarina, e de sua mulher D. Isabel de Almeida, este Calipolense teve logo na sua mocidade todos os prenúncios de uma venturosa carreira. Porém (oh inconstância das terrenas prosperidades!), a fortuna afagou-o sempre correndo-lhe tudo a favor, obtendo riquezas, honras, prestígio imenso, para no fim de tudo, um

dia de repente, o desamparar a ponto de o deixar cair na infâmia da morte em cadafalso!

Em 1590 já Francisco de Lucena era Moço Fidalgo do Duque D. Teodósio II.

Em 20 de Dezembro ele e a sua mulher dão quitação à Duquesa D. Catarina de 400\$000 réis de dote e artigos que ela prometera para o seu casamento por ter sido sua dama, encontrando-se com isto uma terça de 50\$000 réis de que o Duque lhe fizera mercê (Notas).

Casou com D. Francisca de Castro, filha de D. Luís de Noronha 1.^o e parenta dos Braganças por D. Afonso, Conde de Faro.

Em 2 de Maio de 1596, por escritura lavrada pelo Tabelião Francisco Cordeiro, institui seu pai o Morgado de Peixinhos, nomeando-o a ele por seu primeiro administrador. Esse morgado era composto das suas legítimas e das terças de seus pais e, estando para casar em 1601, aceitou e confirmou a instituição do dito morgado em 17 de Novembro por outra escritura que lavrou o Tabelião Simão Luís de Cerveira.

De uma escritura de compra que seu tio Fernão de Matos fez da herdade da Barroqueira em Monsaraz, por 300\$000 réis, vejo que o tio sobredito formou um Francisco de Lucena um segundo morgado por ele instituído, vindo assim a possuir dois. A escritura é de 17 de Outubro de 1608.

Tinha em Madrid o seu tio paterno Fernão de Matos feito Secretário do Conselho de Estado de Portugal e sob a sua protecção vai succeder-lhe no mesmo honrosíssimo emprego, tendo a feliz sorte de conservar-se nele pelo espaço de 36 anos (História Genealógica, Tomo VII, pág. 99).

Entretanto o nosso ilustre patricio não abandona a sua pátria, indo e vindo com frequência da Corte de Madrid para a de Vila Viçosa, onde sempre teve por solar a casa de Peixinhos. E, posto que esfriem as suas relações com a Casa de Bragança, como diz Cadornega, não deixa em 1633 de tomar parte na comitiva do casamento do Duque D. João II com a sua mulher e seu filho Afonso, já casado em primeiras núpcias.

Intrigas da Corte de Madrid fazem que o Rei Filipe IV coloque o filho no officio do pai e mande este para Lisboa com o emprego de Secretário das Mercês.

Começa aqui a história da sua desgraça e portanto deixemos falar uma testemunha insuspeita e contemporânea: o autor do Portugal Restaurado.

"Neste exercício (de Secretário das Mercês) o achou a aclamação de El-Rei D. João IV e, inculcado pela sua grande capacidade, o elegeram os Governadores para servir de Secretário de Estado até que El-Rei chegasse por-

que, ainda que ele no tempo de Castela havia encontrado os interesses da Casa de Bragança, era conhecidamente inimigo de Miguel de Vasconcelos. Deu-lhe El-Rei posse do exercício em que o achou e satisfez-se de sorte do seu talento que se acomodava a seu parecer em todas as matérias importantes. Este favor incitou a inveja e foi ocasião da ruína de Francisco de Lucena.

Estava preso em Madrid o seu filho Afonso de Lucena e procurava meios de o livrar da prisão ou ao menos de lha suavizar. Cresceu de sorte a murmuração desta diligência que passou a fazer suspeitosa a sua fidelidade e este foi o fundamento dos capítulos que se deram contra ele, de que se originou mandá-lo El-Rei preso para a Torre de S. Gião porque, ainda que na sua opinião era inocente e havia dado consentimento às diligências que Francisco de Lucena fazia pelo alívio da prisão do seu filho, eram tantas as pessoas e de tanta autoridade as que se fizeram partes naquele negócio que lhe pareceu a El-Rei preciso satisfazê-las.

E desta resolução veio a resultar a Francisco de Lucena a última calamidade (Parte 1ª, L. 6).

Uns assinados em branco, mandados ao seu filho para fazer uso deles nas diligências do seu livramento, foram ter às mãos do Conde Duque de Olivares que se aproveitou dos mesmos para os remeter para Lisboa e serem-lhe daqui reenviados por um confidente secreto como correspondências do Secretário de Estado em que se lhe revelavam altos segredos de gabinete. Assim, apreendidas estas cartas de correspondência, nenhuma dúvida restava de ser verdadeira a assinatura delas, posto que o seu conteúdo fosse escrito por mão alheia e incógnita. Sirva isto de exemplo aos que assinam em branco!

Instaurou-se processo e os Desembargadores Francisco Lopes de Barros e Cristovão Mouzinho continuavam a devassa das culpas "e achavam tão pouco fundamento nas que lhe arguiam" que os amigos de D. Francisco de Lucena "com esta notícia o julgavam restituído, não só às primeiras occupações, mas a maior favor de El-Rei, *conhecidamente inclinado ao seu grande merecimento*".

Foram tão pouco evidentes as culpas do Secretário de Estado que no começo do seguinte ano de 1643 passou Pedro de Mendonça à fortaleza de S. Gião com ordem de soltá-lo "por se lhe não provar alguma das culpas por que o capitulavam" (Portugal Restaurado, *ibid.*)

Neste estado de coisas sobreveio um incidente que precipitou a desgraça do nosso infeliz patricio. O Ajudante D. Pedro Bonete, preso e tractado, declarou (cuidando que podia com isso livrar-se) que havia trazido um maço de cartas para D. José de Menezes, Governador da Torre de S. Gião, e que

um soldado chamado Manuel de Azevedo trouxera também uma carta do Conde Duque, outra de Diogo Soares e outra de Afonso de Lucena, sendo todas para o pai deste.

O efeito desta declaração foi ser transportado o réu para a cadeia do Limoeiro no meio de uma sublevação do povo de Lisboa quando já o tinham julgado inocente.

Interrogado Manuel de Azevedo, disse que as cartas vinham todas num maço e nisto discordou do depoimento de D. Pedro Bonete que dizia virem apartadas. Instando-lhe os Desembargadores "como soubera as pessoas para quem vinham", respondeu que lho havia declarado o Conde Duque. E, no dia seguinte, indo os ministros de justiça ratificar a confissão para a fazer jurídica, duvidou Manuel de Azevedo tomar juramento. Porém jurou ameaçado com segundos tratos⁽¹⁾ mostrando em todos os actos que o temor dos tormentos o havia obrigado a confessar o que não fizera. Por fim disse que "para morrer sem escrúpulo, declarava que não trouxera carta alguma de Castela a Francisco de Lucena e que, se o havia dito, fôra obrigado da dor dos tormentos (Ibid.)

O infeliz Calipolense tinha de ser sacrificado à inveja dos grandes a quem fazia sombra e ao ciúme do povo que em tudo via perigos para a independência nacional, ainda mal segura.

Neste tempo chega de Madrid o Jesuíta Padre Francisco Manos, a quem muitos culpan sem razão porque disse o que eu ou qualquer outro diria. Perguntando-se-lhe em Lisboa novidades de Madrid, responde ele: - *Por lá corre que o Conde Duque se corresponde com Francisco de Lucena.* E corria de facto. Logo o dito Jesuíta não foi mais do que o eco de um rumor que o referido Conde Duque adrede espalhou para introduzir uma intriga entre os Estadistas Portuguezes: rumor aparentado como verdadeiro por meio dos assina-dos em branco, de que já falei. A este depoimento chama o Conde da Ericeira "autêntico" porque o era efectivamente, conquanto não provasse a imputação feita ao réu.

(1) Assim estava em uso na legislação criminal: dar tratos aos réus para os obrigar a confessar os crimes. Porém os tratos serviam a cada passo para confessarem o que não tinham feito só para não os atormentarem, ainda que viessem a padecer a pena última. A Inquisição, tribunal misto (eclesiástico e civil) herdou essa prática do tempo e não podia ser de outro modo porque assim vigorava no uso comum.

Juntou-se aos autos mais uma carta que El-Rei mandou aos Juizes deles com um Decreto que declarava ser a pessoa que a escrevera de grande confiança. Dizia a carta que em Madrid se espantaram os Ministros daquela Corte de não entrar Francisco de Lucena na conspiração do Arcebispo de Braga e advertia-se nela com apertadas instâncias que se dissesse a El-Rei que se não fiasse em Francisco de Lucena (Portugal Restaurado, *ibid.*).

Sempre a intriga! A pessoa "de grande confiança", sem sabermos quem fosse, faz serviços a Castela desunindo os Estadistas Portuguezes e, porque uns eram émulos do réu e a maior parte extremamente ciosos da sua independência politica, não havia outro recurso além de imolar Francisco de Lucena como vítima no altar da Pátria comum para todos ficarem aliviados da ansia que os sufocava, fosse ou não fosse realmente criminoso de alta traição!

O autor do Portugal Restaurado conclui assim:

"Com esta e outras provas de pouca consideração foi processada a causa de Francisco de Lucena!"

Não esquecerei ainda que se lhe imputou a principio ser ele o autor da soltura da Duquesa de Mântua quando, retida esta em Portugal, poderia talvez obter-se a libertação do Infante D. Duarte e também que fôra descuidoso em não avisar este a tempo de se pôr a caminho de Portugal antes que os Castelhanos se apoderassem dele. Mas a isto responde-se: quanto à soltura, em primeiro lugar o Conde da Ericeira não confirma que Francisco de Lucena fosse o autor dela, como se vê das suas palavras: *Davam por autor, etc.*; e em segundo lugar, se houvesse algum ajuste entre o nosso patricio e o Conde Duque de Olivares (D. Gaspar de Gusmão) para a soltura do seu filho mediante a liberdade da Duquesa de Mântua, ter-se-ia realizado aquela. Agora quanto ao aviso que supõem dever mandar Francisco de Lucena ao Infante D. Duarte (de quem dizem que lhe tinha aquele ódio velho), atenda-se a que ninguém podia suspeitar ou antever em Portugal que o dito Infante havia de cair nas mãos dos Castelhanos estando ele fora das possessões destes e que o dito Infante e seu irmão D. Alexandre, quando se desavieram com D. João IV e sua mulher, saíram para a Quinta de Peixinhos de Francisco de Lucena, o que prova não haver inimizades entre estes três, embora as houvesse entre o Secretário de Estado e o Duque.

Vamos ao final.

"Leu-se-lhe a sentença e, antes de comungar, depois de se haver confessado com grandes demonstrações de cristão, protestou que não havia delinquido na culpa por que o condenavam." Foi degolado a 28 de Abril (de 1643)

e ficou no juízo dos que o não sentenciaram à morte *muito duvidosa a sua culpa* (Ibid).

Tornou-se notável que fosse degolado com um cutelo que ele mesmo trouxera de Madrid e servira na degolação de D. Rodrigo Calderon, grande valido do Duque de Lerma, e que em Lisboa oferecera para a degolação do Duque de Caminha para cuja morte concorrera... Altos juízos de Deus, que não dor-me!

Tinha Francisco de Lucena em Vila Viçosa um irmão chamado Cristóvão de Matos Lucena, o qual foi preso juntamente com o seu filho Martim Afonso de Lucena por ocasião do testemunho de Pedro Bonete. Porém não passou daí o seu incómodo, porquanto acho memória no registo paroquial de S. Bartolo - meu de ter ali casado Martim Afonso a 23 de Janeiro de 1650 com uma D. Catarina.

Como réu de alta traição, foram prescritos os descendentes de Francisco de Lucena e a sua casa confiscada.

Ora, como a justiça da condenação de Francisco de Lucena ficou sempre duvidosa, cuidaram os seus descendentes em obter a sua reabilitação e veio por fim a consegui-la o seu bisneto D. André Jerónimo de Lucena em 1720, governando El-Rei D. João V, que anulou a sentença de 1643 dando por inocente o nosso infeliz patrício.

José Ramalho tomou de arrendamento à Casa de Bragança em 1705 o morgado de Peixinhos em 830\$000 réis.

André Jerónimo, que era filho de Francisco António, não veio para Portugal porque não lhe tardou a morte; mas veio seu irmão D. Bernardo António, pai de Joaquim Eugénio, do qual procedem hoje ainda os Lucenas. Saiba-se, porém, que o morgado actual vive em Lisboa (José Martinho).

Posto que o Marquês de Pombal negasse aos Lucenas o gozo do jazigo da Esperança, restituíu-lho a Rainha D. Maria I e tiveram-no até que cessou em 1838 o enterramento nas Igrejas; e, quanto ao título de Dom, também proibiu do pelo dito Marquês, sempre o conservaram os filhos segundos.

Foi Francisco de Lucena Comendador de Santa Comba dos Vales, Santa Maria da Ventosa e Fornelos, etc., Fidalgo da Casa Real e do Conselho dos Reis de Castela e Portugal.

A sua descendência foi esta:

- Afonso de Lucena Almeida e Noronha, o morgado;
- Fernão de Matos, que faleceu moço;
- Martim Afonso de Lucena, que ainda chegou a casar com D. Maria Mascarenhas, filha de Rui de Abreu de Vasconcelos, mas faleceu moço e sem des

cendentes;

- D. Guiomar de Castro e
- D. Isabel de Mendonça, Freiras no Convento da Esperança de Vila Viçosa;
- D. Antónia Maria de Ataíde, Freira no Convento das Maltezas de Estremoz;
- D. Joana de Mendonça, Freira no Mosteiro de Santos em Lisboa; e
- D. Leonor de Faro, também Freira em Vila Viçosa. (1)

FRANCISCO MACHADO

Filho de Manuel Machado que em 1529 foi para a Índia com Nuno da (Couto) como Capitão da sua guarda.

Escrivão da câmara em 1552.

Fidalgo do Duque D. Teodósio II em 1554 (História Genealógica, Tomo VI, pág. 59).

Em 1571 militavam na Índia João Machado, Cristovão Machado, António Machado e Luís Machado em Moluco (Couto, Dec. 9). Quatro ao mesmo tempo. Seriam irmãos e Calipolenses? O brasão de armas da casa da Corredoura tem sete machados.

Em 1512 militava em Málaca outro Francisco Machado que, se não era pai de João, devia ser parente seu (Osório, Vida de D. Manuel, L. 7). Henrique Machado morreu na batalha naval dada pelo Vice-Rei D. Francisco de Almeida contra Mir-Mocém.

(1) *Custa-me a crer que cinco filhas de um só homem fossem todas freiras de vocação.*

Daí vieram os abusos que tornaram odioso um tão santo e social instituto: o dos conventos!

Em 1581 servia também lá (na Índia) Pascoal Machado e Diogo Machado em Moscate e Francisco Machado em Ormuz. Este vai com D. Luís de Almeida infestar a costa dos Nautiques. Entram e assolam as cidades de Panani, Goadel e Teim (Couto, Dec. 10, cap. 1).

FRANCISCO MADEIRA DE FIGUEIREDO

Filho de António de Figueiredo de Almeida, já casado em 1613 com D. Maria de Betancor (Notas).

Vereador em 1618 (Notas).

Viúvo em 1625.

Em 1627 era Mantieiro do Duque (Notas).

Em 1652 vendeu a João Mendes Cepa a sua herdade de S. Romão (de Figueiredo) reputada no valor de 400\$000 réis (Notas).

Em 1634 meteu freira nas Chagas a sua filha D. Guiomar de Betancor.

Era viúvo em 1635 e tinha um filho chamado João Pereira de Betancor.

Em 1637 vivia em Monsaraz.

O filho João casou nesse ano com Francisca da Cunha de Alcanim que então vivia em Évora.

Ainda vivia Francisco Madeira em 1647 nesta vila. Parece-me que faleceu nesse ano.

Parece-me que teve também a Filipe de Almeida Figueiredo.

FRANCISCO MAIO CANHÃO

Advogado em 1750, casado com D. Briolanja Pinheiro Teresa de Jesus, viúva de Jerónimo da Costa.

Vivia cá ainda em 1762.

Era falecido em 1766 deixando a mulher por sua herdeira.

D. FRANCISCO MALDONADO

Vivia entre nós em 1624 e seguintes. Creio ser irmão de Frei António Maldonado (veja-se).

Em 1611 meteu freira na Esperança a sua irmã Isabel dos Anjos, noviça com 300\$000 réis de dote, sendo pagos 210\$000 réis com o valor de um quinhão na herdade da Granginha que rendia 54 alqueires de trigo anafil, 5 alqueires de cevada - tudo posto em casa do senhorio - e 550 réis de pitanga, com a posse de arrendar, e 90\$000 réis em dinheiro (Notas).

D. FRANCISCO MANUEL 1º

Este era filho de D. Rodrigo Manuel.

Foi Comendador de Ranhados na Ordem de Cristo. Serviu a Casa de Bragança como seu pai e este renunciou nele a capitania de Chaúl na Índia, a qual serviu por alguns anos. Voltando porém ao Reino, perdeu-se a nau em que vinha e morreu na costa de França em 1617 (História Genealógica, Tomo VI, pág. 659).

Era irmão de D. Isabel de Mendonça, mulher de D. Diogo de Melo Couto, e dela procede D. Cristovão Manuel e deste D. Sancho Manuel, 1º Conde de Vila Flor.

D. FRANCISCO MANUEL 2º

Filho e sucessor de D. Cristovão Manuel. Foi, como seu pai, Fidalgo da Casa de Bragança em tempo dos Duques D. Teodósio II e D. João II.

Seu neto, D. Sancho Manuel, foi 1º Conde de Vila Flor (História Genealógica, Tomo VI, pág. 658).

Este era tio paterno do antecedente, mas viveu até mais tarde, razão por que o pus em último lugar.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO 1º

Era filho quarto de D. Gomes de Melo 1º, Copeiro-mor do Infante D. Duarte, e de sua mulher D. Mécia Pereira.

Serviu na Índia e, sucedendo a seu pai na varonia, foi senhor do morgado da Ribeirinha na Ilha de S. Miguel e Alcaide-mor de Lamego.

Veio para esta vila a servir a Casa de Bragança em tempo do Duque D. Teodósio II.

Casando com D. Úrsula da Silveira, filha de Francisco Carneiro, Comendador de Santa Maria de Lamarosa, teve entre outros filhos a D. Luís de Melo e a D. Gomes de Melo (História Genealógica, Tomo IX, pág. 219).

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO 2º

Este era neto do precedente e filho do seu filho D. Luís de Melo.

Não nasceu nesta vila, mas é certo que sucedeu a seu avô no morgado por se finar o pai em vida dele, e que servia igualmente a Casa de Bragança.

Em 1635 era Agente desta Sereníssima Casa em Madrid, sendo varão ornado de ciência e grande talento, como justificam as obras que temos suas, impressas e manuscritas, diz a História Genealógica, Tomo VII, pág. 53.

Foi Comendador de Santa Maria do Hospital, etc. Serviu nas armadas e achou-se naquela em que se perdeu o General D. Manuel de Menezes. Estava na Catalunha quando foi aclamado El-Rei D. João IV e daí passou a este Reino, onde experimentou as inconstâncias da fortuna como varão admirável, diz a mesma História citada.

Morreu preso, não sei por que motivo, em 1667, sem se ter casado, mas deixou um filho natural chamado Jorge Manuel de Melo que morreu na Flandres na batalha de Senef em 1674, sendo Capitão de cavalos.

Cultivou muito as letras e, como quem tratara de perto a D. Teodósio II e a D. João IV, escreveu a vida do primeiro com título próprio e a do segundo com o de "Tácito Português", além de outras muitas obras publicadas pela imprensa que o fizeram figurar entre os clássicos da sua época (História Genealógica, Tomo IX, pág. 220).

FRANCISCO MARTINS DA COSTA

Licenciado que morava em Coimbra no ano de 1647, casado com Maria de Brito.

Era filho de Gaspar Gonçalves e enteado de Brites Martins (Notas).

FRANCISCO MARTINS CURADO

Veio para esta vila por caixeiro de Joaquim Luís Fernandes que, falecendo em 1872, o nomeou co-herdeiro com o seu sobrinho Joaquim José Fernandes. Mas a esse tempo já ele estava bem por ter casado com D. Antónia Vidigal Montenegro, filha natural, mas co-herdeira de Ernesto Maria Vidigal Montenegro, senhor de uma das melhores casas daquele tempo, o qual legitimou quatro filhas naturais que teve.

Nasceu na Carvoeira junto de Cardigos no ano de 1838.

Reedificou no ano de 1878 a casa que ultimamente fôra de Inácio José do Prado e de José Augusto da Silva Prezado na rua de Cambaia, dispendendo ali mais de dois contos de réis.

Foi eleito Vereador no verão de 1878 e, caindo-lhe a sorte para sair no fim de 1879, conforme a renovação parcial introduzida pelo novo Código Administrativo, foi reeleito para o quadriénio seguinte e os seus colegas conferiram-lhe a comissão de Fiscal.

FRANCISCO MARTINS TOSCANO

Este homem, conhecido mais vulgarmente pelo apelido ou alcunha de Reguengueiro por terem os seus pais vivido na Horta do Reguengo (como também sucedia com seus irmãos), era seareiro notável.

Foi muitas vezes Ministro da Ordem Terceira e, quando com o terramoto de 1858 se arruinou a capela e oficinas da mesma Ordem, não só contribuiu largamente para o seu reparo, mas abonou o dinheiro preciso para o resto das obras. Por último, fazendo testamento (apesar de ter mulher e três filhas) mandou que os seus herdeiros não pedissem contas algumas à dita Ordem. Faleceu aí por 1863.

Vivia na rua dos Gentis e casa que tem na frontaria uma imagem de azulejo.

FRANCISCO MARTINS VELHO DE MESQUITA E BRITO

Diz Barbosa na Biblioteca Lusitana que era tão nobre por nascimento como zeloso do bem público.

Assistindo em Madrid no tempo dos Reis Filipes, ofereceu a um deles um escrito intitulado *"Memoriales presentados a Vuestra Magestad, para que favorezca los pobres, y desempeñe sua Real hacienda, y venza los enemigos"*.

Nele discorre sobre seis pontos a que applica outros tantos remédios.

No fim tem estas palavras: *"Despues de impressa la tabla destes seis Memoriales, acordé à imprimir y arrimar en ellos quatro Memoriales, que estan à la postre, y assi los titulos de ellos no estan en la tabla"*. De onde se colhe, observa o mesmo Barbosa, que foram impressos os ditos memoriais, mas não sabemos se em Portugal ou em Castela.

E mais não diz, além de referir que era natural de Vila Viçosa.

Creio que era o Dr. Francisco Mesquita, senhor da Herdade do Ferragudo, que ainda conserva o nome de Mesquita. Vivia em 1633 e creio ser filho do Licenciado Tomé de Mesquita.

D. FRANCISCO DE MELO

Era filho e herdeiro de D. Gomes de Melo, Moço Fidalgo do Duque D. João II em 1633 e seu Trinchante, e de sua mulher D. Marinha de Portugal.

Foi Embaixador do mesmo Duque, sendo já Rei, ante a Corte de Inglaterra. Tratou ali o casamento da Infanta D. Catarina com o Rei Carlos II e acompanhou a noiva desde Lisboa, indo também com ela sua irmã D. Maria de Portugal com o título de Condessa de Penalva (História Genealógica, Tomo VII, pág. 297).

A Rainha Regente D. Luísa Francisca fê-lo Conde da Ponte em 1661 e no ano seguinte foi acrescentado a Marquês de Sande.

Foi a França em 1666 a ajustar o casamento de El-Rei D. Afonso VI com a Princesa D. Maria Francisca Isabel de Sabá, como seu Embaixador.

Este Calipolense brilhou como um dos mais distintos Diplomatas Portuguezes, como pode ver-se nas histórias daquele tempo.

Foi Alcaide-mor de Lamego, Comendador de S. Pedro da Veiga de Lola, de S. Miguel de Linhares, de Santa Maria da Torre, de Eita e de S. Martinho de Ranhados.

Teve o officio de Trinchante da Casa Real, mas vendeu-o a D. António Alva res da Cunha.

Foi também Embaixador à Holanda e nomeado para o ser como Plenipotenciário mediano na paz de Nimega.

Não casou e por isso o seu herdeiro e sucessor foi um filho natural do seu irmão D. Jerónimo Manuel de Melo (veja-se).

(História Genealógica, Tomo IX, pág. 221).

Esta acrescenta ainda que falecera em Londres no ano de 1678, mas enganou-se decerto, porquanto nas "Cartas" do Embaixador Inglês Lord Roberto Southwell, Carta 9ª ao Duque de Ormond, refere ele que fôra assassinado por engano indo uma noite em liteira e escapando aliás aquele a quem os sicários pretendiam matar. Isto em Lisboa a 7 de Dezembro de 1667 quando grassava aquela triste guerra civil e pretoriana que acabou por destronar o infeliz Rei D. Afonso VI.

A 6 de Setembro do mesmo ano tinha ele sido encarregado de gerir os Negócios Estrangeiros.

Do exposto vê-se que D. Francisco de Melo é um desses filhos que muito honram a pátria que os viu nascer e não menos a pátria comum.

D. Francisco de Melo, morador em Estremoz, paga às Freiras das Chagas em 1624 certas quantias que sua mãe, D. Brites, devia ao Convento.

Seria outro indivíduo?

FRANCISCO DE MELO E CASTRO

Veja-se ANDRÉ DE MELO E CASTRO e o seu primo PEDRO DE MELO DE CASTRO.

Era Capitão de Mazagão em 1712 e deu 7 000 cruzados a juro de 5%, mas por Procurador.

Em 1773 parece ser falecido, e tinha um filho chamado André de Melo de Castro, que foi seu herdeiro.

FRANCISCO DE MELO LOBO

Filho de Luís António de Melo, lavrador da Almagreira em 1746.

FRANCISCO DE MESQUITA COUTINHO

Sobrinho de D. Maria de Mesquita, mulher de Cristovão de Moraes Coutinho. Estava cá em 1642.

FRANCISCO DE MORAIS COGOMINHO

Os Moraes, como diz o autor do Parnaso de Vila Viçosa, são das mais antigas famílias desta vila. Tanto assim que o mesmo refere de El-Rei D. Diniz o seguinte caso, embora não tenha mais fundamento do que o seu próprio testemunho. Havendo receios de guerra no Alentejo com os Castelhanos, disse o mencionado Monarca: - *Não tenho medo: lá estão os Lobos em Olivença e os Moraes em Vila Viçosa.*

Ora, como família antiga, nobre e rica, propagaram-se necessariamente os Moraes tornando-se-lhes preciso tomarem outros distintivos e assim encontramos já nos fins do século XVI Moraes Cogominhos, Moraes Sardinhas e Moraes de Pina - todos homens nobres que serviam na governação da terra.

Francisco de Moraes Cogominho, de quem tratamos agora, florescia na segunda metade do século XVI. Era filho de Cristóvão de Moraes Cogominho e foi pai de outro Cristóvão que já viveu no século XVII, como se disse no lugar competente. Casou com D. Isabel de Sá, de quem teve outros filhos e filhas, sendo morador na Matriz.

Já era casado em 1588 (Notas).

Morou nos fins do século XVI na rua da Pascoela e casas da faceira oriental e últimas da parte do Terreiro de D. João (Notas).

Em 1590 vivia no termo desta vila (Ibid.)

Era falecido em 1608.

FRANCISCO DE MORAIS COUTINHO

Fidalgo Cavaleiro da Casa de El-Rei, filho de Cristovão de Moraes Coutinho.

Já em 1622 estava de posse do morgado de seus pais.

FRANCISCO DE MORAIS DE PINA

Era escrivão do judicial em 1632-38.

Em 31 de Julho de 1642 foi eleito Capitão de Ordenanças, mas ausentou-se de Vila Viçosa neste mesmo ano indo para Lisboa: ponto da emigração geral dos Calipolenses naquela época.

Acho memória de ser já casado em 1633 com Isabel Castanha, de quem teve sucessão.

Estava cá em 1656 e arrendou as suas herdades dos Salvados e Val de Champim no termo de Juromenha e que também eram de Manuel de Campos Mergulhão que então morava em Goa.

Ainda vivia em Lisboa no ano de 1674, sendo já viúvo.

FRANCISCO DE MORAIS SARDINHA

Este é o autor do Parnaso de Vila Viçosa, cujo original em 4º existe ainda (e bem conservado com a sua encadernação) na Biblioteca Nacional de Lisboa (A-4-21), mas advirto já que no catálogo está erradamente inscrito com o título de História de Vila Viçosa.

Tratando-se, pois, neste artigo de um varão tão notável para os Calipolenses por ser o primeiro que escreveu sobre as grandezas da sua terra, desejava ampliá-lo bastante para o tornar curioso. Acho, porém, uma dificuldade nos documentos antigos: e é serem muito lacónicos os seus escritos em tudo e ainda em nomes próprios, chegando até a omitir inteiramente os apelidos. Assim, pois, acontece mencionar-se um Francisco de Moraes sem a distinção de Cogominho ou Sardinha, etc.

Mas, empregues as devidas cautelas, escreverei o que puder.

Na Biblioteca Lusitana lê-se que Francisco de Moraes Sardinha florescera em todo o género de erudição, mostrando-se insigne poeta, muito versado na mitologia e lição da história. Refere mais o seu autor que Moraes Sardinha fora Cavaleiro da Ordem de Cristo e possuidor de uma Comenda que lhe dera o

Duque D. Teodósio II e que, para eternizar as memórias da sua pátria, escreveu em 1618 o seu *Famoso e antiquíssimo Parnaso, novamente achado e descoberto em Vila Viçosa, de que é Apolo o Excelentíssimo Príncipe D. Teodósio II deste nome, Condestável destes Reinos de Portugal, Duque de Bragança e de Barcelos; e dos varões que nela nasceram e floresceram em armas, letras e poesias, com outras muitas coisas a propósito deste livro.*

Até aqui o Abade Barbosa e agora eu direi o mais que souber.

O Parnaso passou às mãos do Dr. Belchior do Rego de Andrade, como fica já dito. Este ofereceu-o a D. José Barbosa e do poder deste último passou à Biblioteca de Lisboa onde se conserva. Acha-se distribuído em três livros. No primeiro e ainda no segundo até ao fim do capítulo 14 trata de mitologia pagã, forcejando por mostrar como Vila Viçosa era o verdadeiro Parnaso do mundo e é por isso que Barbosa o classifica de muito versado na Mitologia, como de facto era. Mas toda aquela escrituração, como de matérias fabulosas, pouco merecimento ou nenhum tem para a nossa história de Vila Viçosa. Do capítulo 15 do Livro segundo em diante, sim, tem interesse bastante e o estilo é apurado como o dos melhores clássicos do tempo. O Livro terceiro e último consta de poesias de vários Calipolenses. Portanto o Parnaso devia ser impresso um dia, cortando-lhe a parte mitológica por avultar muito nele e tomar-lhe cerca da primeira metade.

Francisco de Moraes Sardenha era filho do Dr. Alvaro de Moraes e irmão do Dr. Jaime de Moraes e de outros nomeados aqui por ele os mencionar no Parnaso como literatos e trazê-los Barbosa na Biblioteca Lusitana.

Era Cavaleiro Fidalgo da Casa do Duque.

Foi mesário nobre da Misericórdia em 1600-01.

Serviu nos cargos da governação da vila e assim encontro notícia de ter sido Vereador mais velho e Juiz pela Ordenação nos anos de 1603 e 1622 (L. 1 dos Registos da Câmara, fl. 118) e em 1626.

Num instrumento público em que ele depôs como testemunha de justificação vi qual era a sua idade em 1583 (24 anos) e calculo por isso que nascera nesta vila em 1559. Por conseguinte, quando em 1622 foi Vereador mais velho contava os seus 63 anos de idade.

Mas encontrei no registo paroquial outras notícias e bem importantes que vou expôr.

Casou na Matriz em 11 de Março de 1587, quando tinha os seus 28 anos, com Vicência Mendes e diz o respectivo assento que aquele matrimónio fôra cele-

brado "sem pregões e com muito segredo", sendo testemunhas unicamente Isabel Cardoso e Beatriz Alves. Não figurou lá homem algum, além do Prior e do sacristão ou quem suas vezes fizesse. De caso assim como este tão recôndito não acho outra menção nos registos paroquiais. Para que seria tanto segredo a fim de se não "transtornar" aquele casamento? Alguma disparidade ou singularidade havia ali de certo!

Se me não engano, aquela Vicência Mendes era uma escrava de Nicolau de Andrade, a qual figura no mesmo registo e na mesma época tendo um filho ou filhos sem ser casada.

Porém, depois fez-se público necessariamente aquele matrimónio e tanto que em 1590 mandaram baptizar um filho chamado Luís, ao qual se seguiram outros do mesmo toro.

E advirto que não há equívoco nesta matéria porque o outro Francisco de Moraes Cogominho era mais velho, tinha casado mais cedo e a sua mulher D. Isabel de Sá era viva naquele tempo e tendo ainda filhos. De mais: encontrei várias escrituras de contrato em que ele outorgou com a dita sua mulher, que se dizia em casada Vicência Mendes de Mochico.

Todos nós, sendo humanos e sujeitos a paixões, fazemos as nossas asneiras de quando em quando e Francisco de Moraes também fez a sua de casar com uma escrava sendo homem livre, nobre e literato!

Por escritura de 4 de Abril de 1595 fez uma sociedade comercial com João Marques, tendeiro, dando ele 100\$000 réis para o negócio.

E teve outra ou a mesma que findou em 1608 com Artur Nunes. Brás Jorge, seu vizinho, estando na enfermaria dos Males, sita na rua da Porta do Nô, doa-lhe umas casas sitas na rua do donatário e foreiras em 80\$000 réis aos Freires de Aviz. Isto em 1608.

Era já viúvo em 1615.

Creio que faleceu em 1626, sendo ele vereador neste ano e, tendo sido o mais velho em exercfcios anteriores, encontro feito Juíz em Julho deste ano Manuel Mendes Homem e não Francisco de Moraes Sardinha, e não mais encontro em Notas públicas menção da sua pessoa.

FRANCISCO MORATO ROMA

Era Médico e vivia entre nós no tempo do Duque D. João II, a cujo casamento assistiu em 1633, conforme refere Cadornega.

Vivia em 1649 e veio cá arrendar uns prédios seus.

Foi escritor e por isso encontra-se o seu nome no Dicionário Bibliográfico. Este diz que era natural de Castelo de Vide, onde nasceu em 1588 e que falecera em Lisboa em 1668 com 80 anos de idade, tendo sido médico dos Reis D. João IV e D. Afonso VI.

Do registo paroquial da Matriz consta haver casado no ano de 1634 com Maria de Andrade, viúva, sendo ele igualmente viúvo.

FRANCISCO MOREIRA RAMALHO

Foi Procurador do Concelho em 1696 e 1705 e, conforme a Ordenação do Reino, à terceira pauta foi já eleito Vereador, o que teve efeito no ano de 1711. Esta gradação mostra que era remediado em bens de fortuna, mas sem nobreza herdada.

Casou com Maria Teresa Salema e teve, além de outros filhos, Manuel António Moreira, nascido em Juromenha, e D. Maria Caetana de Macedo, que casou em 1746 com Manuel Diogo da Silveira Menezes 1º.

Faleceu em 28 de Agosto de 1754 sem testamento.

Segundo o Livro de Lembranças da Misericórdia feito no ano de 1704, posufu no Rossio umas casas foreiras em 2\$500 réis, casas que lhe vieram dos pais que se chamavam Francisco Moreira Ramalho e Isabel Nobre.

Era Irmão da Misericórdia onde se acha a sua assinatura, embora fosse de origem cigana, se é o que dizem.

FRANCISCO DA NÓBREGA DE AZEVEDO

Filho de Gaspar da Nóbrega, filhado pelo Duque no foro de seu moço da cara em 1606 quando só contava 14 anos (Notas).

Casou com D. Leonor Estaça.

D. FRANCISCO DE NORONHA

Veja-se D. ANTONIO DE NORONHA.

FRANCISCO NUNES AMADO

Era almocreve do Duque em Vila Viçosa, Borba e Vila Boim no ano de 1616
(Notas).

FRANCISCO DE OLIVEIRA COSTA

Escrivão do 1º officio de Juizo de direito em 1890.

FRANCISCO ORTIZ

Mestre do Engenho de papel junto à ribeira de Borba.
Já cá estava em 1636 dirigindo a montagem da fábrica.
Parece ser Espanhol.

FRANCISCO PACHECO

Licenciado médico cirurgião do hospital em 1588 e muitos anos depois.
Casou em primeiras núpcias com Maria dos Reis, filha do Dr. Lourenço
Roiz.

Casou segunda vez com Isabel Nunes Ferreira, que lhe sobreviveu.

Teve um filho, o Licenciado João Pacheco Ravasco, e uma filha que casou
com Filipe de Montarroio chamada Isabel Antunes de Pina - ambos do primeiro
matrimónio.

Morava nas melhores casas da rua de Cambaia, centro da faceira ocidental.

Teve outro filho casado com Maria de Moraes em 1616.

FRANCISCO DE PAULA DA COSTA FEIO

Era filho de João Pedro da Costa Feio e de D. Catarina da Fonseca Brito Guerreiro, e representante dos Feios da Aldeia de Cima.

Nasceu em Olivença e foi baptizado na freguesia de Santa Maria Madalena, por estar lá seu pai servindo num dos regimentos daquela praça.

Assentou praça de Cadete no Regimento 2º de Infantaria de Olivença.

Por ser muito chocarreiro e trocista provocou-o para um duelo o Cadete Manuel Eusébio, seu camarada, ao saírem de uma festa no Convento de S. Paulo, dizendo-lhe: - *Meta a mão à sua espada!* E porque ele não aceitava o repto, não a desembainhou. Contudo o seu adversário jogou-lhe uma cutilada que o Feio aparou no braço esquerdo em tal guisa que a mão lhe caiu cerce pelas juntas ficando a bulir na relva do Rossio.

Conservou-se assim mesmo no serviço activo até 1808, em que os Ingleses, reorganizando o nosso exército, o reformaram e portanto chegou ao posto de Capitão somente.

Foi Juiz de Paz em 1835 e não sei se o reelegeram depois.

Casou com D. Maria José da Silva, da qual teve Fernando Maria da Costa Feio; D. Maria Paula, que casou com o Coronel reformado Joaquim Melitão Sardinha de Gusmão; e D. Maria José, que não tomou estado, etc.

Faleceu a 11 de Dezembro de 1845. Foi sepultado na Matriz, ainda que era morador na freguesia de S. Bartolomeu.

FRANCISCO DE PAULA JORDÃO

Calipolense, filho de Francisco de Borja e Assis (veja-se).

Em 1823 elegeram-no Sargento da Guarda Nacional: cargo que lhe durou pouco. Depois conseguiu a nomeação de Alferes de Malta, de onde passou ao nosso exército da 1ª linha e, quando o exército de D. Miguel I convencionou em 1834, já era official (Alferes ou Tenente) de Cavalaria.

Voltando à sua pátria no sobredito ano, casou pouco depois com uma filha de Crispim José Mendes, que já era viúva de um Bajanca e moradora em S. Romão, e para lá foi viver até que faleceu aí por 1860 ou 61.

Tal casamento foi melhor para aquela freguesia do que para ellesmo que trocou a vivenda na vila pela de uma então reles aldeia, pois ele, depois de lhe doar em vida terreno para o cemitério (em 1845), deixou em testamento as suas melhores casas para serem vendidas e constituir-se uma irmandade

do Sacramento que, com os rendimentos daquele capital (foi de 400\$000 réis), custeasse o sustento perene de uma lâmpada para haver depósito permanente do Santíssimo na Igreja Paroquial. Isto se verificou no ano de 1863 e daí se derivaram as melhorias de haver ali Pároco residente e outras, cuja causa primeira foi o nosso patrício. Por isso aqui fica registado com glória o seu nome.

Não teve filhos, razão por que legou a metade do seu casal a uma irmã, D. Maria Doroteia, que já era viúva de António José da Veiga.

FRANCISCO DE PAULA DE OLIVEIRA PREZADO

Filho de José Joaquim de Oliveira Prezado (veja-se) e conhecido vulgarmente por "Coxo Prezado", pois era paraplético de ambas as pernas.

Dedicou-se ao magistério da Instrução Primária como officio próprio da sua condição física e moral e alcançou em 1826 a nomeação de professor interino na nossa vila.

Com a Revolução Liberasta de 1834 padeceu grandes interrupções no pagamento do seu mesquinho ordenado (40\$000 réis), o que não admira: os que melhor servem a sociedade são os piormente retribuídos. A política intrinseca é quem sorve o melhor.

Faleceu aí por 1844, mártir do rapazio e do liberalismo, cheio de fome e miséria.

FRANCISCO DE PAULA TARANA

Filho do primeiro matrimónio de Luís António Tarana (veja-se). Nasceu em 1805.

Entrou para o Colégio dos Reis em 16 de Setembro de 1811 e saiu a 9 de igual mês do ano de 1821, demorando-se dois anos a mais do estatuto "por cantar bem tiple" (diz uma nota marginal do assento da sua matrícula).

Passando pouco depois ao lugar de acólito da Real Capela, conservou - o até 1862 quando o quadro da mesma tornou para a casa própria do Palácio Real e então passou a Tesoureiro.

Entretanto foi uma vez Procurador à Junta Geral do Distrito e substituto do Juiz Ordinário por muitos anos.

Sendo já bastante maduro casou com Henriqueta Cabeças, de quem não houve descendência sobreviva.

Foi Vereador Vice-presidente da Câmara no biénio de 1876-77 por nomeação do Governo Civil de Évora, visto não se ter efectuado a eleição popular.

Efectivamente era bom tenor e sabia música a fundo, o que sei de minha própria observação.

Faleceu a 31 de Janeiro de 1879.

Morava na melhor casa da rua de Frei Manuel.

FRANCISCO PAZES

Foi Procurador do Concelho em 1681 e 1684.

Era pai de Manuel Pazes de Gouveia (veja-se).

FREI FRANCISCO PEDRO NOGUEIRA

*Qual ontem foste, és hoje
E serás amanhã.*

(Elp. Dur. Od. a D. Frei Raf. de Castro)

Este nosso patrício era filho de um francês, capador de marrãs como tantos outros que por aí aparecem tocando na sua gaita de vários canudos para darem a conhecer a sua passagem pelas vilas e aldeias, e por isso chamavam-lhe na nossa terra vulgarmente "Frei Francisco, o capador". Sua mãe era Calipolense, chamada Maria da Conceição, natural da freguesia de S. Bartolomeu, e por isso tem ainda aqui parentes.

Primeiro do que ele se finou a sua irmã única, Regente do nosso Beatério, chamada Maria da Lapa.

Tomando o hábito de S. Francisco na Ordem Capucha da Piedade, logo deu indícios de bom filho do Seráfico Patriarca, tanto pelo seu aproveitamento nas aulas como pela austeridade dos seus costumes. Para isto contribuiu muito o ter por mestre ao Venerável Frei José de Varge (veja-se) que lhe insuflou os seus próprios sentimentos. Em suma: Frei Francisco de Vila Viçosa (como então lhe chamavam) foi sempre bem morigerado como atestam os seus coetâneos e companheiros e teve o cargo de Guardião no convento de Santo António de Estremoz (pelo menos).

Sendo expulso pelo Governo Liberal em 1834, partiu para Lisboa e ali viveu até 19 de Outubro de 1873 em que contava 70 anos de idade.

No dia seguinte ao do seu passamento escreveu o seu Pároco Dr. António Gaspar Borges, digníssimo Prior da Freguesia dos Anjos, um necrologio, que

tenho à vista, publicado no "Correio da Tarde" nº 427 e no jornal "A Nação". Dele extrairei o seu elogio por ser traçado por mãos insuspeitas. Veja -se:

"Aqui (em Lisboa) foi um dos mais belos ornamentos da tribuna sagrada por que ao talento juntava uma unção verdadeiramente Apostólica. Nunca procurou nos seus sermões a fama ou o interesse temporal, senão o digno desempenho da sua missão sagrada, ganhando almas para Deus. Não se pregava a si: pregava a Cristo crucificado, como dizia e fazia o Apóstolo. Era sacerdote virtuoso e extremamente amante dos pobres.

Pobre era ele porque nunca fez do sacerdócio uma mercenagem, nem dos seus maiores herdara riqueza e mesmo assim quantas vezes durante a sua longa enfermidade não fomos nós os portadores das suas esmolos para a pobreza?

Padeceu quase vinte e oito meses antes de dar a alma ao Criador."

Com efeito, Frei Francisco era filho de pais pobres e deles não houve herança alguma. De sua irmã, falecida em 1867, é que herdou uns pequenos prédios que ela tinha e ele tratou logo de vender. Sustentava-se em Lisboa com o honorário de Capelão de uma casa nobre onde tinha alimentos e moradia, com o produto dos seus sermões e outros serviços da Igreja e a módica prestação de Frade Capucho, mas no último quartel da vida parece que tinha casa própria de alugar na rua dos Anjos. Ora, como parco e moderado, sobejavam-lhe os meios que todavia não converteu em prédios ou capitais como a maior parte dos seus colegas: esmolava conforme a sua possibilidade e, por testemunho próprio, sei que socorria largamente as suas primas quando vinha de anos a anos a Vila Viçosa para visitar a sua irmã.

O seu teor de vida foi sempre o mesmo e se depois de expulso do convento largou o hábito de burel por lho não tolerarem, conservou sempre o espírito da sua profissão religiosa mantendo-a conforme as circunstâncias do tempo.

Soube enfim que tinha deixado às Beatas da nossa vila uma inscrição de 500\$000 réis nominais com assentamento na Junta de Crédito Público.

FRANCISCO PEREIRA

Procurador do Concelho em 1619 e em 1641.

Modernamente houve outro com mais comprido nome, o qual casou em primeiras núpcias com a filha mais velha de José de Sousa Menezes e em segundas

com D. Inácia Xavier Caetana de Aragão, sobrinha e herdeira de José Bernardo de Sousa da Câmara, de quem teve a Inês Emília. E, casando esta com Manuel José da Nóbrega Camisão, houveram a António Pereira da Nóbrega Sousa da Câmara, actual senhor da casa nobre da Praça, esquina oriental da rua dos Fidalgos.

Francisco Pereira de Sousa Menezes era Coronel do Regimento de Milícias de Evora, de onde o julgo natural. Sendo preso em 1828 por adverso a D. Miguel I, veio a acabar na memorável carnificina do Armazém de Estremoz a 25 de Julho de 1833.

FRANCISCO PEREIRA CHARREIA

Advogado que vivia em 1754, casado com Joana Teresa da Silva.

FRANCISCO PEREIRA DA ENCARNAÇÃO

Sacerdote que foi Tesoureiro e Capelão da Confraria das Almas de Bencatel, a quem os seus predestinaram em 1791 para tomar ordens sacras.

Julgo ser o primicério do sacerdócio em Bencatel, aldeia nova.

Estudou alguma coisa em Estremoz com os Congregados Nerys.

Era filho de António Pereira, sacristão da mesma aldeia, e de Ana dos Anjos.

Ali viveu sempre até depois do primeiro quartel deste século, sendo sacerdote exemplar.

FRANCISCO PEREIRA GARRO 1º

Foi Vereador em 1692, 1695, 1701, 1705 e 1708.

Em 13 de Abril de 1701 elegeram-no Capitão de Ordenanças, posto que exerceu dali em diante.

Em 1707 era Capitão nesta vila e ao mesmo tempo Juiz dos Orfãos em Nisa.

Faleceu em 1710 a 20 de Fevereiro, sendo casado com Maria de Moura.

Deixou por herdeira a Confraria da Senhora da Saúde, cabendo-lhe umas casas na rua do Mártir em Nisa; porém, sua mulher, que tinha o usufruto delas, deu-as logo. Esta nomeou por sua herdeira a Ordem Terceira de S. Francisco. Nesses bens figurou a herdade de Tenazes e uma horta em Pardais que ainda se chama dos Terceiros, posto que já o não seja. A viúva faleceu em

1731 ou 32.

FRANCISCO PEREIRA GARRO 2º

Mestre de meninos com Provisão Régia no ano de 1751.

Tendeiro em 1728.

Faleceu pobre em 1762, casado com Domingas Francisca, de quem houve descendência na freguesia de S. Bartolomeu.

FRANCISCO PEREIRA LOBO

Foi Vereador em 1723, 1726, 1729, 1732 e 1737.

Era filho de Domingos Pereira Lobo e de D. Maria de Sousa de Sá.

Casou na Matriz em 1720 com Antónia Maria, filha de Vicente Alvares de Carvalho e de Catarina Gonçalves.

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

Licenciado, Freire de Aviz, Secretário da Junta dos Três Estados em Lisboa no ano de 1689.

Era filho do Dr. Domingos Pereira da Silva.

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA SOUSA E MENEZES

Já em 1804 era casado com D. Inácia Xavier de Sousa da Câmara, sobrinha de José Bernardo de Sousa da Câmara (creio que filha bastarda de João Pedro de Sousa da Câmara), nascida no Brasil.

Era Coronel de Milícias de Évora e natural de Braga ou de Bretiandos.

Acabou em 1835 na carnificina de Estremoz, deixando uma filha única, D. Inês Emília, que casou com Manuel José da Nóbrega Camisão.

FRANCISCO PEREIRA XAVIER

Natural desta vila e filho de Domingos Charrua e de Antónia Pereira.

Seguindo a carreira das letras, formou-se Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra para viver como Advogado.

Em 1729 tinha escritório no Redondo e veio dali casar em S. Bartolomeu com Joana Teresa da Silva, filha de Jerónimo da Silva e de Maria de Oliveira, tornando para a sobredita vila.

FRANCISCO PERES AILON DE LARA

Seu pai era espanhol, natural da cidade dos Arcos da Fronteira, tinha o mesmo nome e era médico pelo Real Colégio de Cádiz. Vindo para Vila Viçosa em 1775, apresentou à nossa Câmara a sua carta de formatura para ser registada e poder usar no nosso concelho do seu officio, mas demorou-se aqui pouco.

Casou em S. Bartolomeu a 28 de Maio de 1781 com Violante Luísa Donzel, mulher pobre (os médicos não se tratavam então à lei da nobreza), filha de José Lopes Cordeiro e de Maria Carlos Donzel, de Badajoz, e teve um filho e uma filha que chegaram aos nossos dias, assim como também a sua viúva, pois ele ou era já velho ou se finou no verdor dos anos, pois morreu na nossa vila e freguesia de S. Bartolomeu no ano de 1783.

Aqui ocupo-me do filho que acidentalmente nasceu em Borba no ano de 1783. Veio de mãã para Vila Viçosa, entrou em 20 de Janeiro de 1793 para o Colégio dos Reis e viveu nesta vila até 18 de Junho de 1860 quando já tinha fallecido a sua irmã e ele, como celibatário, estava entregue aos cuidados de uma criada velha.

Francisco Peres adquiriu um nome ilustre na província transtagana como o primeiro organista dela e primeiro professor de música e toda a gente o supunha natural desta nossa vila, mas ele o declarou por vezes que tinha nascido em Borba e até instituiu por sua universal herdeira a uma prima irmã que vivia numa horta do sítio das Canelas, termo da mesma vila.

Foi no dito Colégio dos Reis companheiro de Frei José Marques e António José Soares e discípulo, como eles, do Padre Mestre Joaquim Cordeiro Galão.

Acabados os oito anos de internato, ficou por Contra-mestre do Colégio. A 2 de Fevereiro de 1802 foi provido no lugar de 2º organista da Real Capella e em 29 de Dezembro de 1805 teve o cargo de Mestre efectivo do Colégio dos Reis, ficando todavia reservado o título dele para o Padre Galão *ad ho-*

norem.

Passou então a habitar na casa da Ilha que é a primeira à mão direita de quem entra pela velha Porta dos Nós, que é da Casa de Bragança e ficava imediata ao Colégio. Nunca dali safu, posto que tivesse casas suas e melhores no centro da vila.

Além de músico executante e mestre, Francisco Peres revelou-se também maestro ou compositor. Como, porém, o seu temperamento era nervo-sanguíneo, melhor êxito obteria se escrevera óperas como escreveu modinhas, cançonetas e música de dança - géneros em que era exímio. A sua veia estava mais disposta para as composições alegres do que para as tristes, graves ou majestosas como devem ser as sacras ou da Igreja.

No género religioso deixou-nos um *Subvenite* a 4 para a 1ª absolvição nas exéquias solenes, o qual tem sido gabado como a sua melhor composição neste género. No entanto eu gosto muito da Novena da Conceição e especialmente do *Tota pulchra* a 4, no qual encontro sentimentos de verdadeira piedade e por isso tenho-o na conta da sua melhor composição em música sacra.

Temos dele mais: Responsórios de S. Francisco de Assis a duas vezes para o Convento dos Capuchos da nossa vila de que era organista gratuito; outros da festa da Exultação para o do Bosque de Borba; missa a 4 com instrumental ou órgão; outra a 2, idem; Responsórios de Santo Agostinho a 3 para o Convento de Santa Cruz, de cujas educandas era mestre; outros Responsórios de defuntos a 3; e um grandíssimo número de motetes. Em todas estas obras, porém, noto muita melodia e poucas harmonias, predominando sempre o espirito alegre e contrariando por conseguinte a gravidade e majestade que deve ter a música sacra.

Os seus mais notáveis discípulos foram: Francisco António Franco, já nomeado aqui; António Maria Ribeiro, natural de Borba, que safu melhor em piano do que o seu próprio mestre como ele mesmo reconhecia e foi 2º organista da Capela Real; Duarte dos Santos, João Fradesco Belo (ambos emigrados para a Ilha da Madeira), João António de Almeida Marrau, que lhe sucedeu no cargo de organista da Real Capela sendo o último da mesma e Eugénio Joaquim Tarana, mas este último aprendeu já fora do Colégio.

Fechado o dito Colégio dos Reis em Outubro de 1834, ficou Francisco Peres em precárias circunstâncias (e era constitucional...), pois nada recebia da Casa de Bragança e só em 1844 começou a ter um subsídio de meio ordenado como organista da Capela (75\$000 réis). Por isso abriu escola particular, de onde não tirou os devidos resultados por causa do seu género fogo

so, insuportável, sem paciência alguma. Contam-se impertinências dele que os leitores tê-las-iam por legendárias se eu aqui as escrevesse por verdadeiras como são.

Mas como era músico de alma e coração, prestava-se também a ensinos gratuitos principalmente quando pressentia que havia de colher copiosos frutos do seu trabalho. De mim conheci que ele tinha inveja de eu não ser seu discípulo. Introduziu no ensino particular o método das 7 vozes ou do Si (como igualmente praticou o meu mestre Franco), acabando com a mudança de vozes e facilitando assim muito o aprendizado da música e foi ele quem fundou em 1850 a nossa primeira filarmónica ensinando gratuitamente os seus sócios e já com mais paciência por estar bastante adiantado em anos.

Contava os seus 76 quando faleceu de um cancro na bexiga ou vísceras contíguas.

FRANCISCO PIRES PERICOTO

Um deste nome, já falecido em 1625, foi casado com Isabel Castanho e teve a Diogo Roiz Pericoto.

Outro foi Vereador em 1650, 1655, 1659 e 1663 e mesário da Misericórdia no ano de 1666-67.

Houve mais indivíduos notáveis desta família, que deu o nome a uma pequena herdade do termo do Alandroal.

FRANCISCO RIBEIRO

Escrivão da Correição da Comarca em 1610-17 (Notas).

D. FRANCISCO DE RIVIERE

Capitão de cavalos, filho do Conde de Riviere que era Coronel de Dragões. Vivia em Peixinhos com o pai em 1737 por ter este arrendado a dita quinta a D. Bernardo A. de Lucena.

FRANCISCO RODRIGUES

Com este nome vivia nesta vila em 1556 um indivíduo que exercia a profissão de mestre de ensinar meninos a ler (Cartório da Misericórdia).

FRANCISCO RODRIGUES DE ALMEIDA

Filho de António Roiz de Almeida.

Vivia em Lisboa em 1700 e aforou em 17\$000 réis a Silvestre Mendes e a sua mulher três prédios de casas na rua das Cortes nesse ano.

Este formou um morgado com os bens que cá tinha (o de S. Domingos) no seu filho José Roiz de Almeida, que teve uma filha chamada D. Filipa de Melo Almeida. Esta casou com Luís de Sousa Brandão e tiveram a Luís de Sousa de Melo de Menezes. Luís de Sousa faleceu em Vila Viçosa a 31 de Agosto de 1851, sendo chamado o morgado da Ribeira.

Fidalgo da Casa Real e tenente da Guarda Real em 1730.

FRANCISCO RODRIGUES DE BARROS

Em 12 de Novembro de 1642 foi eleito Capitão de Ordenanças e serviu até ao ano de 1649 em que foi reformado. Alguns anos depois passou a ser Escrivão da Câmara Municipal. Foi Escrivão da Misericórdia em 1651-52.

Em 1640 era casado com Francisca Franco.

Faleceu em 1656 a 29 de Dezembro e instituiu por testamento uma capela de cem missas anuais administradas por sua mulher, Francisca Franco, e depois pela Santa Casa da Misericórdia (Tombo 3º). Declara possuir duas capelas: uma instituída por Manuel Roiz e sua mulher Guiomar Aguelvo com oito missas e outra instituída por João Vaz, as quais herdara dos seus tios Padre Fabião Ribeiro e Manuel Ribeiro.

Mandou que o sepultassem na Igreja da Santa Cruz e cova de seu pai Gaspar de Barros ou na do seu avô Manuel Ribeiro, caso de estar aquela impedida e que lhe pusessem um epitáfio com letras grandes que dissesse: "Aqui

jaz F... Faleceu a tantos de tal mês e ano ". Não posso atestar se lhe fi zeram a vontade. A sua mulher ainda vivia em 1662.

FRANCISCO RODRIGUES DE CARVALHO

Foi Licenciado em Canones e Mestre-escola na Colegiada de Barcelos em 1615. Era também poeta insigne. Assim e sem mais notícia que a de ser nosso patrício diz a Biblioteca Lusitana.

Era Cónego de Ourém no ano de 1608 e filho de Isabel de Abreu (Notas).

FRANCISTO RODRIGUES COCHICHO

Foi Procurador do Concelho em 1706, 1709 e 1714. Tesoureiro dos bens de raiz ou sisa predial em 1708. Tendeiro em 1722 e viúvo. Tinha um filho chamado António Pereira Xavier.

Em 1714, pagando por inteiro às amas dos engeitados, ficou-lhe devendo o Concelho 48\$626 réis que El-Rei D. João V mandou abonar pelo cofre dos Bens de Raiz (sisas de prédios), visto não haver dinheiro no cofre da Câmara (Livro 2 dos Registos, fl. 457 v.). Ainda tornou a servir este cargo em 1720 e 1725, tendo aliás direito a seu pautado Vereador na forma da Orde nação do Reino.

Casado com Bárbara Francesa em 1724.

Ainda presentemente há Cochichos na nossa vila.

FRANCISCO RODRIGUES SAIAL

Exerceu o cargo de Procurador do Concelho em 1744.

Dois anos depois, sendo Tesoureiro da Irmandade do Santíssimo da Matriz, deu-lhe a imagem do Senhor Jesus do Enterro, que foi colocada na capela da dita Irmandade e em 1808 passou para a capela da Confraria do Santo Nome com o consentimento desta. Ele mandou-a fabricar à sua custa e fez benzer em 24 de Fevereiro de 1746, 1ª quinta-feira de Quaresma.

Era filho de Manuel Rodrigues Mirrado e de Maria Saial. Não casou. Fa leceu cristãmente em 17 de Fevereiro de 1759 e foi sepultado na Santa Cruz.

FRANCISCO RODRIGUES DE VALADARES

Canonista, natural da nossa vila e filho de Pedro Mendes Arnau e de Jerónima Raposo, foi eleito colegial do Real Colégio de S. Paulo de Coimbra em 10 e tomou posse em 21 de Julho de 1616, de onde se despediu a 19 de Dezembro de 1625, tendo provisão para continuar nele algum tempo como hóspede.

Houve os cargos de Abade de Meixedo, Prior de Barcelos, Deputado da Inquisição de Coimbra, de que tomou o juramento em 20 de Março de 1621, Cônego Doutoral de Lisboa, provido em 15 de Junho de 1626. Foi Lente de Canones na Universidade, onde ocupou a cadeira de Decretais, de Clementinas, de Sexto e de Decreto. Teve mercê da cadeira de Véspera em que não chegou a entrar. Foi Desembargador da Casa da Suplicação.

Sendo Lente em Coimbra, ditou muitas postilas, de que são conhecidas cinco.

(Catálogo do Real Colégio de S. Paulo de Coimbra, nº 77, impresso no Tomo VII das Memórias da Academia Real de História Portuguesa).

FRANCISCO RODRIGUES VERDELHO

Solteiro em 1697 e morador nesta vila em 1701.

Auditor dos Conselhos de Guerra do Alentejo em 1733 nesta vila.

Era Licenciado em Leis ou Direito. Foi eleito Síndico da nossa Câmara em 2 de Junho de 1707. Deixou porém de o ser em 1709 porque passou a ter a posição de Ministro de Estado. Assim consta da Vereação de 27 de Janeiro deste último ano.

Mas tornou para Vila Viçosa e cá faleceu a 10 de Maio de 1733, sendo casado com D. Joana Francisca de Pina e teve sepultura na Santa Cruz.

Era filho de Manuel Lopes, mercador, e de Ana Roiz que já era viúva em 1706 (Notas). D. Joana Francisca de Pina era irmã do Padre Manuel Roiz Furtado. Deixou uma filha: D. Boaventura Merciana Verdelho.

Nós tivéramos já um do mesmo nome, filho de João Rodrigues Verdelho e de Ana Sanches (esta natural da Codeceira em Espanha), o qual casou na Matriz em 7 de Agosto de 1594 com Maria Dias, filha de João Dias e de Ana Gil, já defuntos ambos.

FRANCISCO ROIZ CASACA

Lavrador de Santa Ana em 1716. Foi quem deu o nome à azenha de Bencatel que se chama do Casaca. Lavrador da Fonte da Estrada (Torre) em 1719.

FRANCISCO ROIZ DA COSTA

Doutor (Advogado?) que vivia cá em 1760 e se estabeleceu em casa sua na rua de Santa Luzia.

FRANCISCO ROIZ DE LEMOS

Morava em Lisboa em 1647 e arrendou pelo seu procurador a herdade da Arnanha no termo do Redondo. Seria filho de Manuel Lemos?

FRANCISCO ROIZ RIBEIRO

Licenciado que vivia em 1618 (Notas).

FRANCISCO ROIZ DE VALADARES

Irmão de Rodrigo Roiz de Lemos, já falecido em 1672, ano em que o dito irmão e testamenteiro de uns coutos do testamento pelo seu procurador Gaspar de Oliveira

Era Licenciado e acabou sendo Deão da Capela Real desta vila.

FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

Tenente Coronel, Juzf da Irmandade do Santissimo de S. Bartolomeu em 1750.

FREI FRANCISCO DE S. JOSÉ TORRES

Paulista, reitor do Convento de S. Paulo de Evora em 1766.

Era filho de Francisco Lopes de Torres.

FREI FRANCISCO DE S. TOMÁS MENDES

Sepultado em Bencatel no ano de 1849 onde tem a sua campa no cemitério. Era de Estremoz e filho de António Mendes das Chagas e de Francisca Joaquina.

Professou em 1797.

Foi o último reitor do Convento da Luz. Ao saír, em 1834, foi residir na Quinta dos Mascarenhas e ali passou o resto da vida.

Era bom sujeito.

FRANCISCO DO SAIAL

Nasceu nesta vila, sendo filho de João Rodrigues e de Brites Gomes, e foi admitido no Colégio dos Reis em 3 de Julho de 1676.

Tornou-se tão exímio na arte musical que El-Rei D. Pedro II o chamou depois para ser Mestre da Capela Real de Lisboa. Assim consta de uma nota marginal do assento da sua matrícula no dito Colégio dos Reis.

FRANCISCO SEPA MERGULHÃO

Licenciado, morador em Beja no ano de 1622 e casado com Antónia de Sousa.

Era irmão de Joana Sepa, mulher de Belchior Roiz de Chaves (Notas).

FRANCISCO SERRÃO DA VEIGA

Filho de Nicolau da Veiga e de D. Bárbara Serrão (Notas).

Era Capitão da Guarda do Duque D. João II quando este casou no ano de 1633. Neste ano sucedeu a seu pai na Comenda de S. Vicente de Quadramil.

Tinha o hábito de Cristo (Cadornega, e a História Genealógica, Tomo VII, Pág. 21).

Casara ele em 30 de Janeiro de 1611 com Joana da Costa, recebendo-se na Igreja do Espírito Santo, anexa temporariamente à Matriz, em cujo registo está o assento de matrimónio.

Mas... enviuvou de D. Catarina de Vasconcelos que ainda vivia em 1665.

FRANCISCO DA SILVEIRA

Fidalgo da Casa do Duque D. Teodósio I em 1554 (História Genealógica, Tomo VI, pág. 59).

Devia ser parente muito próximo de Estevão Mendes da Silveira 1º.

FRANCISCO DA SILVEIRA DA SILVA

Tomou posse do governo da nossa praça em 27 de Agosto de 1727 e conservou-o toda a vida.

Tinha servido no exército regular e ultimamente fôra Sargento-mor da praça de Campo Maior (Livro 3 dos Registos da Câmara, fl. 100).

Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Ministro da Ordem Terceira em 1732.

Faleceu a 18 de Fevereiro de 1755 encontrando-se no posto de Tenente Coronel do exército e casado com D. Maria Madalena Seabra da Gama Pereira.

Foi sepultado em S. Paulo na capela de S. Crispim que tinha comprado aos Frades em 1749 por 8:500 réis para uma sepultura da parte da epístola até ao cancelo, podendo pôr epitáfio e as suas armas.

Ignoro a sua naturalidade.

FRANCISCO SOARES

Licenciado em Leis. Vivia entre nós do século XVI para o século XVII.

Casado com sua prima Isabel Sanches, filha de Joana Pacheco e de Nuno Roiz no ano de 1604.

Em Abril de 1610 passou a servir o cargo de procurador da Misericórdia com 1:000 réis de honorários mas em 1620 vencia mais 30 alqueires de trigo.

Em 1615 era casado em segundas núpcias com Constância Nunes; e nesse ano casou a sua filha Brites Soares do primeiro casamento com Francisco Teles de Menezes, dotando-a com 3 mil cruzados. Vivia ainda em 1630.

Era já falecido em 1633.

FRANCISCO SOARES DE CARVALHO

Escrivão judicial, avaliador e partidor dos órfãos, renuncia em sua filha menor Joaquina estes ofícios para seu dote.

FRANCISCO SOARES MANHAS

Foi Procurador do concelho em 1664.

Natural da Matriz, onde foi baptisado em 1638 e filho de Manuel Soares e Guiomar Rodrigues. Casou com Maria Dias e era irmão de Diogo Soares Manhas.

Era falecido em 1665.

FRANCISCO SOARES MORENO

Vereador mais velho em 1641. Creio que era escrivão do tesouro do Duque. Casado em 1618 com Margarida da Montarroio. Escrivão da Confraria de Nossa Senhora da Conceição em 1624. Em 1638 já era viúvo e não teve descendência.

Em 11 de Fevereiro de 1634 comprou aos frades de S. Paulo a casa da Capela de S. Cristóvão para ele a ornar e formar ali o jazigo seu e de sua mulher. Deu pela casa 50\$ réis e prometeu 24\$ réis de rendimento para se dizer ali missa quotidiana e mais 2\$ réis para guisamentos, dizendo que em quanto não adquiria um padrão de juro do capital de 600\$ réis, dava de hipoteca a estes rendimentos a sua herdade da Marinela na ribeira do Freixo, na Freguesia da Orada, rendas das casas na Corredoura sendo umas onde residia. assim consta da escritura lavrada no dia do brado.

Era filho de Pedro Moreno (?). Segundo uma escritura de 11 de Maio de 1717 as casas da Corredoura foram deixadas aos Paulistas para serem dadas, e 40 alqueires de trigo.

FRANCISCO DE SOUSA DA CAMARA

Segundo filho de Pedro de Sousa de Brito 2º. e tronco do 2º. ramo de Sousas da Rua de Santa Luzia ou 3º. dos Britos Pereiras (veja-se Pedro de

Sousa de Brito 1º. onde está a série desta geração).

Foi baptisado em São Bartolomeu a 21 de Novembro de 1661, sendo seu padrinho o tio paterno.

Em 20 de Outubro de 1697 foi eleito procurador do povo calipolense às Cortes de Lisboa com os votos da Câmara e gente da governação do Município (antigo conselho Municipal): razão principal porque inscrevo aqui o seu nome.

Em 1704 era alferes de cavalos da companhia de seu irmão Melo António de Sousa. Em 1705 era já capitão de infantaria.

Em 1708 era dono da Horta do Cano, mas não possuía casas nobres, mas arrendou seis por 3 anos a 40\$ réis, na Rua das Cortes.

Em 1692 já era casado com D. Maria Antónia de Lemos e Andrade, filha do nosso patrício Manuel de Andrade de Brito e de sua mulher D. Margarida de Lemos de Castelo Branco, já viúva de Luis Freire de Elvas. Esta faleceu em 1712.

Francisco de Sousa da Câmara faleceu na freguesia de São Bartolomeu a 9 de Março de 1719 e foi sepultado em Santo Agostinho.

Teve estes filhos: Xavier Pedro de Sousa da Câmara, que casou em Portel com D. Inácia, irmã de D. Pedro de Máris; Manuel de Andrade de Brito que casou em Tavira com D. Inês, nascido em 1696; João Francisco de Sousa da Câmara (veja-se); D. Antónia Luzia Francisca de Aragão; D. Francisca Xavier Caetana de Aragão e Castro, que casou em Tavira com D. Pedro de Haras da Fonseca, filho de Sebastião da Fonseca Pimentel e de D. Josefa de Haras Mendonza espanhola natural de Utrera.

Estes Sousas da Câmara são os que fundaram o palácio da praça nova que se defronte dos Paços do Concelho.

FRANCISCO DE SOUSA COUTINHO

Eis um homem de fino tato, como devem ser todos os que se dedicavam á diplomacia.

Pertence aos Sousas que vieram a ser Condes do Redondo e (salvo erro meu) era filho de Martim Afonso de Sousa 2º. e irmão de Fernão de Sousa 3º.. Logo que o Duque D. João II por morte de seu pai (1630) fez nomeação dos officiaes da sua casa, Francisco de Sousa teve o emprego de Aposenta-

dor-mór e pouco depois (1631), foi mandado por seu amo a concluir o tratado de casamento com D. Luisa Francisca de Gusmão, já principiado por diligências de D. Francisco de Mello (da casa dos Marqueses de Ferreira). Quando em janeiro de 1633 teve lugar este casamento estava Francisco de Sousa nesta vila e tomou parte na comitiva que foi receber a noiva na raia de Espanha, indo ele montado em um cavalo e sua mulher em coche. Porque assim o requeria o exercício do seu cargo de Aposentador-mór.

Depois disso continuou a assistir na Corte de Madrid, como agente ou encarregado de D. João II para os seus negócios na mesma Corte; e foi então que o nosso patricio começou a aprender as tricas do difficil cargo de embaixador.

L.A.Rebêlo da Silva na sua História de Portugal, Tom.3, Pág.438, diz de *le - tão illustre pelo sangue, como pela capacidade, residia constantemente na Côrte, quase como embaixador dos Duques* (quer dizer talvez de D.João II e sua mulher, pois D. Teodósio II não lhe dera tal comissão).

Em Janeiro de 1635 foi mandado a Elvas para cumprimentar a Duquesa de Mântua, que vinha governar o nosso reino em nome de seu primo Filipe IV de Castela e sondado o génio altivo da sobredita duquesa governadora, tornou para Vila Viçosa e disse ao duque seu amo, que era de parecer que não lhe fizesse visita pessoal, por supor qom justo fundamento que lhe não faria uma recepção tão honrosa como era devida ao maior senhor de Portugal.

Por isso ele não lhe fez tal visita; o que muito desagradavelmente impressionou o ânimo da Governadora do Reino.

Antes disso já fôra acompanhar até a Alemanha o senhor D. Duarte, quando este foi servir naquele império, conforme diz Cadornega.

Depois continuou a assistir, ora em Vila Viçosa, ora em Madrid ou na Alemanha, segundo lhe ordenava o Duque seu amo; e parece que não estava em Portugal em Dezembro de 1640: pois não acho memória de assistir em Lisboa no auto de coroação de El-Rei D. João IV. Mas estava ali já no principio de 1641, em que foi nomeado embaixador do novo rei á Dinamarca e á Suécia: embaixada para ele e de que se ocupa Portugal Restaurado, no Tom.I, Pág. 129 e 169.

Vou resumir o que ali se diz:

"Escolhido Francisco de Sousa Coutinho por ser antigo e fiel servidor de ex-duque e concorrerem nele os talentos que o habilitavam para tratar os

maiores negócios diplomáticos, embarcou em um navio dinamarques, afretado por 800\$000 réis, com seu cunhado João de Azevedo, levando por seu secretário a António Moniz de Carvalho, desembargador da Relação do Porto e desferrou de Lisboa em 18 de Março. Chegando a Compenhague, pediu uma audiência pública a El-Rei Christierno IV, que se mandou desculpar com respostas frívolas pelo governador da cidade, vindo o nosso patrício a concluir dali que ele dava preferênciã aos interesses da sua Corte com o Imperador da Alemanha e o Reino de Castela; de sorte que havendo já decorrido um mês de assistência em Compenhague, fez declarar terminantemente ao rei ou o recebesse em audiência pública ou lhe desse licença para passar á Suécia, aonde se estendia a sua embaixada. Desculpou-se o monarca Dinamarquês, como atrás já fica notado; mandou-lhe entregar pelo Almirante os 800\$000 réis do frete do navio e fez-lhe convite de o visitar particularmente no Castelo Fredesbourg. Em tais circunstâncias não pôde Francisco de Sousa deixar de ser côrtes para com um monarca tão delicado, que não só estava correndo com o sustento da embaixada, mas lhe dava tantas provas de atenção e benevolência: mandou por isso dar ao Almirante o preço do frete restituído e porque ele o não quis aceitar, ordenou que fosse distribuido pelos marinheiros da armada, compareceu depois com os seus adjuntos no Castelo indicado e ali recebeu El-Rei as maiores distincções.

Teve assento á sua direita no jantar que lhe tinha preparado o Rei Dinamarquês e tanto antes como depois conversou muito com ele para lhe satisfazer o desejo de saber notícias certas da pessoa e familia de El-Rei D. João IV e da situação politica deste reino. A tantas atenções correspondeu Francisco de Sousa levantando um brinde no fim do jantar ao seu real hospedeiro, sendo também correspondido por ele com outro a El-Rei de Portugal.

Quer isto dizer que o Rei da Dinamarca não julgava segura a independência política do nosso reino e temia incorrer no desagrado de Castela, embora não nos fosse adverso.

De Compenhague seguiu Francisco de Sousa para a Suécia, onde foi mais feliz, porque, pedindo licença para entrar na Corte e apresentar as suas cartas de crença em audiência pública, foi-lhe logo concedida pela Rainha Cristina, então de quinze anos de idade mas com uma regência de cinco governadores.

Tanto que o embaixador apareceu á porta da antecâmara, levantou-se a

rainha e dando três passos para diante, fez-lhe uma inclinação a que o nos so patricio correspondeu com as devidas cortesias.

Depois de se cobrir, leu Francisco de Sousa o objecto da embaixada em latim, que a rainha entendeu perfeitamente e o Gran-Chanceler respondeu, assegurando-lhe quanto S. M. apreciava a amizade de El-Rei de Portugal. Dias depois entablaram-se as negociações para o tratado de aliança que foi redigido em cinco artigos latinos e por ultimo a rainha entregou cartas para o nosso rei. Como se estipulava mútuo comércio entre ambas as nações, o nos so patricio trouxe logo de Estocolmo grande quantidade de armas, artilharia e munições de guerra nos três navios que a rainha pôs á sua disposição para voltar ao reino.

Estes navios não foram visitados ao passarem pela costa da Dinamarca, por fineza do Rei Christierno IV.

Chegando por fim a Lisboa, recebeu o prémio dos seus serviços no aplauso que lhe foi feito por ter tão airosamente desempenhado esta missão.

Faleceu em Lisboa cerca do ano de 1665.

FRANCISCO TAVARES

(Veja-se André de Barros)

FRANCISCO DE TAVORA E ATAÍDE

Ou simplesmente Francisco de Ataíde. Era filho de António de Ataíde, a quem acompanhou nas Indias Orientais. (Veja-se António de Ataíde). Casou em 1615 com D. Brites Joanes a quem seu pai dotou em 3 mil cruzados incluindo 450\$ réis que ela tinha já de sua mãe e a avó materna Joana Pacheca deu mais 4, sendo logo 2 em dinheiro e amiguados e o resto a pouco e pouco.

(Notas)

FRANCISCO DE VALDERRAMA

O seu nome acha-se no Tomo V da Hist. Geneal. onde se diz que fôra criado de D. Jaime e por ventura trazido de Espanha quando este duque veio de lá em 1496; pois o seu apelido soa-me a castelhano.

Foi ele quem transportou a Montes Claros em 1512 o corpo da Duquesa D. Leonor de Gusmão.

Mais tarde foi Aposentador de D. Teodósio I.

Teve descendência. (Veja-se Apolinário de Valderrama)

Ou ele ou algum de seus filhos morou perto da travessa que hoje tem o nome de Valderrama e talvez no prédio que faz esquina para a Corredoura da parte do sul. Para destrinçar a sua descendência muito contribuiu o registo Paroquial de São Bartolomeu, de que os Valderramas eram fregueses; mas não remonta aquela época.

FRANCISCO DA VEIGA

Este Calipolense entrou na Companhia de Jesus a 5 de Junho de 1617. Apreendeu com grande proveito as letras divinas e humanas e obteve por isso reger na Universidade de Évora a cadeira de escritura sagrada.

Também honrou o púlpito mostrando-se orador distinto no seu tempo.

Quando tinha feito já todos os actos para se graduar doutor na sagrada teologia, veio arrebatá-lo a morte em 7 de Dezembro de 1643, contando apenas 43 anos de idade.

Assim o diz a Biblioteca Lusitana.

FRANCISCO DE VILALOBOS

Licenciado, filho de António de Vilalobos e de Inácia Soares.

Era prior da Conceição de Vila Fernando em 1628 e irmão de António de Vilalobos. (Notas)

FR. FRANCISCO DE VILA VIÇOSA 1º.

Professou a Regra Franciscana da Província da Piedade, vulgo dos Capuchos. Residindo em Coimbra e grasando ali a peste no ano de 1599, como bom pastor, assistiu aos enfermos durante cinco meses no fim dos quais foi ele também vítima da epidemia.

Esta notícia é da crónica da Prov. da Piedade.

FR. FRANCISCO DE VILA VIÇOSA 2º.

Houve outro relegioso capucho do mesmo nome, que era filho de Francisco Coelho e Inês Rodrigues.

Passou por todos os cargos da Província até o supremo dela, isto é - de Provincial. Era obediente, manso, pacífico, mui casto e dado a vigorosas penitências.

Até pretendem que por sua intercepção obrara Deus alguns prodígios. Faleceu no Convento de Santo António de Évora no ano de 1663.

Esta notícia é da Crónica da Prov. da Piedade.

Creio que a este mesmo se refere a Biblioteca Lusitana dizendo:

"Foi religioso da Seráfica Província, onde tève os cargos de guardião dos Conventos de Faro e Beja."

Escreveu:

"Aurea Chevsonesus, divisa in tres partes: 1º Agit de Gemmis; 2º de Aloribus; 3º de Locis Communibus Assumptis, Humanitatibus, Notitiy, Aliisque ad cuviositatem simulque utilitatem conducentibus - em 4º.

Item - Exercicios spirituaes."

Estes manuscritos conservam-se, continua Barbosa na livraria do Convento da Piedade da mesma vila.

FR. FRANCISCO DE VILA VIÇOSA 3º.

É o mesmo que Fr. Francisco Pedro Nogueira (veja-se).

FR. FRANCISCO XAVIER DA CONCEIÇÃO SAIAL

Religioso da Província de Xabregas (Franciscano).

Achando-se doente veio para Vila Viçosa com permissa régia; e faleceu em casa de sua irmã Joaã Joaquina a 6 de Dezembro de 1800, sendo sepultado na Igreja das Chagas.

Penso que era filho de Francisco Rodrigues Saial, prégador régio. (Reg. Par. da Matriz)

FRANCISCO XAVIER FERREIRA

Faleceu na freguesia de São Bartolomeu a 16 de Janeiro de 1765 este sacerdote, que o seu prior vale no assento de óbito, declara ter sido mestre em artes pela Universidade de Evora, onde fora colegial da Purificação e a crescenta por último que gosava dos créditos de bom pregador. Faltou-lhe a penas dizer-nos se era nascido em nossa vila, o que parece mais provável.

FRANCISCO XAVIER DA GUERRA

Foi procurador do concelho em 1751. Enviuvou de Antónia Rodrigues em 1730, morando no Terreiro de Dom João. Faleceu em 28 de Agosto de 1756, sendo alferes de ordenanças e casado com Joana da Costa em 1734.

Era filho de Francisco da Guerra e de Isabel Rodrigues, natural da Matriz, onde casou a primeira vez em 1727.

FRANCISCO XAVIER DE GUSMÃO

Vereador em 1736 e 1739. Era filho de João de Gusmão e Angela Cordeira e natural da Matriz onde foi baptisado em 1687.

Faleceu em 21 de Setembro de 1770, sendo viúvo de Mariana de Almeida. Tiveram uma filha de nome Catarina Maria de Gusmão.

D. FRANCISCO XAVIER DA SILVA LOBO 2º.

*Qualquer nobre trabalha, que em memória.
Vença ou eguale os grandes já passados.
(Lus.V,92)*

D. Francisco do Castelo (como aqui lhe chamáva-mos por morar na Almedi-na quase detrás da Matriz), nasceu em Olivença, mas veio para Vila Viçosa sendo muito rapaz; cá viveu a maior parte de seus anos e cá morreu.

Era filho de D. Joaquim Xavier Lobo Góngoma da Silva, capitão de infantaria nº.15 (de quem trato adiante) e da nossa patrícia D. Eufémia Rita de Almeida Valejo de Máris, filha de Francisco Cândido de Almeida Valejo.

Nasceu no ano de 1780 e á imitação de seus ascendentes seguiu a carreira das armas, assentando praça no Regimento de Cavalaria de Olivença em 20 de Julho de 1795. Deixando poucos anos depois a arma de cavalaria, passou para o 2º. Regimento de Infantaria da mesma vila, que depois da guerra de 1801 veio a ter quartel em Vila Viçosa e assim estando aqui na primavera de 1806, enamorou-se da filha do procurador do concelho José António Nunes, chamada Francisca de Jesus Nunes a qual, se bem que moça excelente e de familia honesta, não tinha as nobrezas dos Lobos de Olicença, parentes dos Lobos barões e hoje marquezes de Alvito.

D. Francisco, alucionado por uma daquelas paixões tão ordinárias no vendor da mocidade, fugiu um dia com ela para Espanha,desertando ..., mas em breve conheceu o seu erro; tornou para Vila Viçosa ao cabo de três dias e como estava cá a familia real, mandou pedir perdão ao príncipe regente pela sua namorada. Deitando-se esta aos pés dele, D. João disse-lhe logo que estava perdoado e que se apresenta-se; e apresentado que foi depois de ouvir uma repreensão, o príncipe intimou-o para que imediatamente recebesse por mulher a quem seduzira.

Este matrimónio, assim feito de pura afeição como deviam ser todos, parece que foi abençoado de Deus; pois D. Ana deu á luz doze filhos.

Pouco depois do casamento de D. Francisco rebentava a guerra peninsular e ele tinha o posto de alferes em infantaria nº.15, o de tenente em caçadores nº.5 e o de capitão no mesmo corpo; correndo o ano de 1811.

Transferido para infantaria nº.14, ali serviu até o ano de 1820,em que passou a servir de major no regimento de milicias de Vila Viçosa.

Como era muito amigo de El-Rei D. João VI teve sempre ódio ás constituições, declarando-se pela realleza e assim emigrou para Espanha com a 1ª companhia de milicias da nossa terra em 31 de Julho de 1826, unindo-se ás tropas do brigadeiro Magessi, com as quais andou em campanha até se internarem ultimamente em Espanha no princípio de Abril de 1827.

Voltando em 1828, foi graduado tenente coronel no mês de Outubro;assistiu á guerra da sucessão já como efectivo e foi promovido a coronel em 10 de Novembro de 1833, quando estava governando a praça de Marvão.

Aqui sofreu D. Francisco um grande revés.Para guerrear D. Miguel I,permitira o governo espanhol que em Sán Vicente, vila fronteira a Marvão, se formasse um depósito de liberais portugueses emigrados e estes conseguiram

ram subornar o ajudante da praça para uma noite lhes franquear a entrada na mesma, cooperando muito nisto o General Pinto, que ali estava preso.

Ouvi contar muitas vezes esta história aos camaradas de D. Francisco, e como em 1876 encontrei no *Correio da Tarde* de 30 de Maio uma relação do mesmo facto com suas respectivas datas, aqui a dou:

"Achava-se (D.Francisco) doente de cama, quando na noite de 12 de Dezembro de 1833, o sargento ajudante da praça de Marvão, Manuel Mateus Brandão, retirou a sentinela do lado da Cova dos Coelhos e distraiu a atenção da guarnição, a propósito de evitarem as inclemências da noite, dando-lhe vinho, etc. para entrarem na praça os liberais do depósito de Sán Vicente.

Então o General Pinto, entrando subitamente no quarto do governador, disse-lhe em tom de insolência:

Sr. D. Francisco! Venha agora o meu lugar ... e obrigou-o a recolher-se na prisão onde ele estivera.

Imagine-se pois o abalo, que causaria no ânimo do governador esta mil traição em cima dos incómodos de uma doença!"

Continou preso até á convenção de Évoramonte e se não fora este cativo, teria passado ainda a general de brigada, porque lhe chegou a altura da promoção antes se convencionarem os exércitos beligerantes. No entanto esta desgraça teve uma vantagem que foi fazer passar á história o nome de D. Francisco.

Sucedeu-lhe o mesmo que a João de Tovar Caminha em Vila Viçosa no ano de 1580.

O pior de D. Francisco foi a destronação de D. Miguel I, porque ficou do sem soldo algum, quase sem bens de raiz e aliás com uma numerosa família, teve de passar por mil privações e consentir (com grande mágoa sua) que alguns de seus filhos passassem ao serviço da Rainha D. Maria II.

Recolheu-se á casa de seus pais no castelo, hoje em ruínas e ali habitou enquanto ela foi habitada. Ao cabo de 17 anos de privações, quando o Duque de Saldanha fez dar soldo aos officiaes que tinham postos do tempo de El-Rei D. João VI, consolou-se então D. Francisco em ser classificado no posto de major, recebendo como reformado 36\$000 réis mensais e teve o necessário para não estar mais à mercê de outrem.

Era já viúvo desde 1842.

Faleceu em 26 de Novembro de 1861, contando 81 anos de idade e morando na Rua das Cortes.

Alto, grosso, com fortes músculos, a sua figura tinha o aspecto garboso de um verdadeiro militar e o ser vesgo de um olho ainda tornava mais sobranceira a sua fisionomia.

Os seus filhos varões foram: D. Joaquim Xavier, que já era alferes na expedição contra os liberais da ilha Terceira em 1832 e lá ficou prisioneiro, não continuando mais na carreira das armas; D. José Xavier (veja-se), que em 1834 já era capitão da real polícia de Lisboa; D. Francisco tenente na mesma época, o qual foi passado por uma bala no cerco do Porto e em paisano foi prefeito e reitor do Colégio dos Loios de Évora onde faleceu a 21 de Novembro de 1811; D. Policarpo (veja-se) que assentou praça já depois de 1834, assim como os seguintes; D. João Xavier (veja-se), oficial no ultramar; D. António que morreu moço em 1823 e D. Miguel (veja-se).

As suas filhas foram: D. Clara, que casou com Bento Porffrio da Fonseca Prezado, cirugião-mór do exército; D. Ana, que não tomou estado; D. Eufémia, que casou com António Maria de Mira, filho do cirugião Mira; D. Epifânia, que casou com o major reformado Duarte Carlos de Miranda; D. Maria Isabel, que casou com Alberto José da Veiga; D. Isabel, que casou com um sobrinho seu, filho de D. Joaquim e D. Mariana que morreu moça.

FRANCISCO XAVIER DO VALE

Filho do alferes Domingos do Vale e de Maria Avars de Oliveira. Dotou-se sua mãe, em 1727 para tomar conta da Horta do Paúl, que hoje se chama - das Ulhas. Residia em Évora já em 1762 e o resto da vida, sendo beneficiado da Sé.

(Arch.Ebor., Pág.281)

FRANCISCO ZEFERINO MENDES

Natural de Estremoz, donde veio para Vila Viçosa em 1826 como cirugião do partido da Câmara (130\$000 réis) e do Hospital da Misericórdia.

Elegeram-no vereador em 1835, não devendo sê-lo como empregado, que era da câmara mas tolerou-se este facto, já por serem os tempos anormais já porque os liberais da nossa terra tinham pouco onde escolherem vereadores da sua comunhão politica.

No ano seguinte foi 2º. provedor do concelho.

Com quanto fosse daqueles cirurgiões da escola antiga, onde não havia tantas disciplinas como agora, ele era bom facultativo, tanto na clinica cirurgica, como na médica.

Sendo já muito adiantado em anos casou com a nossa patricia D. Mariana de Assis Sousa e Figueiredo, filha de José Pedro de Figueiredo, mas não teve sucessão.

Faleceu em 1857 a 9 de Setembro, contando mais de 70 anos de idade.

D. FULGENCIO DE BRAGANÇA

Era 4º filho do 2º matrimónio do Duque D. Jaime com D. Joana de Men donça.

A imitação de seus irmãos D. Jaime e D. Teotónio (que foi arcebispo de Evora), seguiu a vida eclesiástica e teve a dignidade de Dom Prior da Insigne Colegiada de Guimarães, onde faleceu a 7 de Janeiro de 1581.

Jaz na Capela-Mór das Chagas, da parte do evangelho em sepultura própria.

Teve dois filhos naturais: D. Francisco de Bragança, nascido em Ev ora e D. Angélica de Bragança, que professou no Convento das Chagas e foi ali abadessa.

Na Hist. Geneal. tomo 5, pág.641 está uma biografia extensa dele.



GABRIEL DE BRITO MENEZES

Fidalgo do Duque D. Teodósio II e seu filho D. João II a cujas bodas assistiu com luzimento no ano de 1633, conforme diz Cadornega.

Morava na Rua dos Fidalgos e casa, que veio a ser dos Silveiras pe-

lo casamento de sua neta D. Isabel Maria de Menezes com Diogo da Silveira da Fonseca Castelo Branco e que ele adquirira.

Era filho de Manuel Teles de Menezes e de D. Maria de Mello e neto do Dr. André Jorge de Abreu (veja-se) e como primogénito, possuía um bom morgado em Monsaraz e Vila Viçosa, que vinha já de seus avós.

Nasceu acidentalmente no Alandroal, correndo o ano de 1588, por morar ali então seu pai, como capitão das ordenanças daquela vila e de Terena.

Casou em 1615 com D. Vicência da Veiga e enviuvando moço e sem filhos, passou a segundas núpcias com D. Julia de Moscoso, natural de Badajoz de quem houve a Manuel Teles de Menezes e Moscoso, baptizado em São Bartolomeu no ano 1636 e a D. Mariana de Menezes e Moscoso.

Foi dotado por seu pai em mil cruzados em 14 de Agosto de 1615.

Em 1618 vivia em Evora (notas). Em 1624 estava em Vila Viçosa e vendeu umas casas no Alandroal e Rua Torta.

Parece que Gabriel de Brito não era affecto ao Duque D. João II, talvez por não ter officio na Casa de Bragança e assim verificada a sua aclamação como Rei de Portugal, não quis seguir o partido da nação; mas pelo contrário emigrou para Castela, parecendo-lhe que não ia por diante a emancipação do nosso reino: e assim foram-lhe confiscados em represálias todos os seus bens, como disse já no artigo de Diogo da Silveira da Fonseca Castelo Branco. Só depois da paz geral de 1668, pôde reivindicá-los seu filho e sucessor Manuel Teles de Menezes, por assim se ter estipulado no tratado da dicta paz.

El-Rei Filipe IV fê-lo Cavaleiro de Calatrava em 1643.

Este Manuel Teles de Menezes casou em Espanha com D. Maria e houve dois filhos: D. Nicolas de Menezes e Moscoso e que veio a Vila Viçosa em 1692, mas não quis reivindicar o morgado nem residir em Portugal; mas cedeu os seus direitos em sua irmã D. Isabel de Menezes e Moscoso, quando casou com Diogo da Silveira da Fonseca (veja-se).

Consta que faleceu em Madrid, mas não em que ano.

Esta noticia é do livro de "Familia dos Silveiras".

GARCIA PIRES DO CAMPO

Era alcaide-mór da nossa vila em 1383 no tempo da morte de El-Rei D. Fernando e chaveiro da Ordem de Aviz.

Ainda que passava por adepto da Rainha D. Leonor Teles de Menezes, não se opôs a que Vila Viçosa se declarasse a favor do Mestre de Aviz na revolução de Dezembro do mesmo ano; mas este último, não confiando nele, tirou-lhe a alcaidaria para a dar ao Comendador Vasco Porcalho, em Abril seguinte.

Foi pior a emenda que o soneto. Este Porcalho é que atraiu, como se disse nas memórias gerais.

Assim consta da Crón. de D. João I por Fernão Lopes.

GASPAR DE ANDRADE

Mesário da Misericórdia em 1588-59.

GASPAR ANTONIO BROCHADO

Filho de Bento José Brochado e Jacinta Rosa, natural da Matriz e neto paterno de José Mendes Brochado.

Depois de ser barbeiro, teve loja de ferragens e mercearia etc. de sorte que juntou alguns bens, com os quais vivia remediado.

Por ser liberal prenderam-no em 1828 e processaram-no por injúrias verbais aos realistas e á Rainha D. Carlota, do que resultou ser condenado a dez anos de degredo para Damão: mas não passou de Goa, donde regressou em 1835, transportando-se á sua custa, visto haver triunfado o seu partido.

Os seus correligionários politicos elegeram-no vereador para o ano de 1838 e serviu este cargo.

Era já então viúvo de Joana Rita Pereira (minha tia materna), da qual teve muitos filhos e passando mais tarde a segundas núpcias houve mais um filho varão.

Faleceu ali por 1860, octogenário ou quase.

GASPAR DE BARROS

Cavaleiro da Casa de Bragança em 1604. Era dono da Herdade dos Galegos, na freguesia da Orada e termo de Estremoz (notas).

Casado com Maria Vicente em 1611, tinha dois filhos.

D. GASPAR CÃO

Bispo de S. Tomé. (Veja-se Pero Lobo Tavares)

GASPAR CÃO LOBO

Achando-se viúvo em 1625 e sem descendência nomeou a sua irmã Violante Lobo para lhe suceder na administração da capela instituída por Constança Cão, mulher que foi de Alvaro Nunes Delgado, moradores nesta vila de cuja linha ele procedia. Eram 30 alqueires de trigo na Herdade do Cano de Monforte com obrigação de duas missas cantadas.

Tendo falecido a dicta irmã primeiro que ele, faz nova nomeação em Soror Brites de S. João, filha de sua irmã Maria Pinheiro em 6 de Abril de 1633.

Vereador em 1635.

GASPAR DIAS

Procurador do concelho em 1625, 1633 e 1638 (L.1 dos Reg. da Câmara Fls.142).

Escrivão do almoxarifado da vila em 1627, da Casa de Bragança ainda em 1642.

Este, ou outro do mesmo nome, casou em São Bartolomeu com Apolónia Rodrigues em 1607. Faleceu em 20 de Dezembro de 1652 um Gaspar Dias com a abolição - de Juromenha, tendo sepultura na Matriz. Ignoro se é distinto do primeiro.

GASPAR FERNANDES CORREIA

Nasceu nesta vila de pais humildes e tendo a desgraça de cometer um homicídio, viu-se obrigado a fugir para Castela no princípio do século 17.

Oferecendo-se ali para ir batalhar em Flandres teve em breve o posto de sargento e esperava-se que subisse muito para cima (no ano de 1618), por ser moço e bizarro.

Esta notícia com o competente elogio é do Parnaso de Vila Viçosa, L.2, Cap.41.

GASPAR FERNANDES DE TORRES

Este calipolense era licenciado em Leis e síndico da câmara em 1618 (Parnaso de Vila Viçosa, L.2, Cap.62). Já era letrado e advogado nesta vila em 1614 (Notas).

Casou com Francisca de Arruda e teve filhos dela na freguesia de S. Bartolomeu de que era paroquiano.

Já era falecido em 1649.

Padeceu incómodos por causa de um letrado que era fiscal do Real d' água em 1637 (segundo Cadornega), e dali resultou atijar uma escrava sua os sediciosos do mesmo ano para chegarem feixes de vides á porta do dito fiscal e forçaram-lha por meio de fogo; o que miudamente dei-xei referido na primeira parte e tomo I.

GASPAR GALVÃO

Filho de e de Violante Galvão, já vivia em 1588, ano que ele era já casado com Catarina Vaz.

Floreceu nos fins do século XVI e princípios do século XVII.

Era cavaleiro fidalgo e senhor da herdade do termo de Juromenha que hoje se chama os Galvões.

Foi vereador em 1605. A sua casa era na Rua dos Caldeireiros, faz esquina com o cunhal de pedra para a Rua de Santo António.

Ele e seu irmão fizeram uma troca com o duque em 1606, recebendo a Herdade da Brazia em Fataião e dando eles um quinhão que tinham na Herdade dos Pereiros a Val de Grou no termo de Borba.

GASPAR GIRÃO

Deste fala Cadornega, dizendo-o filho do pasteleiro-mor do Duque D. João II, Freire de Aviz e beneficiado de São Bartolomeu.

Era filho de Gaspar Girão e de sua mulher Jerónima Rodrigues e irmão de André Girão (veja-se).

No L.4 das Provas de Frequência de Teologia na Universidade de Évora, vejo que estudou esta ciência no ano lectivo de 1638-39, sendo já licenciado.

Em 1640 começou a ter o emprego de beneficiado de São Bartolomeu e conservou-o até 1663.

Fôra baptisado na mesma freguesia em 25 de Maio de 1617, sendo seu padrinho o licenciado Domingos Alvares Leite.

Gaspar Girão, algumas vezes também se assinava por Lançarote.

O mesmo, ou outro do mesmo nome, faleceu na Matriz sendo tesoureiro da mesma, em 8 de Agosto de 1702.

GASPAR DE GÓIS

Criado nobre da Casa de Bragança em tempo dos Duques D. João I e D. Teodósio II.

Casou na Matriz em 1571 com Maria Vicente, criada da Duquesa D. Catarina.

Sete anos depois acompanhou a África o Duque D. Teodósio II e ficou prisioneiro na batalha de Alcácer, mas voltou depois de resgatado.

(Parnaso de Vila Viçosa, L.2, Cap.33 e Hist. Geneal. tomo 6, pág. 310).

GASPAR GOMES ESTEVES

Licenciado que faleceu nesta vila em 7 de Fevereiro de 1661. (Cartório da Misericórdia)

GASPAR GONÇALVES CARRÃO

Em 16 de Janeiro de 1664 foi promovido a capitão de ordenanças, sucedendo nesse posto a Gaspar Raimundo de Vasconcelos.

Casou em São Bartolomeu com Maria da Conceição em 16 de Abril de 1673. Faleceu na Matriz na Rua do Espírito Santo a 16 de Agosto de 1681.

GASPAR GONÇALVES DA FONSECA

Filho de Gaspar da Fonseca e Domingas João, baptisado na Matriz em 1634. Foi vereador em 1665, 1676, 1680, 1683, 1684, 1688, 1691 e 1700.

Em 1660 vivia na Matriz, casado com Guiomar de Bitancõa de quem nome descendia.

Faleceu na mesma freguesia em 3 de Abril de 1701.

DR. GASPAR LOPES

Bacharel e ouvidor de D. Jaime em 1512. Desembargador do Duque D. Teodósio I em 1540 (Hist. Geneal. tom.6, pág. 41 e 81).

Teve dele a Comenda de S. Romão de Monsaraz.

Faleceu algum tempo depois.

GASPAR DA NOBREGA

Criado nobre da Casa de Bragança em tempo de D. João I.

Acompanhou a África em 1578 a seu filho D. Teodósio II, ficando lá prisioneiro, como Gaspar de Góis e tantos outros (Parnaso, L.2, cap.33 e Hist. Geneal., tom.6, pág.310).

Em 1588 era casado com Helena de Azevedo e tinha uma comenda, em 1601 estava residindo em Lisboa com o officio de tesoureiro da dízima do pescado que era do duque. (Notas)

Tinha a Comenda da S. L^ção da Pedisqueira em Bragança, que ele em 1605 arrendou por 40\$000 réis anuais e neste ano parece estar morando nesta vila. (Notas)

Gaspar casou segunda vez com D. Margarida de Almeida e tiveram Francisco da Nóbrega, nascido em 1592. Em 1609 dotou sua filha D. Leonor Estaça com a sua terça para casar com João Garcia Caldeira, filho do Padre Garcia Caldeira e Luzia Brada, tia de ambos os esposos dotou-os com todos os seus bens, reservando apenas o usufruto deles. (Notas)

Gaspar da Nóbrega era falecido em 1615. A 7 de Maio fizeram partilhas seu filho Francisco da Nóbrega de Azevedo e seu genro Garcia Caldeira as suas casas as da Coelha ao pé do Forno.

Teve descendencia que continuou no serviço da mesma casa. Em 1674 foi nomeado escrivão da nossa câmara um neto seu, de nome Jerónimo da Nóbrega de Azevedo em atenção aos serviços prestados pelo o avô (L.2 dos Reg. da Câm., fl.126). Mas este Jerónimo estava em Lisboa no serviço da casa real e pediu a propriedade do officio unicamente para o arrendar.

GASPAR DE OLIVEIRA PRATES

Casou e teve dois filhos, Maria de Oliveira e Francisco Xavier de Oliveira, a quem o avô dotou para ser clérigo em 1714.

Em 1677 era meirinho da Corveição.

Foi vereador em 1707, 1716 e 1719.

GASPAR RAIMUNDO OU REIMONDO

Serviu em Tânger com armas e cavalo á sua custa no tempo de El-Rei D. Sebastião; ficou prisioneiro na Batalha de Alcácer-Quibir em 1578 e resgata-se á sua custa.

Em consequência disso passava-lhe o Rei Filipe I uma carta para servir uma comenda de 3 anos em Tânger ou Ceuta, mas não a serviu.

Não obstante fez doação dos seus serviços a seu filho Miguel Reimondo

em 12 de Outubro de 1606, se é dessa escritura de doação que tomei estes apontamentos.

Em 1616 meteu freira na Santa Cruz a sua filha Maria da Ressurreição com dote de 350\$000 réis que pagou com um quinhão de 20 alqueires de trigo e sua pitança, avaliado em 45\$000 réis e o resto em dinheiro. (Notas)

Em 1622 meteu no convento sua filha Isabel de Almeida com dote de 400\$000 réis, metade em fazenda e metade em dinheiro.

GASPAR RATMUNDO DE SANDE

Filho de Manuel de Sande de Vasconcelos e de Margarida de Almeida, baptisado na Matriz em 1628.

Elegeram-no capitão de ordenanças em 29 de Dezembro de 1658, no tempo da Guerra da Restauração e teve o cargo de vereador em 1672.

Casou com D. Violante da Guerra, de quem teve descendência.

A Maria Ana da Encarnação, professa na Santa Cruz em 1691, era sua filha legítima.

Em 1664 era casado com Catarina da Costa e vivia na Matriz.

Faleceu na Matriz a 24 de Novembro de 1672, sendo morador na Rua de Nossa Senhora (Castelo).

GASPAR DE SA

Sendo criado do Vice-Rei D. Constantino de Bragança, acompanhou-o á Índia em 1558 e continuou a servir lá o Estado assim como outros calipolenses. Servia em Malaca no ano de 1568, quando foi cercada pelo Rei de Achem. (Couto, Du.8º, cap.4)

FR. GASPAR VALENTE

Sacerdote, Freire de Aviz e beneficiado de São Bartolomeu.

Está nas Chagas a sua sepultura. Faleceu no principio de Junho.

GASPAR VAZ

Capitão das ordenanças do ducado em tempo de D. Jaime, a quem acompanhou na expedição de Azamor. (Góis - Crón. de D. Manuel)

Tinha servido já no estrangeiro com boa reputação.

GASPAR VAZ DE SOUSA

Ouvidor do duque em 1631. Desembargador em 1632.

Vivia cá em 1637 e 1641, sendo desembargador da Casa de Bragança.

GENEBRA MENDES

Dama da Duqueza D. Isabel de Lencastre e mulher de João Nunes Carvalhal. Residia alternadamente nesta vila e em Estremoz.

Deixou á Misericórdia um moio de trigo de renda com obrigação de três missas resadas cada ano e por isso está registado no Tombo 1^o da Santa Casa o seu testamento que ela escreveu de sua mãe em 18 de Fevereiro de 1578 e foi aprovado a 10 de Julho de 1580 na sua Quinta de Santa Helena em Pardais, chamada agora - Horta Grande, para onde se refugiava por causa da peste. Não teve descendência e por isso nomeou universal herdeiro seu marido, que pouco tempo lhe sobreviveu.

Mas ela veio a falecer em Vila Viçosa na sua casa.

GERVASIO PEREIRA BORGES

Sendo procurador do povo em 1766 e tendo por colega a Filipe Lopes Mauro, representou contra o arrancamento das vinhas neste concelho, ordenado pelo ministro do reino Marquês de Pombal.

Foram atendidos. Faleceu em 27 de Novembro de 1803, sendo viúvo de Luíza Maria, com a qual já era casado em 1762 e vivia em 1796.

GIL DA COSTA

Escrivão dos órfãos em 1610, 1625 e ainda em 1639. (Notas)

Foram suas as casas entre as de Fernão de Sousa e dos Lucenas, com um foro de 7:500\$ réis agora pertencente a Cristóvão de Matos Lucena.

GIL DE SEQUEIRA

Licenciado e médico na sua pátria, onde vivia no ano de 1618, quando foi escrito o Parnaso de Vila Viçosa. Ali se acha catalogado como pessoa notável no L. 2, cap.60.

Vivia entre nós, segundo o registo paroquial.

Nas notas do tabelião André Luis de Cerveira achei uma escrita de doze 360\$ réis em prédios, dinheiro e móveis que o boticário Herrique Mendes fez a sua irmã Beatriz Lopes para casar com este licenciado, que já o era então em 25 de Fevereiro de 1601. Teve descendencia.

GOMES FERREIRA

Criado do Duque D. Teodósio I. Achava-se em Calayate, no reino de Ormuz em 1529, por feitor de El-Rei quando ali aportou o Governador da Índia Nuno da Cunha.

Este corrigiu algumas demasias suas e dos servos da feitoria, como diz Barros, Dec.4, L.3.

GOMES FREIRE DE ANDRADE 1º.

Creio que era neto de Nicolau de Andrade e Isabel Freire, os quais viviam na Matriz em 1583. Gomes Freire seguiu a carreira das armas, como era próprio da época em que floresceu. Debatia-se então entre a Espanha e Portugal a independência deste e foi portanto necessário que a nossa nobreza vestisse as armas e não as largasse até firmar a emancipação da sua pátria comum. Em 1659 já era capitão de cavalos e pode ver-se no Portugal Restaurado a boa figura que fez durante a Guerra da Restauração.

Casou em São Bartolomeu a 10 de Abril de 1680 com D. Luisa Clara de Menezes, filha mais velha e herdeira de Ambrósio Pereira de Berrêdo e Castro. (veja-se)

Mas a esse tempo já ele tinha ido para o Brasil a governar a capitania do Maranhão e voltara com muito acrescentamento de posto (seria talvez oficial general). Em prémio destes serviços teve o privilégio das assaboarias da nossa vila, Borba, Avis e Campo Maior por carta de mercê de 6 de Novembro de 1688 (L.2 dos Reg. da Cam., fls.262, 367 e 383).

Morava na Corredoura no palácio que faz esquina com vistas para o Largo da Assaboaria, que lhe ficava contígua.

Deste Gomes procedeu Manuel Freire de Andrade (veja-se); o qual por morte de seu pai teve o mesmo privilégio das assaboarias.

Gomes Freire 1º. deixou os filhos órfãos o que prova ter já idade muito madura, quando casou com D. Luisa Clara.

Teve seis filhas legítimas, freiras no Convento da Santa Cruz, chamadas - Maria Cecília da Corça, professa em 1697; Leonor Teresa da Coluna, em 1700; Margarida Micaela da Glória, em 1704; Cecília Maria do Bom Sucesso, em 1707; Josefa Isabel da Visitação, em 1716 e Inês Bernarda da Trindade, em 1726. Teve mais Fr. João M. Bernardo, paulista o qual em 1716 doou a pasta dos serviços do pai a outro irmão chamado Henrique Luis de Berredo e Castro.

Gomes Freire de Andrade 1º. era já falecido em 1706 e sua mulher D. Luisa Clara ainda vivia em 1738.

GOMES FREIRE DE ANDRADE 2º.

Este era sobrinho do precedente como filho de seu irmão Bernardino Freire de Andrade e de D. Joana Vicência de Menezes; foi capitão general da capitania do Rio de Janeiro e Minas Gerais no Brasil em tempo de El-Rei D. João V e veio a ser 1º. Conde de Bobadela.

Depois viveu no Forte do Ferragudo e talvez morresse ali.

Foi baptisado na freguesia de São Bartolomeu no 1º. de Setembro de 1688, sendo seus padrinhos o tio Gomes e Soror Leonor de Deus (veja-se).

A margem do seu assento de baptismo está a seguinte nota da letra do

Prior António Xavier do Vale: *"Este cavalleiro depois de servir muitos annos de governador e capitão general do Rio de Janeiro e Minas, em cujos empregos se acreditou a si e honrou a pátria, foi elevado á dignidade de Conde de Bobadella por decreto de 21 de Outubro de 1758."*

Teve uma filha bastarda que professou na Santa Cruz, com dote de 580\$ réis. Chamada Feleciana Micaela de Menezes, ajustado em 1739.

Não casou, sucedendo-lhe José António Freire de Andrade 2º., Conde de Bobadela e deste nasceu outro Gomes Freire que em 1786 já era 3º. Conde de Bobadela.

Em 1817 foi justificado em Lisboa outro Gomes Freire de Andrade, general que era da mesma familia, mas ignoro a sua naturalidade física.

Apenas ouvi a pessoas antigas que a ele pertenciam as casas da Corredoura, que então passaram para os Condes do Forte ou de Bobadela.

D. GOMES DE MELO

Filho de D. Francisco Manuel de Melo 1º. e de sua mulher D. Ursula da Silva.

Era fidalgo da casa dos Duques D. Teodósio II e D. João II. Foi assistir ao casamento deste último a Elvas, levando em sua companhia os seus dois filhos D. Francisco de Melo e D. Jerónimo Manuel de Melo (vejam-se) que já então (1633), eram moços fidalgos da Casa de Bragança.

Foi Alcaide-Mor de Lamego e teve as Comendas de São Mamede do Mogadouro e de São Pedro da Veiga de Lila (Hist. Geneal., Tomo 6, pág. 657).

Estes Melos eram parentes da Casa de Bragança por parte de D. Afonso, Conde de Faro (veja-se).

DR. GOMES DE MORAIS

Filho do Dr. Fernando de Moraes e irmão do Dr. Álvaro de Moraes.

Foi lente de prima de canones na Universidade de Coimbra.

Assim o diz a Biblioteca Lusitana. Vivia no meio do século XVI.

GOMES SOARES

Tabellião em 1589. Casado com Helena Loba.

P^a. GONÇALO ALVARES

Quando este nosso patricio era estudante em Coimbra, tomou afeição ao Instituto de Santo Inácio de Loyola; e assim professou-o na mesma cidade no 1^o. de Janeiro de 1549.

São Francisco de Borja, sendo geral da Companhia de Jesus e conhecendo a sua grande capacidade, nomeou-o Visitador da India em 1568 e ele aportou em Goa a 10 de Setembro na celebrada nau Chagas, em que ia o Vice-Rei D. Luis de Ataíde.

Completada a sua missão na India, praticando acções dignas de um filho de Santo Inácio e introduzidos os primeiros estudos no Colégio de Macau, embarcou para o Japão com o P^a. Manuel Lopes, desejoso de pregar ali o evangelho e nessa jornada acabou tristemente a vida, indo-se a nau a pique, impelida por um furioso tufão.

Aquilo valeu o mesmo que padeceu o martirio ás mãos dos idólatras.

Isto se lê na Biblioteca Lusitana; porém na Imagem da Virtude no Noviciado de Coimbra pelo P^a. António Franco, a pág. 523 do tomo 1^o. encontra-se larga noticia deste apóstolo calipolense, que julgo ser irmão ou parente de Fr. Duarte Alvares, graciano.

Para ali remeto os leitores curiosos.

GONÇALO DE AZEVEDO

Foi fidalgo da casa do Duque D. Jaime e caçador-mor de seu filho D. Teodósio I (Hist. Geneal., Tom.6, pág.81 e 653). Teve uma filha chamada Isabel dos Santos, que professou no Convento da Santa Cruz em 1544.

GONÇALO FERNANDES LEITÃO

Procurador do concelho em 1589. (Notas)

GONÇALO GIL DE CASTRO

Calipolense nobre e criado da Casa de Bragança. Achou-se em 1578 na Batalha de Alcácer-Quibir (Parnaso, L.2, cap.33 e Hist. Geneal., Tomo 6, pág. 309).

GONÇALO GUERRA

Era provedor da Misericórdia em Março de 1530. Efectou 17 do dito mês a troca de umas casas da Misericórdia na Rua das Vaqueiras por um quintal de Inês Canes Chamourra, contíguo ao hospital com o fim de se alargar o mesmo hospital.

A escritura da troca está no tomo 1º. da Santa Casa.

GONÇALO MENDES MERGULHÃO

Moço do guarda-roupa do Duque D. João II, em cuja comitiva de casamento figurou no ano de 1633. Segundo Cadornega, levando consigo o seu sobrinho Francisco Aires de Abreu.

Em 1634 era vereador mais velho e também juiz pela ordenação, era casado com Maria de Sampaio.

Dez anos depois servia de escrivão da câmara no impedimento ou por concerto com o proprietário Belchior Garcia da Silveira.

Era falecido já em 1642 e já a sua viúva Maria de Sampaio estava morando em Lisboa, casada com João da Fonseca.

Teve a Antónia Mergulhão que foi freira no Convento de Santa Cruz com o dote de 350\$ réis.

No L. 2 dos Reg. da Câmara está uma carta de mercê da propriedade dos officios de Meirinho da Correição, Distribuidor, Contador e Inquiridor, passada em 1679 a favor de outro individuo do mesmo nome que vivia em Lis-

boa e diz-se ali que aquela mercê era devida a ser ele filho e neto de criados da Casa de Bragança.

Devia ser neto do sobredicto.

GONÇALO DE OLIVEIRA

Licenciado que vivia na Matriz em 1628, sendo casado com Isabel Vaz de Lima.

D. GONÇALO PINHEIRO

Foi fidalgo da casa do Duque D. Jaime, cónego de Evora, Desembargador do Paço por muitos anos, Governador da Relação do Porto, Bispo de Viseu e embaixador de El-Rei D. João III á França.

Falecendo nesta vila a 15 de Dezembro de 1567, foi sepultado no cláustro de Santo Agostinho.

Parece que era dos Pinheiros de Barcelos.

Hist. Geneal. no Tom. 6, pág. 652 donde extrai esta notícia.

GONÇALO PIRES DE AZAMBUJA

Teve a alcaidaria-mor da nossa vila em 1370 por mercê de El-Rei D.Fernando (Monarq. Lusit.,Tomo 8).

Nesse tempo os alcaides-mores eram residentes nos seus respectivos castelos. Devia ser também vizinho de Vila Viçosa conforme o seu foral.

GONÇALO RODRIGUES

Alcaide-mor da nossa vila em 1367 por nomeação de El-Rei D.Fernando(Monarq. Lusit., Tomo 8, pág. 48).

DRº. GONÇALO DA SILVEIRA

Vivia nesta vila em 1550 e era irmão de Joana Dias da Silveira (veja-

-se). Era tio ou primo de António da Silveira de Vilalobos.

GONÇALO DE SOUSA

Fidalgo da Casa de Bragança em tempo do Duque D. João I.

Assistiu á Batalha de Alcácer-Quibir em 1578 e lá ficou prisioneiro (Parnaso, L.2, Cap.33, e Hist. Geneal., Tomo 6, pág.309).

Era filho de Martim Afonso de Sousa (?) e casado já em 1577 com Joana Pereira.

GONÇALO TOSCANO FUREIRO

Filho de Manuel Fureiro e Luisa de Vasconcelos, baptisado na Matriz em 1612.

Foi vereador em 1641 e 1643 e mesário da Misericórdia em 1642/43.

Era então casado com Ana Maria.

Este apelido Fureiro abundava em nossa vila e era antigo; pois acho memória em Barros, Dec.4, L.10, cap.8, estar em Dju por escrivão da feitoria real um António Fureiro no ano de 1538 e ficar defendendo um lanço de muro no cerco desse ano.

GONÇALO VAZ PINTO 1º.

Fidalgo da Casa de Bragança em tempo do Duque D. Jaime.

Assistiu á conquista de Azamor em 1513 com seu filho Ruy Vaz Pinto (Hist. Geneal., Tomo 5, pág.51). Tinha o senhorio de Ferreiros e Tendais e era alcaide-mor de Chaves. Morava onde posteriormente foi fundado o Convento da Esperança.

Gonçalo Vaz Pinto 1º. era filho de Ruy Vaz Pinto, neto de Aires Pinto (que já servira ao Duque D. Fernando II), bisneto de Gonçalo Pinto, 3º neto de Vasco Gomes ou Garcez, 4º. neto de Garcia Soares Pinto vassalo de El-Rei D. Dinis, 5º. neto de D. Elvira Anes Pinto, 6º. neto de D. Garcia de Sousa Pinto, 7º. neto de D. João Garcia de Sousa Pinto, 1º. Pinto, filho de D. Garcia Mendes e neto do Conde D. Mendo, o Sousão.

Casou a 1ª. vez com D. Guiomar de Castro, filha de Fernão de Sousa 1º, senhor de Couveia de quem teve seis filhos, sendo o primogénito Ruy Vaz Pinto 2º..

Casou a 2ª. vez com D. Inês de Góis de quem teve dois filhos.

Além destes houve quatro bastardos, sendo um deles Gonçalo Vaz Pinto, que foi do Concelho de El-Rei D. João II e 1º. Comendador de Moreiras na Ordem de Cristo.

(Do Livro de Família dos Sousas de Brito, Tit. da Geração dos Pintos)

Mais notícias: Gonçalo Vaz Pinto 1º. foi Adeantado de Entre Douro e Minho no tempo de El-Rei D. Afonso V; achou-se na Batalha de Touro em 1476; foi fidalgo do Duque D. Fernando II e do Concelho de El-Rei D. João II (Hist. Geneal., Tom.6, pág.44 e 656).

GONÇALO VAZ PINTO 2º.

Neto do antecedente, como filho de seu filho Ruy Vaz Pinto 2º..

Teve o senhorio de Ferreiros e Tendais, como seu pai e avô e a Comenda de São Salvador de Elvas. Foi trinchante do Duque D. Teodósio I (Hist. Geneal., Tom.6, pág.656) e quem alienou os Paços dos Pintos em 1550 para se começar ali a fundar o Convento da Esperança.

Casou com D. Violante Henriques, filha de Henrique Henriques de Miranda; António de Miranda, que foi para a Índia e lá tomou o hábito de Franciscano e D. Joana Henriques que casou com D. Francisco da Costa, embaixador a Marrocos sobre o resgate dos prisioneiros de 1578 e capitão de Malaca de quem procedem os Condes dos Arcos, o Conde de Sandomil Pedro Mascarenhas e os Condes de Assumar.

(Lº. da Fam. dos Sousas de Brito, Tit. dos Pintos)

GREGORIO MIXIEIRO

Casado com Maria Dias (veja-se), falecido sem descendência em 1652 a 20 de Janeiro e sepultado em São Francisco dos Capuchos com acompanhamento da Confraria das Almas do Fogo do Purgatório.

Instituiu uma capela de 12 missas por si e por sua mulher, fiscalizada

pela Misericórdia mediante as luvas de 200 réis.

Mandou rezar 4 missas no altar do Rosário e 6 no das Almas do Espírito Santo, de cuja paróquia era freguês.

Deixou á Confraria do Rosário 10:000 réis para ajuda de uma lâmpada nova de prata, que fosse melhor do que aquela que estava servindo.

Era criado de El-Rei D. João IV nesta vila em 1643.

GREGÓRIO DE SOUTO

Filho de João de Souto e de Constança Meleira, nasceu a 1.^a vez na Matriz em 1621 com Brites Carvalha, filha de Domingos Carvalho e de Maria Martins. Casou segunda vez em 1626 com Joana Dias, filha de Jerónimo Dias e de Catarina Fernandes e segundo o seu testamento era casado finalmente com Angela Monteiro.

Em 1650 foi procurador do concelho e depois disso avaliador e partidor do mesmo concelho.

Mandou que o acompanhassem á sepultura as Irmandades das Almas e da Senhora da Saúde. Deixou 3:000 réis aos Apóstolos (jesuitas).

Instituiu uma capela de 5 meses de missas ditas no Altar das Almas do Espírito Santo; dotada com 500:000 réis que se poriam a juro e não se empregariam em vinhas nem olivais, devendo ser 1.^o administrador dessa capela o Padre Manuel Monteiro seu cunhado, a quem também fiz seu testamento deixando-lhe 2:000 réis e a sua espingarda, etc.

O seu testamento foi feito pelo licenciado Afonso Nobre que era natural da vila do Prado no concelho de Melgaço.

Faleceu em 17 de Março de 1651, com testamento em que instituiu uma capela de meio anal de missas, como pode ver-se no Tomo III e cap.em que trato da Misericórdia, administradora da dita capela. Foi sepultado no Convento de São Francisco ou dos Capuchos.

Morava na Rua do Poço na casa á esquina da Travessa com quintal e que se estende para defronte da portaria do Convento da Esperança.

GREGÓRIO TELES DE ANDRADE

Licenciado e casado com Ana Mendes, vivia nesta vila em 1628. (Notas)
Era criado do duque em 1631 e 1634.

GUILHERME DA SILVA CARVALHO

Filho de Nicolau da Silva Carvalho. Foi como seu pai Almojarife da Casa de Bragança em 1729 e sucedeu-lhe igualmente no posto de sargento-mor das ordenanças de toda a comarca em 23 de Março de 1748.

Diz-se timidamente que era natural de Arronches mas no assento de baptismo de sua filha Ana, baptisada em São Bartolomeu no ano de 1738 está escrito, ser natural de Badajoz e sua mulher de Lisboa.

Faleceu em 5 de Janeiro de 1770, sendo viúvo de D. Antónia Inácia de Melo, couteiro de cavalo e sargento-mor da ordenança da comarca, jaz na Esperança.

Parece que era cristão novo.



HEITOR DE BRITO PEREIRA

Filho de Cristóvão de Brito Pereira 3º. (veja-se).

Foi Prior da Insígne Colegiada de Barcelos e Desembargador da Casa da Suplicação de Lisboa, onde á profundeza da sua ciência juntou a observância incorrupta da justiça. Faleceu em Lisboa.

Era poeta e muito estimado pelos poetas contemporâneos.

Assim se lê na Biblioteca Lusitana.

HEITOR DE FIGUEIREDO

Fidalgo e veador dos Duques D. Jaime e D. Teodósio I.

Teve a Alcaidaria-mor de Borba (Hist. Geneal., Tom.6, pág.81).

Foi casado com D. Antónia de Ataíde.

HEITOR DE FIGUEIREDO DE BRITO

Neto do antecedente, como filho de sua filha D. Guiomar de Castro, que casou com Fernão Rodrigues de Brito Pereira 1º., já viúvo de D. Madalena de Castro e que morreu em 1578 em Alcácer-Quibir.

Em 1594 foi nomeado pelo Duque D. Teodósio II, capitão-mor das ordenanças do Ducado na Província de Entre Douro e Minho, quando se dizia vir uma armada inglesa infestar as costas de Portugal.

Acudiu ao seu posto; mas felizmente não foram precisos os seus serviços.

Era Cavaleiro da Ordem de Malta, Comendador de Oleiros, Alcaide-Mor de Borba e fidalgo da Casa do Duque D. Teodósio II, sendo um dos aventureiros do torneio das festas do casamento do mesmo duque em 1603 e dos que saíram da torre encantada (Hist. Geneal., Tom.6, pág.335 e 434).

Creio que não casou; mas teve uma filha que se meteu freira na Esperança e se chamava no século D. Antónia de Ataíde (L. de Fam. dos Sosas de Brito).

Ainda vivia no ano de 1621, em que foi padrinho do baptismo de Cristóvão de Brito Pereira 3º., seu 2º. sobrinho.

HELENA DO PARAISO

Foi freira distinta por sua virtude no Convento da Santa Cruz da sua pátria no século XVI e é uma das flores com que Fr. Luis dos Anjos compôs o seu Jardim de Portugal, onde se acha inscrita com elogio sob o nº. 125.

Era filha natural de Duarte Pereira de Brito (veja-se Fernão Rodrigues Pereira), Comendador de Castelões que morreu solteiro. Professou de quinze anos, por ser isto antes do Concílio de Trento; jejuava três dias por semana, etc.

Sua mãe chamava-se Ana Lopes.

D. HELENA DE SOUSA

Filha de Fernão de Sousa 3º., senhor de Gouveia (veja-se). Foi abadesa no Convento de Tarouca, onde costumava professar professor as fêmeas da sua família. Nasceu nos paços que estão junto da Fonte Pequena (L. de Fam. dos Sosas de Brito).

HENRIQUE ALVARES

É o nome de um bacharel em leis ou advogado que servia a Misericórdia em 1570, com 500 réis anuais de gratificação por ser seu procurador.

HENRIQUE DE CASTRO

Filho de Diogo de Castro 2º. e de D. Isabel de Souza. Já tinha 25 anos em 1639.

Em 1648 era guarda-mor dos pinhais de Leiria. Este foi dos que ganharam com a Restauração de 1640, pondo-se á mercê de El-Rei por via de seu tio Dr. André António de Castro, ffsico-mor do mesmo rei.

Em 1674 era falecido e sobrevivia-lhe a sua viúva D. Teresa . Antónia de Andrade.

HENRIQUE DE FIGUEIREDO

Veador do Duque D. Jaime e fidalgo da sua casa (Hist. Geneal., Tom.6, pág.653). Devia ser pai de Heitor de Figueiredo.

HENRIQUE DE FIGUEIREDO 2º.

Apesar de se achar algum tanto distanciado, não afirmo absolutamente que este individuo seja diverso do anterior.

Foi fidalgo do Duque D. João I, a cujo filho e sucessor acompanhou a Africa em 1578; mas não voltou, porque morreu na Batalha de Alcácer-Quibir. (Parnaso, L.2, Cap.33, e Hist. Geneal., Tomo 6, pág.309).

Era sogro de Afonso Vaz Caminha e não devia portanto ser moço, quando faleceu.

HENRIQUE FRANCISCO DE CASTRO

Outro dos criados da Casa de Bragança que acompanharam a África o jovem Duque D. Teodósio II.

Perdida a Batalha de Alcácer (1578) ali ficou prisioneiro com o mesmo duque (Parnaso de V. Viç., L.2, Cap.33 e Hist. Geneal., Tom.6, pág.310).

P^a. HENRIQUE HENRIQUES

Temos agora outro jesuíta e muito ilustre, já por sua ciência, já por seu zelo na propagação da nossa fé entre os gentios.

O P^a. Henrique Henriques começou a sua carreira dedicando-se ao estudo da Jurisprudência Canónica na Universidade de Coimbra.

Desprezando os aplausos devidos ao seu grande talento, e seguindo o conselho evangélico de vender quando possuía e distribuir o seu preço pelos pobres, alistou-se na Companhia de Jesus e professou no Colégio de Coimbra em 8 de Outubro de 1545, aos 25 anos de idade.

Sendo o Reino de Portugal pequena esfera para o seu agigantado espírito, pediu com repetidas instâncias a Missão da Índia, para onde partiu no ano seguinte e chegando ao Colégio de Goa em 17 de Setembro foi logo destinado por São Francisco Xavier para a costa da Pescaria, cuja aqres-te vinha cultivou pelo dilatado espaço de 53 anos com tão indefeso ânimo e continua, que mereceu o título de Apóstolo de Comovim.

Para atrair com mais facilidade ao grémio da igreja romana aqueles bárbaros, aprendeu a sua língua, muito difícil de compreender e ainda mais de pronunciar e tornou-se no breve espaço de seis meses tão perito, que escrevia e pregava em tão rude idioma com suma facilidade.

Entre as gravíssimas aflições que padeceu em obséquio da relegião, foi a menor, quando, acometido o lugar Punicale pelos Badagás, gente feroz e indómita no ano de 1553, lhe lançaram uma cadeia de palmo e meio do pescoço ao pé direito, neste cruel martírio permaneceu constante por al-

guns dias, até que foi restituído á liberdade, sendo resgatado por uma subscrição pública, segundo conta Diogo do Couto na Dec.6,L.10,cap.9.

Em pública disputa convenceu um Bramane, que para confirmar os bárbaros na falsidade da sua crença, fazia-se muitas vezes morto e resuscitado e do triunfo desta controvérsia resultou glória para o cristianismo e confusão para a gentildade.

Igual vitória conseguiu em Punicalé, suprindo a ausência e saudades do Santo Xavier e do venerável criminal na conversão dum célebre Seneaxi, que observando uma vida inocente conforme a lei natural, foi ilustrado pela graça para abraçar o evangelho e fazer meritorias as penitências, com que macerava o corpo.

Neste mesmo lugar de Penicalé edificou a sua industriosa caridade no ano de 1551 o Seminário de Instrução de Meninos, donde tantos saíram tão bem disciplinados nos mistérios da fé e preceitos do evangelho, que nas suas práticas eram ouvidos e respeitados como mestres.

Edificou para alívio dos enfermos um hospital, em que se tratava tanto do remédio dos corpos como da perfeição das almas.

Em suma: Foi Henrique Henriques - na pureza, anjo, no desejo, mártir, e no zelo, apóstolo.

Cheio de virtudes heróicas deixou a vida caduca pela eterna em Puricalé a 6 de Fevereiro de 1600, contando 80 anos de idade e 55 de profissão relegiosa.

Divulgada a notícia da sua morte, foi excessivo o sentimento que se a poderou dos corações de todos os cristãos, chegando muitos a deixar de comer por espaço de três dias e até os mouros fizeram impetuosas demonstrações pela falta de tão grande e prestante razão.

Foi sepultado no Colégio de Futucurim com grande veneração daquela cristandade.

Escreveu as seguintes obras:

Arte de Gramática da Língua Malabar;

Vocabulário da mesma Língua;

Doutrina Cristã por modo de diálogo;

Método de confessar;

Contra as fábulas dos gentios;

e um grande número de cartas.

Assim se lê na Biblioteca Lusitana; à porém larga biografia deste patrício na Imagem da Virtude no Noviciado de Coimbra, pelo Padre A. Franco pág.523 e seguintes, para onde remeto os leitores.

HENRIQUE HENRIQUES DE MIRANDA

Filho e sucessor de Gonçalo Vaz Pinto 2º. (veja-se).

Tomou os apelidos maternos, deixando os paternos. Teve os senhorios de Ferreiros e Tendais, que seus avós já haviam possuído por mercê do Duque D. Jaime. foi também como eles fidalgo da Casa de Bragança e trinchante de D. João I. Teve a Comenda de São Martinho de Ruivães.

Tomou parte na expedição de África de 1578 e lá ficou morto na Batalha de Alcácer-Quibir (Hist.Geneal., Tom.6, pág.656 e Parnaso, L.2, cap. 33).

Casou com D. Maria de Azevedo, filha de Pedro Cão da Nóbrega e de Beatriz Teixeira, da qual houve dois filhos: Luis de Miranda Henriques e D. Violante Henriques, a qual veio a casar com D. Gonçalo da Costa, armeiro-mor.

A sua viúva D. Maria de Azevedo passou a segundas núpcias com Fernão de Castro, veador da Duquesa D. Catarina (L.de Fam.dos Sosas de Brito).

HENRIQUE DE MELO LOBO TÁVORA

Filho de Luis António de Melo 1º. e de D. Bárbara de Melo de Távora, baptisado em São Bartolomeu no ano de 1720.

Foi vereador em 1570 e tomou parte nas sumptuosas exéquias de El-Rei D. João V. Vindo pautado para o ano de 1754, excusou-se com a alegação de ser alferes de tropa de linha.

Escravo de Nª. Senhora da Conceição em 1741.

Era dos Melos Lobos, senhores da Casa do Pêgo da Moura.

HENRIQUE POUSÃO

Filho do primeiro matrimónio de Francisco Augusto Nunes Pousão (veja-se).

Nasceu na Freguesia de São Bartolomeu ao 1º. de Janeiro de 1859.

Matriculando-se na Academia das Belas Artes do Porto, saiu tão hábil na pintura, que o governo central arbitrou-lhe um subsídio para viajar no estrangeiro e poder estudar as melhores obras desta a que se dedicou por vocação própria (1883).

Espera-se que hombrei com os melhores professores do seu tempo.

O malogrado jovem calipolense adoeceu gravemente em 1883, veio no inverno, mandado pelos médicos a tomar ares pátrios e logo se augurou que vinha dar cá os ossos. Assim foi. Faleceu a 20 de Março de 1884 achando-se hospedado em casa de seu primo Manuel Maria Matroco e contando apenas 25 anos de idade e quatro meses de retiro em Vila Viçosa.

No 1º. de Maio do mesmo ano de 1884 veio publicado no Ocidente, jornal de Lisboa nº.193, o seu retrato e uma biografia sua, que é do teor seguinte:

HENRIQUE POUSÃO

Uma individualidade que seria mais uma glória para a arte do nosso país se a morte não a precipitasse tão cedo nas profundezas tenebrosas do túmulo!

Era um artista por vocação e por amor.

Os apontamentos biográficos que publicamos em seguida são na sua singeleza, a página gloriosa da sua vida, curta, é verdade em anos mas dilatada em afirmações de uma capacidade que ficou assinalada com vestígios brilhantíssimos do mais pronunciado mérito.

Henrique César de Araujo Pousão, filho do bacharel Francisco Augusto Nunes Pousão, actual juiz de direito em Odemira, nasceu no dia 1 de Janeiro de 1859, sendo baptisado na Igreja Paroquial de São Bartolomeu de Vila Viçosa.

Vindo para o Porto, quando seu pai era delegado em Barcelos, matriculou

-se na Academia Portuense de Belas Artes em 7 de Outubro de 1872 e em Agosto do ano seguinte fez os seus primeiros exames.

A sua vida escolar foi uma série ininterrompida de triunfos, precursores dos horizontes largos que se abriam a um espírito em que estavam reflectidos apaixonadamente todas as seduções do belo, todos os encantos do grandioso.

Assim obteve ele:

Em 1873, louvor e segundo prémio pecuniário de 20\$000 réis, nos exames do 1.º e 2.º. ano de desenho histórico; distinção no 1.º. de architectura, e aprovação em anatomia artística.

Em 1875, louvor e segundo prémio pecuniário no 5.º. ano de desenho; elogio no 1.º. ano de pintura histórica; elogio no 2.º. ano de escultura e louvor no 4.º. ano de architectura e em perspectiva.

Em 1876, elogio no 2.º. ano de pintura e no 3.º. de escultura e louvor no 5.º. ano a architectura, sendo o seu trabalho de exame julgado digno de ficar pertencendo á Academia.

Em 1877, elogio no 3.º. ano de pintura e aprovação no 4.º. de escultura.

Em 1878, elogio no 4.º. ano de pintura e no 5.º. de escultura.

Em 1879, finalmente, louvor pelo seu quadro de composição do 5.º. ano de pintura, decidindo-se que esse quadro ficasse pertencendo á Academia, para satisfação do autor e para estímulo dos outros alunos.

Pousão concluíra pois de modo satisfatório o seu curso académico, mas não terminara com isso o seu ideal artístico.

A França e a Itália apareciam-lhe em sonhos com as opulências dos seus monumentos e com as obras primas dos grandes mestres e o seu entusiasmo vibrava-lhe a fibra mais terna da alma.

Proporcionou-se-lhe ao moço artista o ensejo de ver satisfeitas as suas aspirações de cada hora.

Aberto concurso para o lugar de pensionário do Estado no estrangeiro, da classe de pintura de paisagem, Henrique Pousão apresentou-se e as provas que exebiu valeram-lhe em conferência geral de 6 de Agosto de 1880, o ser preferido na votação sobre o mérito relativo dos candidatos a essa classe.

Em portaria de 1 de Setembro seguinte era-lhe confirmada a nomeação e

em meados de Novembro partia ele para Paris com o coração transbordando de alegria e com o espírito calorosamente preocupado pelo imprevisto das maravilhas em que ir exercitar de ora em diante o seu génio.

Depois de se demorar quatro dias em Madrid para se embevecer na contemplação das preciosidades pictorias acumuladas no vasto museu do Prado, chegou á grande capital no dia 22, apresentando-se em seguida ao então Director da Escola Nacional de Belas Artes de Paris, Mr. Paul Dubois.

Henrique Pousão começou então com verdadeira febre os seus estudos.

Os museus, as praças, os edifícios, os costumes, tudo enfim era para ele motivo de observação e de análise artística.

Trabalhava e trabalhava com um afan extraordinário, esse facto e as asperezas do primeiro inverno que passou naquela cidade originaram-lhe os germens da doença fatal que o devia aniquilar⁽¹⁾ para sempre.

Sinto o coração confranger-se-me ainda, quando me recordo que ao abraçá-lo em Paris na Primavera de 1884, senti o doloroso presentimento da ruína qua a doença cavava naquela organização já abalada pelos primeiros estragos de uma bronquite aguda.

Todos nós o aconselhamos a retirar-se para o seu país mas ele ofusca do pelas sintilações sedutoras do futuro, iludido da gravidade do seu estado, só pensava na benignidade do clima da Itália, porque a Itália lhe deparava uma nova fonte onde saciasse a febre ardente de saber!

Tendo começado os seus estudos em 20 de Dezembro de 1880, em Outubro de 1881, enviava já á Academia Portuense de Belas Artes a sua primeira remessa, que constava de quatro academias desenhadas pelo modelo Vilo, três no atelier de Mr. Cabanel e uma no de Mr. Yuon, duas paisagens a óleo, impressões e esboços dos arredores de Paris e um costume representado uma velha a dobrar.

Nos dois únicos concursos de atelier em que entrara, fôra classifica do: no 1.º, primeiro desenhador; e no 2.º, terceiro desenhador.

Frequentando os cursos de perspectiva, história e anatomia para se preparar para o concurso de admissão á escola, obteve nesse concurso 18 valores em ornamentação, 14 em perspectiva e 9 em anatomia e história; e admitido á prova final (figura desenhada do natural) ficou em nº.35 entre 70 escolhidos.

(1) Termo anti-cristão e materialista, que reprovou.

Depois entrou no concurso de medalhas, obtendo uma terceira, no concurso de ornamento.

No segundo ano alcançou mais duas terceiras medalhas em concurso, sendo uma no de estudo pelo modelo vivo, em 31 de Outubro de 1881 e outro no do antigo em 28 de Novembro do mesmo ano.

Por conselho dos médicos, Henrique Pousão fôra tomar águas ao Puy de Dôme, mas como os seus sofrimentos se agravassem, retirou-se, mediante licença obtida do governo, para a Itália onde esperava encontrar lenitivo á doença que o ia definhando pouco a pouco.

Chegado a Roma em 27 de Dezembro de 1882, depois de se demorar quatro dias em Turim e um em Pisa, entrou como sócio no círculo dos artistas, onde á noite desenhava pelo modelo vivo e estudava trajos á aguarela.

Foi em Roma que pintou o quadro intitulado Cecília com o qual fez a sua estreia no Salon Anual de Paris.

Ainda por causa dos seus padecimentos teve de ir para Capri, visitando depois Pompeia e fazendo a ascensão ao Vesúvio onde pintou algumas impressões, como recordações de viagem; seguiu para Nápoles, donde regressou a Roma em 18 de Janeiro de 1883.

Ali teve ocasião de se relacionar com o notável pintor espanhol Pradilla, de quem recebeu bons conselhos e elogios que eram um novo incitamento aos seus estudos.

Os quadros que constituíram a sua segunda remessa para a Academia Portuense foram: Antes do Sol, paisagem de Capri, outra paisagem da mesma ilha; Cançada, um costume também de Capri; Esperando o Sucesso, um delicioso rapazinho, mostrando umas garratuñas que rabiscou em um papel durante o tempo de descanso no atelier do artista, em que servia de modelo; e duas cópias de paisagens, uma intitulada Artes da Tempestade, de Emile Vernier, existente no Museu do Luxemburgo e outra Il Delilo, de Franciso Mancini, existente no Real Palácio de Capo di Monte.

A Academia, avaliando a importância destes trabalhos, resolvera em conferência de 5 de Maio de 1883, consignar na acta um voto de louvor ao artista e comunicar-lhe esta deliberação.

Pousão tornou ainda a voltar para Capri mas de tal modo recrudescer

ram os sintomas da doença que o vinimava, que se viu obrigado a retirar-se para Portugal na esperança de encontrar aqui lenitivo a um mal já sem remédio.

Apesar do estado melindroso em que se encontrava, o seu sentimento de de artista fe-lo prolongar a viagem por localidades ainda para ele desconhecidas. Assim, de Capri, fez o trajecto por Sorrento, Castelanar, Nápoles, Roma, Génova, Marselha, Barcelona, Valência, Sevilha, Huelva e Aiamonte, Vila Real de Santo António e Olhão, chegando a Odemira extenuado do corpo, mas forte no espírito, que ainda lhe permitiu durante os dias derradeiros da existência, não se separar dos pincéis queridos que manejou sem cessar até que a mão lhe pendeu exangue sobre o peito em que pulsava um belo coração sempre aberto aos sentimentos mais puros ás expansões mais dignas.

O jovem artista teve a suprema consolação de sentir, ao cerrarem-se-lhe as palpebras á luz da vida, o orvalho acariciador das lágrimas de família, em cujos braços affectuosos adormeceu o sono da eternidade.

Morreu em 20 de Março último (em Vila Viçosa) e o seu passamento foi um golpe profundo para a estima que lhe consagravam mestres, amigos e admiradores.

Paz aquella alma encantadora!

Como preito á sua memória venerada, a Academia Portuence de Belas Artes resolveu consignar um voto de sentimento pela morte do seu aluno e realizam por ocasião da exposição trienal, uma exhibição especial dos seus trabalhos.

O Centro Artístico Portuense, de que o finado fôra também fundador e um dos seus sócios mais dedicados e entusiastas, prestou-lhe igualmente o preito da sua saudade em uma assembleia geral.

Henrique Pousão, repetiloemos mais uma vez era um artista de grande futuro. Os trabalhos que deixou e muitos dos quais pertencem á Academia Portuence, dão testemunho de uma aptidão não vulgar e de um talento que só se manifesta bem quando tem a desenvolve-lo a vocação decidida e a paixão indomável que cria os grandes apóstolos da relegião da arte.

Porto, Abril - 1884

Manuel M. Rodrigues

A Palavra do Porto publicou e as Leituras Populares de Lisboa (vol.7 do 2º decénio) reproduziram uma carta do Padre Francisco dos Santos e Cunha com data de 7 de Abril de 1877 em que remetia inclusa outra de Santo António em Redondilhas para agradecer a Henrique Pousão o risco de um retábulo, traçado gratuitamente para se executar numa ermida que se andava reconstruindo em Fornos de Paiva. Está bem ideada a tal carta do damaturgo português que principia assim:

*N' estas paragens que habito,
Meu caro senhor Pousão,
tive ha pouco uma noticia
de grande satisfação!*

*O esplendido talento
que o senhor lhe concedeu,
sonhe que o empregava,
em obra, serviço meu.*

*Fico pois muito contente ...
Pudera ... pudera não!
Um altar tão acabado!...
Mil graças, senhor Pousão!*

E assim continua em mais dez quadras.

Vejam-se os lugares citados.

HENRIQUE DA SILVEIRA MENEZES

Servia o duque em 1637 e morava cá, era filho bastardo de João Mendes de Menezes e neto de Henrique de Menezes.

Era solteiro e tinha em Lisboa uma irmã chamada D. Isabel Maria de Menezes.

HENRIQUE DE SOUSA

Instituiu uma capela em Inês Ferreira, irmã de D. Maria Ferreira, ca pela que passou á Misericórdia, por morte da dita Inês. Vivia na 1ª me

tade do século XVII.

Ele jaz em S. João, onde se vê a sua campa.

J

INACIO ANTONIO DOS SANTOS

Filho de Manuel Gaspar, vulgo Bandolas e de Geneveva Rosa.

Era também conhecido vulgarmente por Inácio Bandolas. Foi admitido no Colégio dos Reis da sua pátria em 28 de Abril de 1804, sendo assim contemporâneo de Francisco António Franco e discípulo de Francisco Pêres. Em música, mostrou-se com uma rara habilidade tanto para a música vocal como para a instrumental.

Findo o curso do colégio, entrou para a Capela Real como acólito; e nesta posição o contrataram os Freires de Aviz para organista do seu convento.

Dizem os seus contemporâneos que se dava com excesso ao uso do vinho e que disso lhe resultara o tornar-se trémulo das mãos, sendo-lhe por último necessário aquecer-se com alguns copos antes de sentar-se ao órgão. Faleceu muito moço em Avis antes da extinção daquele Convento (ou antes de 1834).

Além de insigne organista e tangedor de vários instrumentos musicais, era bom compositor. De suas obras conheço uma missa a 3 vozes com instrumental, de que usou em 1870 e anos seguintes a Filarmónica Calipolense.

Inácio Bandolas era de família humilde; como porém viveu no tempo dos conventos e colégios, pode elevar-se adquirindo nome e decente posição mas isso lá vai.

INACIO CAETANO PEREIRA

Alferes de ordenanças em 1802, casado com Ana Teodora.

Foi procurador do concelho em 1815. Faleceu em 10 de Março de 1817.

Dele e sua mulher Ana Teodora procedeu Casimiro José Pereira (veja-

-se) e Maria da Conceição, que casou com José Joaquim Teotónio, lavrador em Pardais.

INACIO CLEMENTE DA COSTA

Filho de José da Costa Fonseca Mexia (veja-se) e 5º. na ordem dos va
rões sobrevivios.

Foi vereador em dois biénios consecutivos (1870-73).

E lavrador nos Amados, onde reside a maior parte do tempo.

Casou com D. Maria do Carmo Rodão, filha de António Dias Rodão e sua
mulher D. Joana Rita de Torres.

Nasceu em 1840.

INACIO DA COSTA DE CARVALHO 1º.

Filho de Jerónimo da Costa e de sua primeira mulher Isabel Maria.

Casou em 1731 na freguesia de São Bartolomeu com Inácia Joaquina
Vieira Primorosa, filha de João Rodrigues Primoroso e de sua mulher
Francisca Nunes.

A riqueza que seu pai adquirira juntou ele nobreza, ampliando os bens
herdados e servindo cargos honoríficos. Foi com efeito, vereador em 1748
e 1761 a 1764 e em 1750 era já capitão de auxiliares ou milícias de Te-
rena. Faleceu em 14 de Julho de 1793, sendo octogenário.

Teve, entre outros filhos a Jerónimo da Costa de Carvalho (veja-se),
ao Pº. José Inácio da Costa, vulgo Índio (porque seu pai o fez degredar
para a India, como filho rebelde, na forma do costume da época), o qual
depois de ser Frade Graciano em Goa, secularizou-se, foi vigário da va-
ra em Vila Viçosa e reedificou na Rua do Cambaia o melhor prédio de ca-
sas, que ali se acha á mão direita, subindo-se pela boca do Rossio, a
pouca distância deste, D. Mariana, D. Próspera.

INACIO DA COSTA DE CARVALHO 2º.

..... varão de antiga raça

De antigos bons costumes, n'esta edade
Tão falta d'elles exemplar sublime!

(Elp. Duv.-Cart. a Alexis)

Era neto do antecedente, como filho de seu filho Jerónimo da Costa de Carvalho, casado em segundas núpcias com D. Maria Umbelina Centena da Fonseca.

Nasceu na Freguesia de São Bartolomeu em 1798. Como filho e neto de vereadores, logo em 1816 começou a exercer o cargo de almotacé e nesta qualidade assistiu ás exéquias da Rainha D. Maria I.

Foi pautado vereador para o ano de 1821 e continuou neste cargo em 1822 até á eleição da câmara de eleição popular, assim como no de 1823 depois que esta municipalidade foi dissolvida.

Em breve conheceu Inácio da Costa a índole revolucionária, política e religiosa do liberalismo e por isso desde então declarou-se acérrimo defensor dos principios da antiga monarquia tradicional e cristã, com os quais este reino medrava e se fizera respeitável ante as outras nações.

Aceitou nesta época o posto de capitão de milicias da 4ª. companhia desta vila, do Regimento que tinha o título de Vila Viçosa, em 25 de Abril de 1821; e dando-se o grito de insurreição em 31 de Julho de 1826 contra a Carta Constitucional e quem a mandava do Império do Brasil, já independente de Portugal, aderiu á revolta, unindo-se com a sua companhia ao Regimento de Cavalaria nº.2 e emigrou para Espanha onde se demorou até Setembro de 1828, depois de ter tomado parte nos recontros havidos com as tropas liberais durante o Inverno de 1826-27.

Ao voltar da emigração casou com D. Rosália da Ascensão Lucena, filha de Sebastião de Lucena e Noronha, nossa patricia, de quem não teve descendência.

Formando-se no principio de 1829 o Batalhão de Voluntários Realis-

tas, transferiu-se de capitão de milícias para capitão da 2ª. companhia deste corpo e saiu em Janeiro de 1832 para Pedrouços quando o dito batalhão teve ordem de mobilizar-se, para tomar parte na campanha contra o Ex-Imperador do Brasil, persistindo na luta até á Convenção de Évora Monte.

Embainhando então a espada, recolheu-se a sua casa.

O carácter bondoso de Inácio da Costa, a par da inflexibilidade dos seus princípios políticos, manifestou-se em todos os tempos da sua vida e esse carácter, honrado e benévolo, ao mesmo tempo que firme e imbalável, impunha respeito aos seus próprios adversários políticos. A prova mais saliente disso está em não ser ele deportado, como outros muitos correligionários seus, nem perseguido pelas autoridades ou pelos particulares: sinal de que fôra benigno para com os inimigos e nunca os maltratar fora do combate.

Com os bens que lhe deixaram seus pais, se foi mantendo com sua esposa numa independência honesta e decente, repartindo com os pobres do pão que a providência lhe emprestara e servidor a Deus como escravo mensal perpétuo de Nossa Senhora da Conceição, tesoureiro da Confraria da Santíssima Trindade (cargo já de seus maiores) e irmão do Santíssimo da Freguesia de São Bartolomeu, que era a sua.

No dia da Santíssima Trindade juntava os sobrinhos em sua casa, confessavam-se e comungavam todos para lucrarem o jubileu da confraria e depois da festa servia-lhes um opífraro jantar. Quanto á Irmandade do Santíssimo note-se que era um dos poucos aristocratas da nossa terra que não de designavam de vestir uma opa encarnada e tornar parte nas procissões públicas.

No biénio de 1845-46 elegeram-no os seus patrícios. Dissolvida esta municipalidade pelo Governo Civil de Évora por causa da Revolução da Pauleia, tornou a ser eleito vereador para o resto do biénio de 1846-47

Depois disso ficou tendo, quase de propriedade o cargo de juiz de paz porque todos lhe reconheciam o seu ânimo benévolo e conciliador e por consequente era eleito sem contestação todos os biénios. Deixou de o ser em 1876-77, por não ter havido eleição popular; mas em Novembro

deste último ano, sendo proposto candidato a vereador para o biénio de 1878-79, apesar da grande opposição das autoridades e outras pessoas particulares, ainda chegou a tomar assento nas cadeiras da vereação por que obtivera 231 votos: mas a esse tempo achava-se já velho e incapaz de influir nas deliberações da câmara.

Adoecendo logo no princípio de Julho de 1878 e sentindo-se gravemente enfermo, pediu os sacramentos que com fervorosas disposições recebeu no dia 7 e veio a expirar plácidamente no dia 11, rezando sempre durante a agonia.

Foi amortalhado no hábito da Ordem 3^a. de São Francisco e sepultado, no dia seguinte, no cemitério da Matriz como dispusera em vida.

Era muito alto de estatura, com boa côr, ainda nos seus últimos anos e nunca foi calvo.

Teve lavoura muitos anos, como porém não tinha filhos, deixou-se dela e por último desfizera-se também da parelha de muares, com que fabricava algumas terras dos subúrbios e que lhe servia na sege.

Cerca de quinze dias depois do seu falecimento foi publicado em A Nação e na Esperança o seu elogio fúnebre, escrito pelo nosso patricio Tomé de Sousa Menezes e ali se diz em summa o que eu aqui refiro mais diffusamente e explicitamente.

.....

Entre alguns factos da biografia deste nosso patricio lembra-me relatar o seguinte, que atesta bem claramente a sua honradez, tornada proverbial há muito em nossa terra.

Durante a Feira de Maio de 1870 (se bem lembrado estou do ano) saindo Inácio da Costa de sua casa que era na Rua do Cambaia perto do Rossio, topou uma bolsa com dinheiro espanhol no valor de cerca de um conto e duzentos mil réis.

Tornando logo para casa, cogitou na forma de reconhecer o dono daquela avultada quantia, para lhe fazer immediata entrega dela e poder continuar o seu negócio. Resolveu chamar o porteiro do concelho e mandar apregoar pelas ruas e largos públicos o achado, que na sua mão estava, constante de dinheiro e que o procurasse em sua casa quem dele fosse do

no.

A inteireza e desapego de Inácio da Costa estavam fazendo naquele dia (30 de Maio) um notável contraste com a avareza deste século materialista e comilão do alheio, porquanto apresentaram-se em sua casa sujeitos a quem a nossa idade chama espertalhões, por eufemismo, em vez de ladrões, querendo incultar-se donos da bolsa! Mas não deram os sinais certos dela e do dinheiro e o achador honrado fê-los retirar corridos de vergonha.

Pouco depois passeava ele na sala vaga e sentia na escada o tropel de homens, que subiam a escada com passo firme, dizendo um deles: *Alabado sea Dios, que aun se encuentran hombres de bien!* e então segredou a sua esposa: lá vem agora o verdadeiro dono da bolsa.

De facto dadas as devidas explicações na quantidade e qualidade das moedas e os sinais da bolsa, Inácio da Costa foi buscá-la ao seu gabinete e depositou-a nas mãos de seu dono, a quem fez contar o dinheiro para verificar, se continha exactamente a quantia com que fôra perdida.

- *Muchisimo obrigado, excellentisimo señor!* dizia o castelhano agradecido com as efusões do mais vivo contentamento.

- *Não tem que agradecer.*

- *Mil gracias: Dios os favorecerca y venẽ de bienes, coro para mi desseo...*

- *Eu não fiz mais do que ... o meu dever* (tornava-lhe o nosso patriotismo, etc..)

E o certo é que o espanhol ficou formando muito honroso conceito da nossa terra, porque estas acções enobrecem, tanto as pessoas que as praticam, como as povoações em que têm lugar.

INACIO JOÃO VIEGAS DA PONTE

Foi baptisado na freguesia de São Bartolomeu, em 1712.

Em 1727 era soldado de cavalo da companhia do capitão Manuel Freire de Andrade. Era lavrador do Pocinho em 1757 e em 1761 era coronel dos auxiliares da comarca de Avis.

Provedor da Misericórdia em 1767.

Casou com Josefa Francisca Jacinta Troca e deixou 3 filhos.

Dele procedeu Manuel António Viegas Lobo da Ponte, António Viegas Correia Lobo da Ponte e José Francisco Salazar Lobo da Ponte.

Era filho de Manuel Lobo da Ponte (veja-se).

Faleceu no 1.º de Março de 1773, sendo viúvo de D. Josefa Francisca Jacinta Troca e foi sepultado na Matriz.

INACIO JOSE DO PRADO

Tenente de milícias em 1807 e capitão em 1811.

Foi vereador mais velho em 1828 e como depois da demissão do Juiz de Fóra Azevedo, em Maio, não veio logo outro Juiz de Fóra, teve ele de servir este cargo e dirigir a eleição dos procuradores às Cortes.

Em 1834 também era vereador mais velho e juiz pela ordenação na falta de Juiz de Fóra.

Não tinha muitas letras, mas possuía senso bastante segundo ouvi.

Era filho de Lourenço José Leão, natural de Olivença e de Jerónima Joaquina de Vila Viçosa. Casou em 23 de Maio de 1791 com D. Maria Rosa Sameiro, filha de Bento Martins Sameiro (veja-se), da qual teve a José Maria Sameiro do Prado e algumas filhas.

Conquanto porém se diga no registo paroquial ser ele filho de legítimo consórcio, eu ouvi contar que era filho ilegítimo e adúlterino de Quintino José do Prado, razão porque este o instituiu herdeiro de seus bens e o tornou rico. Talvez pela razão de não saber ele o que custara a adquirir aqueles bens, nem sequer os conservou; de sorte que foi morrer no hospital ali por 1840, sendo já pobre.

Quintino José do Prado, era filho de António José do Prado e de Mariana Cordeira, natural desta vila. Nunca tomou estado e por isso deixou uma boa fortuna, grangeada com o negócio quando faleceu em 1801.

Ele mesmo negociou o casamento de Inácio José do Prado.

INACIO DO REGO DE ANDRADE 1º.

Era o moço da guarda-roupa do Duque D. Teodósio II.

Casou com D. Inocência Cacela, da qual teve o Drº. Belchior do Rego de Andrade, D. Inês Cacela, Gaspar de Andrade Rego.

Foi Mesário nobre da Misericórdia em 1600 e 1601.

Foi vereador em 1614 e em 1618.

Faleceu a 2 de Junho de 1621 e jaz na Igreja dos Capuchos com braço de armas na sua campa donde se manifesta que era pessoa fidalga.

Era irmão do Drº. Gaspar do Rego de Andrade que residiu muitos anos em Goa. Creio que esta gente não era de cá.

INACIO DO REGO DE ANDRADE 2º.

Era neto do antecedente e ocupou mais altos empregos. Seguindo a Corte para Lisboa foi ali escrivão da câmara de El-Rei D. Pedro II, Desembargador da Junta de Justiça do Estado de Bragança e vereador da cidade em 1685.

Deste 2º. Inácio diz a Hist. Geneal. no Tom.6, pág.510, que era avô de dois grandes ministros do seu tempo (D.João V), Belchior do Rego de Andrade 2º. e António do Rego de Andrade, nascidos já em Lisboa.

Depois de 1640 nunca mais houve geração de Regos em nossa vila.

INACIO DA ROSA REBELO

Filho de Cristóvão da Rosa e de sua mulher Margarida Angélica.

Nasceu na freguesia de São Bartolomeu a 27 de Dezembro de 1839.

Depois de ter estudado na sua pátria, português, latim e música, foi em Outubro de 1857 para o Seminário de Évora e ali cursou o resto preparatório e teologia com o fim de seguir a vida eclesiástica.

Mas apenas tomou os quatro graus das ordens menores, porque falecendo entretanto sua mãe que era a empenhada em que ele seguisse esta carreira, seu pai consentiu que intenta-se outra secular, como a de médico-cirurgi-

ção; e assim tornou para o Liceu de Évora em 1862 a fim de cursar os preparatórios que lhe faltavam para se poder matricular na Escola Médico - Cirúrgica de Lisboa. Isto porém não chegou a efectuar-se porque entendeu que seu pai lhe deixava bens suficientes para subsistir; casou com D. Catarina Augusta Cabral....., de Évora, da qual teve duas filhas e passou a viver na sua pátria, como proprietário e agricultor.

Tomou parte muito activa nas lutas contra o administrador do concelho José António Dias Azedo, escrevendo contra ele no Progresso violentas catilinarias e servindo como secretário do Centro Progressista desta vila em 1877.

Foi eleito vereador em 1878 para o quadriénio de 1878-81 e Provedor da Misericórdia em 1883.

É activo e inteligente.

INACIO DA SILVEIRA MENEZES

Foi vereador presidente do biénio de 1854-55; serviu o cargo de Juiz de Paz em 1876 e 1877 e o de substituto do Juiz Ordinário em 1878 e anos seguintes.

Nasceu na Matriz a 25 de Novembro de 1821, sendo filho único e herdeiro dos Morgados de Manuel Diogo da Silveira Menezes 2º. (veja-se) e representante dos Silveiras da Nave, que vêm desde Estevão Mendes da Silveira 1º. (veja-se).

Casou em 9 de Outubro de 1848 com D. Ana Liberata de Matos Azambuja, filha de António Lourenço de Matos Azambuja (veja-se) da qual teve entre outros filhos a Manuel Diogo da Silveira Menezes 3º. e António Carlos da Silveira Menezes.

Seguindo a vida de lavrador mas em mais larga escala do que seus antepassados e adoptando juntamente um regime económico, conseguiu chegar a ser primeiro lavrador do nosso concelho e juntar uma avultada fortuna em bens de raiz.

Reedificou em 1880 a casa dos Campos na Rua de Frei Manuel, e adquiriu em 1883 a casa dos Menezes em 1815 por não poder reparar a gran

de ruína em que se achavam. Fundou a lagareta de azeite na Rua de Fóra.
 Juiz da Régia Confraria de N. Senhora da Conceição em 1891.
 Faleceu em 14 de Fevereiro de 1893.

INACIO DE SOUSA BARBOSA

Natural de São Bartolomeu e filho de Manuel Jorge Barbosa e Inês Máxima de Sousa. Foi baptisado a 3 de Outubro de 1711.

Casou em 1770 na Igreja da Lapa com D. Josefa Vicência de Torres Penalvo, viúva de Francisco Ferreira de Campos (veja-se), sendo testemunhas o Bispo Deão D. João da Saúde Ferreira e o Ouvidor Miguel de Oliveira Guimarães.

INES DOS ANJOS

Foi freira professa no Convento da Santa Cruz da sua pátria e deu ali sinais evidentes de ser pessoa de muita virtude.

Faleceu no dia da Batalha de Alcácer-Quibir (4 de Agosto de 1578).

Encontra-se um extenso elogio seu no Jardim de Portugal por Fr. Luis dos Anjos sob o nº. 126. Ali se diz que era filha de pais nobres, sem os nomear.

Foi companheira de Helena do Paraíso e Adeodata de San' Nicolau.

Era filha legítima de João Alvares e Maria Vaz e professou em 1543.

ISABEL ARCANGELA DOS SERAFINS

Filha de José de Sequeira Pinto.

Professou na Esperança em 1717 com dote de 150\$ réis por ter a prenda de tocar baixo.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE TRIGESIMO SEGUNDO FASCICULO

D. FRANCISCO DA CUNHA	7
FRANCISCO DURÃO MEXIA	7
D. FRANCISCO DE EÇA	7
FRANCISCO FERNANDES BICHOVERDE	7
FRANCISCO FERNANDES BICHOVERDE	7
FRANCISCO FERREIRA DE CAMPOS	8
DRº. FRANCISCO FRANCO	8
FRANCISCO FREIRE	9
FRANCISCO GALVÃO	9
FRANCISCO DA GAMA LOBO COELHO	13
FRANCISCO GARCIA	14
FRANCISCO GIL BARREGÃO	14
FRANCISCO GODINHO DA GUERRA	14
FRANCISCO GOMES	14
FRANCISCO GOMES CARDONA	15
FRANCISCO GOMES MOSTARDA	15
FRANCISCO GOMES PEREIRA	15
DRº. FRANCISCO GOMES DA SILVEIRA	15
FRANCISCO GONÇALVES DURÃES	16
FRANCISCO GRALHO	16
FRANCISCO INÁCIO DE MIRA VIDIGAL	16
FRANCISCO INÁCIO DE OLIVEIRA	17
FRANCISCO JOSE DA COSTA	18
FRANCISCO JOSE DA FONSECA PREZADO	18
FRANCISCO JOSE MARTINS	18
FRANCISCO JOSE DE MELO LOBO	19
FRANCISCO LOBO INFANTE DE LACERDA	19
FRANCISCO LOBO PINHEIRO	20
FRANCISCO LOBO DA PONTE	20
FRANCISCO LOPES SOARES	20

FRANCISCO LOPES DE TORRES	21
FRANCISCO DE LUCENA	21
FRANCISCO MACHADO	27
FRANCISCO MADEIRA DE FIGUEIREDO	28
FRANCISCO MAIO CANHÃO	28
D. FRANCISCO MALDONADO	29
D. FRANCISCO MANUEL 1º.	29
D. FRANCISCO MANUEL 2º.	29
D. FRANCISCO MANUEL DE MELO 1º.	30
D. FRANCISCO MANUEL DE MELO 2º.	30
FRANCISCO MARTINS DA COSTA	31
FRANCISCO MARTINS CURADO	31
FRANCISCO MARTINS TOSCANO	31
FRANCISCO MARTINS VELHO DE MESQUITA E BRITO	32
D. FRANCISCO DE MELO	32
FRANCISCO DE MELO E CASTRO	33
FRANCISCO DE MELO LOBO	34
FRANCISCO DE MESQUITA COUTINHO	34
FRANCISCO DE MORAIS COGOMINHO	34
FRANCISCO DE MORAIS COUTINHO	35
FRANCISCO DE MORAIS DE PINA	35
FRANCISCO DE MORAIS SARDINHA	35
FRANCISCO MORATO ROMA	38
FRANCISCO MOREIRA RAMALHO	38
FRANCISCO DA NOBREGA DE AZEVEDO	38
D. FRANCISCO DE NORONHA	39
FRANCISCO NUNES AMADO	39
FRANCISCO DE OLIVEIRA COSTA	39
FRANCISCO ORTIZ	39
FRANCISCO PACHECO	39
FRANCISCO DE PAULA DA COSTA FEIO	40
FRANCISCO DE PAULA JORDÃO	40
FRANCISCO DE PAULA DE OLIVEIRA PREZADO	41
FRANCISCO DE PAULA TARANA	41

FRANCISCO PAZES	42
FREI FRANCISCO PEDRO NOGUEIRA	42
FRANCISCO PEREIRA	43
FRANCISCO PEREIRA CHARREIA	44
FRANCISCO PEREIRA DA ENCARNAÇÃO	44
FRANCISCO PEREIRA GARRO 1º.	44
FRANCISCO PEREIRA GARRO 2º.	45
FRANCISCO PEREIRA LOBO	45
FRANCISCO PEREIRA DA SILVA	45
FRANCISCO PEREIRA DA SILVA SOUSA E MENEZES	45
FRANCISCO PEREIRA XAVIER	46
FRANCISCO PERES AILON DE LAPA	46
FRANCISCO PIRES PERICOTO	48
FRANCISCO RIBEIRO	48
D. FRANCISCO DE RIVIERE	49
FRANCISCO RODRIGUES	49
FRANCISCO RODRIGUES DE ALMEIDA	49
FRANCISCO RODRIGUES DE BARROS	49
FRANCISCO RODRIGUES DE CARVALHO	50
FRANCISCO RODRIGUES COCHICHO	50
FRANCISCO RODRIGUES SAIAL	50
FRANCISCO RODRIGUES DE VALADARES	51
FRANCISCO RODRIGUES VERDELHO	51
FRANCISCO ROIZ CASACA	52
FRANCISCO ROIZ DA COSTA	52
FRANCISCO ROIZ DE LEMOS	52
FRANCISCO ROIZ RIBEIRO	52
FRANCISCO ROIZ DE VALADARES	52
FRANCISCO DE SA DE MIRANDA	52
FREI FRANCISCO DE S. JOSE TORRES	52
FREI FRANCISCO DE S. TOMÁS MENDES	53
FRANCISCO DO SAIAL	53
FRANCISCO SEPA MERGULHÃO	53
FRANCISCO SERRÃO DA VEIGA	53

FRANCISCO DA SILVEIRA	54
FRANCISCO DA SILVEIRA DA SILVA	54
FRANCISCO SOARES	54
FRANCISCO SOARES DE CARVALHO	55
FRANCISCO SOARES MANHAS	55
FRANCISCO SOARES MORENO	55
FRANCISCO DE SOUSA DA CAMARA	55
FRANCISCO DE SOUSA COUTINHO	56
FRANCISCO TAVARES	59
FRANCISCO DE TAVORA E ATAIDE	59
FRANCISCO DE VALDERRAMA	59
FRANCISCO DA VEIGA	60
FRANCISCO DE VILALOBOS	60
FRº. FRANCISCO DE VILA VIÇOSA 1º.	60
FRº. FRANCISCO DE VILA VIÇOSA 2º.	61
FRº. FRANCISCO DE VILA VIÇOSA 3º.	61
FRº. FRANCISCO XAVIER DA CONCEIÇÃO SAIAL	61
FRANCISCO XAVIER FERREIRA	62
FRANCISCO XAVIER DA GUERRA	62
FRANCISCO XAVIER DE GUSMÃO	62
D. FRANCISCO XAVIER DA SILVA LOBO 2º.	62
FRANCISCO XAVIER DO VALE	65
FRANCISCO ZEFERINO MENDES	65
D. FULGENCIO DE BRAGANÇA	66
GABRIEL DE BRITO MENEZES	66
GARCIA PIRES DO CAMPO	68
GASPAR DE ANDRADE	68
GASPAR ANTONIO BROCHADO	68
GASPAR DE BARROS	69
D. GASPAR CÃO	69
GASPAR CÃO LOBO	69
GASPAR DIAS	69
GASPAR FERNANDES CORREIA	70
GASPAR FERNANDES DE TORRES	70

GASPAR GALVÃO	70
GASPAR GIRÃO	71
GASPAR DE GOIS	71
GASPAR GOMES ESTEVES	72
GASPAR GONÇALVES CARRÃO	72
GASPAR GONÇALVES DA FONSECA	72
DR ^o . GASPAR LOPES	72
GASPAR DA NOBREGA	72
GASPAR DE OLIVEIRA PRATES	73
GASPAR RAIMUNDO OU REIMONDO	73
GASPAR RAIMUNDO DE SANDE	74
GASPAR DE S ^a	74
FR. GASPAR VALENTE	74
GASPAR VAZ	75
GASPAR VAZ DE SOUSA	75
GENEBRA MENDES	75
GERVASIO PEREIRA BORGES	75
GIL DA COSTA	76
GIL DE SEQUEIRA	76
GOMES FERREIRA	76
GOMES FREIRE DE ANDRADE 1 ^o	76
GOMES FREIRE DE ANDRADE 2 ^o	77
DR ^o . GOMES DE MELO	78
DR ^o . GOMES DE MORAIS	78
GOMES SOARES	79
P ^a . GONÇALO ALVARES	79
GONÇALO DE AZEVEDO	79
GONÇALO FERNANDES LEITÃO	80
GONÇALO GIL DE CASTRO	80
GONÇALO GUERRA	80
GONÇALO MENDES MERGULHÃO	80
GONÇALO DE OLIVEIRA	81
D. GONÇALO PINHEIRO	81
GONÇALO PIRES DE AZAMBUJA	81

GONÇALO RODRIGUES	81
DR.º GONÇALO DA SILVEIRA	81
GONÇALO DE SOUSA	82
GONÇALO TOSCANO FUREIRO	82
GONÇALO VAZ PINTO 1.º	82
GONÇALO VAZ PINTO 2.º	83
GREGÓRIO MIXIEIRO	83
GREGÓRIO DE SOUTO	84
GREGÓRIO TELES DE ANDRADE	85
GUILHERME DA SILVA CARVALHO	85
HEITOR DE BRITO PEREIRA	85
HEITOR DE FIGUEIREDO	85
HEITOR DE FIGUEIREDO DE BRITO	86
HELENA DO PARAISO	86
D. HELENA DE SOUSA	87
HENRIQUE ALVARES	87
HENRIQUE DE CASTRO	87
HENRIQUE DE FIGUEIREDO	87
HENRIQUE DE FIGUEIREDO 2.º	87
HENRIQUE FRANCISCO DE CASTRO	88
P.º. HENRIQUE HENRIQUES	88
HENRIQUE HENRIQUES DE MIRANDA	90
HENRIQUE DE MELO LOBO TÁVORA	90
HENRIQUE POUSÃO	91
HENRIQUE DA SILVEIRA MENEZES	96
HENRIQUE DE SOUSA	96
INACIO ANTONIO DOS SANTOS	97
INACIO CAETANO PEREIRA	97
INACIO CLEMENTE DA COSTA	98
INACIO DA COSTA DE CARVALHO 1.º	98
INACIO DA COSTA DE CARVALHO 2.º	99
INACIO JOÃO VIEGAS DA PONTE	102
INACIO JOSE DO PRADO	103

INACIO DO REGO DE ANDRADE 1º.	104
INACIO DO REGO DE ANDRADE 2º.	104
INACIO DA ROSA REBELO	104
INACIO DA SILVEIRA MENEZES	105
INACIO DE SOUSA BARBOSA	106
INES DOS ANJOS	106
ISABEL ARCANJELA DOS SERAFINS	106

IMPRESSO POR GRÁFICA CALIPOLENSE

VILA VIÇOSA

TIRAGEM 1 500 EXEMPLARES

ABRIL 87

MEMÓRIAS

de

VILA VIÇOSA

É uma extensa monografia e laborada no século XIX pelo Padre Joaquim José da Rocha Espanca cujo manuscrito se encontra arquivado na Biblioteca da Câmara Municipal de Vila Viçosa.

Investigação duma profundidade pouco comum, representa hoje um contributo importante para a divulgação principalmente da História e Etnografia da região.

Dada a extensão da obra cujo original é composto por cinco Tomos de quase mil páginas manuscritas cada, dividir-se-á cada Tomo em cinco volumes. Prevê-se ainda a publicação de outro trabalho do mesmo autor editado em 1894 sob o título "Estudo sobre as Antas e seus congéneres" de que foram impressos somente 200 exemplares.

